



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde –
PGPDS

**O PROCESSO DE TORNAR-SE:
UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA CULTURAL**

Telma Regina Lago Costa

Brasília, março de 2013.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

**O PROCESSO DE TORNAR-SE:
UM ESTUDO DE CASO NA PERSPECTIVA CULTURAL**

Telma Regina Lago Costa

Esta Dissertação foi apresentada ao Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, na área de Desenvolvimento Humano e Educação.
Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Helena Zabotto Pulino.

Brasília, março de 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO PARA AVALIAÇÃO PELA SEGUINTE BANCA
EXAMINADORA:

Prof(a). Dr(a) Lúcia Helena Zabotto Pulino – Presidente

Universidade de Brasília (UnB)

Prof(a). Dr(a) Cléria Botelho da Costa – Membro

Universidade de Brasília (UnB)

Prof(a). Dr(a) Regina Pedroza – Membro

Universidade de Brasília (UnB)

Prof(a). Dr(a) Silviane Barbato – Suplente

Universidade de Brasília (UnB)

Brasília, março de 2013.

“Onde falta o amor, o poder preenche o vazio”.
“Cada momento de mi vida es el más importante”
Vera Schiller de Kohn (1912 -2012).

À Dra. Vera Schiller de Kohn, em memória, e aos psicoterapeutas formados pelo CDI-Quito/Tumbaco, pela oportunidade de aprendizagem.

Aos meus pais pelos cuidados sempre amorosos e por ter me mostrado o prazer do estudo.

À minha filha Camila pelo apoio que sempre me dá na vida, para eu me desenvolver e tornar-me quem sou a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a oportunidade de participar de um mestrado na Universidade de Brasília, orientada por uma professora e amiga que admiro, principalmente pela delicadeza no trato e confiança na orientação. Em seguida aos meus queridos pais Celso e Zenaide que me apoiam sempre de forma incondicional e amorosa, mesmo quando minhas escolhas são diferentes do que desejaram para minha vida. À minha filha amada Camila, por ser quem ela é e por ver a vida como uma dança e uma floresta, sempre plantadas com amor e respeito pelos laços afetivos. Agradeço também a todos meus familiares, que me fazem sentir que pertencço e estou vinculada a laços amorosos.

Agradeço a minha mestra, amiga e psicoterapeuta Vera Kohn, por ter sido um exemplo de pessoa que quero ser quando crescer, e por ter me dado oportunidade de convivência e participação em sua trajetória de vida, por meio das conversas, trabalhos e entrevistas doadas amorosamente em confiança. Sem ela esse trabalho não teria existido.

Aos amigos adquiridos durante o mestrado, principalmente Mônica e Rossana, com quem nessa jornada, estudei semanalmente, fizemos laços fortes e desenvolvemos uma cumplicidade, que desejo que sejam eternos. Às novas amigas chegadas com afeto Marcella, Marina, Franciene, Polianne, Cândida e várias outras que também participaram dessa luta. À Aline, colega que me mostrou a sua maestria e humor com seu jeito diferente e sensível de enxergar a vida.

Às professoras do departamento que compartilharam seus conhecimentos e apontaram muitos caminhos, facilitando minhas escolhas, principalmente Maria Claudia, Silviane, Regina, e claro minha orientadora Lúcia Pulino. Ao grupo Ágora Psyché pela convivência e aprendizado. Agradeço também à professora Cléria pelo acolhimento no departamento de História. Gratidão também aos meus alunos da faculdade Cecap que me ensinam a cada dia a ser mais humilde e respeitosa com as diferenças.

Agradeço à Viviane Horta, por sua delicada forma de ser, a nossa amizade, o incentivo e o companheirismo que sempre estiveram presentes nas nossas conversas. Agradeço o carinho, confiança e amizade ao grupo de estudos de psicólogos, sob a coordenação amorosa de Roberto Crema, durante 21 anos, e aos colegas participantes, Alice, Ana Lúcia, André, Elza, Jerusa, Miriam, Suzana e Theresa, por participarem de muitos momentos importantes da minha vida e por termos construído tantos conhecimentos juntos.

Gratidão também ao meu amigo Marcos Leão pelo incentivo aos meus projetos, me animando nos momentos em que pensei que não teria forças para continuar no meu propósito. Ao grupo de cinema e filosofia, David, Vinicius, Léo, Jane, Larissa e professor Julio Cabrera, pelas conversas animadas e inteligentes que me auxiliaram a fazer conexões afetivas e

filosóficas nessa pesquisa. Agradeço a Newton Martins por ter doado com amor a tradução do livro de Vera para o português, e por pacientemente ter lido as crônicas produzidas para este trabalho, incentivando a minha criatividade.

Meu agradecimento eterno pela forma amorosa da minha querida amiga Jerusa que esteve comigo animadamente em Quito, por duas vezes, para realizar esse estudo e por participar de várias viagens minhas, tanto de avião quanto nas ideias.

Gracias à Martha Macias e à Márcia Valarezzo, amigas com quem pude contar em Quito pelas preciosas informações para esse trabalho e pela disponibilidade de ambas em auxiliar e a cuidar dos nossos laços de amizade. Gracias também ao Fabian, terapeuta holístico que cuidou de Vera por 25 anos, por sempre cuidar de mim quando estou em Quito, e por sua disponibilidade ao conceder uma entrevista para este trabalho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
PARTE I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
CAPÍTULO 1: DESENVOLVIMENTO HUMANO EM UMA PERSPECTIVA CULTURAL	5
1.1 Psicologia cultural e desenvolvimento humano	5
1.2 Ser Humano	6
1.3 Cultura	10
1.4 Desenvolvimento Humano.....	11
1.4.1 Rupturas	12
1.4.2 Campos.....	13
CAPÍTULO 2: DIALOGISMO, POSICIONAMENTO E NARRATIVAS.....	15
2.1 Dialogismo.....	15
2.2 Posicionamentos a partir da teoria do <i>self</i> dialógico	17
2.2.1 Posicionamento e reposicionamento: a constituição do self	20
2.3 Narrativas: como a experiência humana é expressa	22
PARTE II – A PESQUISA EMPÍRICA.....	25
OBJETIVO	25
METODOLOGIA	26
1. Considerações metodológicas	26
2 Método.....	30
2.1 Apresentação da participante	30
2.2 O início do processo de pesquisa	30
2.3 Materiais	32
2.4 Procedimentos	32
PARTE III - RESULTADOS E ANÁLISES.....	34
1.1 Procedimentos	34
1.2 Análise e discussão dos conteúdos	35
Crônica 1: Vida em Praga	36
Crônica 2: Fuga da Guerra.....	38
Análise da crônica 1: vida em Praga x crônica 2: Fuga da Guerra.....	39
Crônica 3: Vera mulher.....	44
Análise da crônica 2: Fuga da guerra x crônica 3: Vera mulher	46
Crônica 4: A esquizofrenia.....	49

Análise 3 Análise da crônica 3: Vera mulher x crônica 4: a esquizofrenia	51
Crônica 5: O nascimento da profissão.....	56
Análise da Crônica 4: Esquizofrenia x Crônica 5: O nascimento da profissão.....	57
Crônica 6: Vera, história e a despedida.....	61
Análise da Crônica 5: O nascimento da profissão x Crônica 6: Vera, história e despedida	63
PARTE IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	72
Anexo 1.....	73
Anexo 2.....	74
Anexo 4.....	87
Anexo 5.....	89
Anexo 7.....	99
Anexo 8.....	110
Anexo 9.....	113

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 Vera e Telma na sala de visitas em sua residência, construída pelo seu marido, o arquiteto Karl Kohn.....	4
Fotografia 2 Inauguração da sede do Centro de Desarrollo Integral em Tumbaco, Equador, doada para cópia por Vera Kohn à Telma Costa para este trabalho.	60
Fotografia 3 Festa de 100 anos no Centro de Desarrollo Integral em Tumbaco, Equador em março 2013, com 200 convidados.....	66

RESUMO

O presente trabalho, na perspectiva cultural, busca contribuir com as pesquisas na área de Psicologia do Desenvolvimento, utilizando metodologia qualitativa, especialmente a narrativa da história de vida, buscando rupturas e marcadores que possam ser consideradas indicadores de desenvolvimento humano durante toda a vida, com possibilidades até o último suspiro. Compreende-se o desenvolvimento humano como um fenômeno sistêmico, aberto, bilateral, entre a relação da pessoa com o ambiente, mediado dialogicamente pela cultura. Além das entrevistas semiestruturadas realizadas para esta pesquisa, foram analisados DVDs com entrevistas feitas por terceiros e documentos escolhidos pela participante. O objetivo geral da investigação foi analisar a trajetória de vida, buscando compreender como a narrativa da história de vida ou autobiográfica pode se tornar uma referência importante na compreensão da identidade do sujeito e sua relação com a cultura, construindo uma estrutura e uma dinâmica psicológica, cuja autoria pode ser assumida pela participante. Foi realizada uma análise da narrativa, organizando-se os relatos em crônicas, tendo como perspectiva o reconhecimento dos significados e sentidos que a participante deu a fatos, lugares e pessoas, buscando pontos que provavelmente geraram mutação na sua trajetória de vida. O resultado das análises mostrou que todos os elementos considerados tiveram importância na compreensão da trajetória de vida da participante, e que a narrativa na primeira pessoa, autobiográfica, ainda que sendo complementada pelo relato dos outros e por todo o material utilizado, apresentou-se como recurso importante e legítimo no sentido de demarcar os momentos cruciais de seu desenvolvimento. A pesquisa, especialmente por trabalhar com uma história de vida tão longa, que testemunhou momentos significativos da história ocidental, traz importantes contribuições para os estudos sobre Psicologia do Desenvolvimento, na perspectiva cultural e para outros campos do conhecimento.

Palavras-chave: cultura, desenvolvimento, narrativas, posicionamentos.

ABSTRACT

This dissertation in the cultural perspective seeks to contribute to the research in developmental psychology by using qualitative methodology, especially the narrative of a life history, seeking breaks and markers that may be considered indicators of human development throughout life, with its possibilities until the last breath. Human development is understood as an opened, bilateral systemic phenomenon which takes place between the person's relationship and the environment, dialogically mediated by culture. Besides the semi-structured interviews conducted for this research, interviews on DVDs produced by third parties and documents chosen by the participant have contributed to the analyses. The overall goal of the inquiry was to analyze the trajectory of life, trying to understand how Life history or the autobiographical narrative can become an important reference in the understanding of the subject's identity and its relation to culture, building a structure and a psychological dynamics whose authorship can be assumed by the participant. An analysis of the narrative was made possible by transforming the reports in chronicles in an attempt to recognize the senses and the meanings that the participant attributed to facts, places and people, seeking points that probably generated mutation on her life course. The result of the analysis showed that all elements considered were important in understanding the life trajectory of the participant, and that the first-person narrative, autobiographical, although being complemented by the narrative of others together with all the used material, has presented itself as an important and legitimate instrument to demarcate the crucial moments of her development. The research, especially by working with a long-lived life story, which has witnessed significant moments of the Western history, brings important contributions to the study of developmental psychology, in cultural perspective and in other fields of knowledge.

Keywords: culture, development, narratives, placements.

APRESENTAÇÃO

O interesse inicial deste estudo surgiu após a minha convivência como cliente e, mais tarde, como coterapeuta e aluna, auxiliando em seminários psicoterapêuticos coordenados pela psicóloga Vera Schiller de Kohn¹. Eu me surpreendia com o entusiasmo, confiança e a capacidade dessa psicóloga de estar presente e atenciosa nos atendimentos dos clientes em seminários e grupos de psicoterapia em que participei.

Inicialmente pensei, para essa pesquisa, em produzir algum estudo que pudesse auxiliar na formação acadêmica e prática para a área de psicologia. Nesse intuito, resolvi partir para entrevistas com três psicólogos que estivessem em diferentes tempos em suas profissões, e assim comparar o que poderia surgir como marcos significativos em cada história de vida desses profissionais participantes, para analisar o que poderia ter despertado o interesse para a profissão. Poderia analisá-las e assim pensar sobre alguma contribuição em projetos de formação para psicólogos.

Fiz duas entrevistas com a psicóloga Vera Schiller de Kohn, buscando esse tema. Para a primeira entrevista, fui a São Francisco de Quito, Equador, em 2010, e, infelizmente, por um problema técnico, o gravador falhou no registro, ficando apenas na memória e em anotações alguns poucos registros. No entanto, na segunda visita, em 2011, gravei uma entrevista e essa que utilizo nesse trabalho.

À medida que fui trabalhando no meu projeto para apresentar na jornada do departamento, o tema que realmente me interessava foi se delineando no campo do desenvolvimento humano. Eu tinha acesso a essa mulher de 98 anos na época, com formação em Psicologia, com diversas possibilidades de registros sobre desenvolvimento humano por meio de sua história de vida e, ainda mais, cheia de nuances social, psicológica e histórica.

Então, mesmo com Vera e seus completos 100 anos, decidi ir pela terceira vez a Quito, em julho de 2012, buscando apurar mais alguns dados sobre sua vida. Minha passagem aérea já estava comprada com antecedência e meu objetivo era entrevistá-la, já com o tema do desenvolvimento humano em mãos. Infelizmente, faltando 11 dias para a minha chegada a Quito, soube a notícia de seu falecimento.

Chegar a Quito sem a possibilidade de ver Vera foi triste, mas fui ao encontro de pessoas que pudessem registrar, em entrevistas, suas percepções sobre a trajetória de vida de Vera. Realizei entrevistas com o médico holístico que acompanhou Vera por 25 anos até seu último dia; depois com a pessoa que registrou seu último livro lançado nos seus 100 anos de idade, em 23 de março de 2012, e a psicóloga que esteve junto à Vera na inauguração do Centro de Desarrollo Integral (CDI) no Equador.

¹ A participante única desse estudo autorizou o uso de seu nome, informações construídas, imagens etc. para essa pesquisa e o comitê de ética aprovou a identificação.

Para esta dissertação de mestrado, além dessas entrevistas, utilizei seus livros autobiográficos, DVD recolhido de um canal de TV, em que ela havia sido entrevistada, um DVD produzido com uma entrevista dela, outras informações que pude colher e as minhas próprias informações e interpretações que obtive nas entrevistas com ela e do meu convívio como coterapeuta, cliente, aluna e amiga.

O interesse e a escolha de Vera Kohn para essa pesquisa é, além da sua vida longa, a disposição que demonstrou de reorganizar a vida, após diversos momentos em que tantas solicitações do mundo a convidaram a se desorganizar intrapsicologicamente. Além desse motivo, havia uma multiplicidade de posicionamentos, nas solicitações de papéis sociais, que puderam ser conferidos nas suas narrativas.

Nesse sentido, apesar de esse trabalho ser a respeito de uma mulher com 100 anos completos, essa dissertação pretende que seja sobre o desenvolvimento humano, sobre vida e escolhas da participante. Não pretendo que seja sobre o tema envelhecimento. O estudo, então, para essa finalidade, será focado nas narrativas, que tecem vínculos com a Psicologia Cultural, embasado pelos autores escolhidos.

Este trabalho, inserido na pesquisa qualitativa, é um estudo de caso e tem como tema o processo de desenvolvimento humano. A participante da pesquisa é uma psicóloga nascida na República Tcheca em 1912, com formação em Psicologia.

O interesse em realizar esse estudo deve-se particularmente à minha trajetória profissional de psicóloga clínica e pela minha participação como cliente como coterapeuta e como aluna da participante em seus diversos cursos e seminários realizados. Desde 1987, soube de uma psicóloga que vinha ao Brasil para ministrar aulas na formação holística de base na Unipaz/Brasília. Não sei precisamente quando a conheci, mas sei que comecei a participar de seus seminários e atendimentos em pequenos grupos psicoterapêuticos há pelo menos 20 anos.

O que me chamava atenção nessa pessoa era a sua forma diferente de atendimento e também a sua disposição e confiança no processo de cada cliente que atendia. Continuei a frequentar os seminários anuais dessa psicóloga, em suas vindas ao Brasil, e foi em 2010, já pensando em realizar o mestrado na área de desenvolvimento humano, que surgiu o interesse em estudar seu jeito de atuar ou sua trajetória de vida.

O objetivo geral dessa dissertação, portanto, é analisar a possibilidade de haver desenvolvimento durante a maturidade, até a morte, reconhecendo os pontos de ruptura ou mudança qualitativa que possam caracterizar o desenvolvimento na vida de uma pessoa, a partir de sua narrativa autobiográfica, complementada com outros procedimentos metodológicos.

Para alcançar esse objetivo, partimos de algumas pressuposições:

. o ser humano nasce inserido em uma cultura e suas escolhas e significados vão construindo sentidos na sua própria vida;

. a construção e reconstrução de nossos sistemas pessoais de significados ao longo do nosso curso de vida torna-nos quem somos;

. nas narrativas sobre uma história de vida, podemos identificar informações sobre o dia a dia e quais os posicionamentos escolhidos pelo sujeito para construir sua identidade pessoal, ou também chamado de singularidade ou cultura pessoal.

Os eixos teórico-epistemológicos que sustentaram esse estudo de caso são relativos ao processo de desenvolvimento humano. Estão divididos em dois capítulos: (1) Desenvolvimento humano em uma perspectiva cultural, sendo os principais autores Valsiner (2007) e Vigotski (2001, 2007), em uma perspectiva dialógica (Bakhtin, 2010); (2) Posicionamentos e constituição de *self* (Hermans & Hermans-Konopka, 2010) e narrativas (Bakhtin, 2010; Benjamim, 1996; Bruner, 1997, Delgado, 2006).

Com as informações, procurei tecer, em formato de crônica, relatos da história de vida da participante com alguns pontos que considerei como principais marcadores de mudanças. Essas crônicas são escritas na primeira pessoa, sendo as cinco primeiras como se fosse a própria participante contando, e a última em que eu conto sob o impacto da sua morte em mim e o que colhi da minha ida a São Francisco de Quito após sua morte.

Para a análise das crônicas, utilizei como inspiração a metodologia construtivo-interpretativa de González Rey (2002, 2005) e Zittoun e Gillespie (2012), procurando pontos de mudança que pudessem caracterizar desenvolvimento.

O estudo de caso, na pesquisa qualitativa, é considerado legítimo, pela amplitude de alcance de identificação dos diferentes posicionamentos de *self*. Considero que as crônicas, mesmo que não sejam exatamente o que ela contaria, demonstram que a pesquisa qualitativa é de fato uma co-construção com a participante de pesquisa.



Fotografia 1 Vera e Telma na sala de visitas em sua residência, construída pelo seu marido, o arquiteto Karl Kohn, São Francisco de Quito, 23/05/2010.

Aprovada pelo comitê de ética e pela Dra. Vera Kohn a exibição de imagens e informações sobre esta única participação da pesquisa.

PARTE I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção do trabalho apresenta os eixos teórico-epistemológicos que sustentaram esse estudo de caso relativo ao processo de desenvolvimento humano. Está dividido em dois capítulos: (1) Desenvolvimento humano em uma perspectiva cultural; (2) Posicionamentos e constituição do *Self*; e narrativas.

CAPÍTULO 1: DESENVOLVIMENTO HUMANO EM UMA PERSPECTIVA CULTURAL

“Contra tudo e todos, o sujeito afirma o amor como valor” (Barthes, 2003, p. 15)

1.1 Psicologia cultural e desenvolvimento humano

Compreende-se o processo de desenvolvimento humano a partir de uma base cultural, tendo como principais interlocutores Valsiner (2007) e Vigotski (2001); em uma perspectiva dialógica, baseada nos estudo de Bakhtin (2010), associado à teoria do *self* dialógico de Hermans e Hermans-Konopka (2010) e Valsiner (2007).

A psicologia cultural possui suas raízes no pensamento filosófico soviético do início e meados do século XX. Seus pensadores mais representativos são Vigotski, Luria, Leontiev e Bakhtin, que absorveram do marxismo o materialismo dialético e utilizaram essa visão filosófica em suas pesquisas de pensamento dialético, para analisar o desenvolvimento humano em termos de realizações coletivas, por meio de mediações. Para estes autores, mediação é a única forma de o ser humano lidar com o mundo, e o principal processo de mediação que conecta os seres humanos nas relações de uns com os outros, consigo mesmo e com as instituições de sua cultura se dá por meio da linguagem. “A linguagem não é só uma reação expressivo-emocional, mas também um meio de contato psicológico com semelhantes” (Vigotski, 2001, p.127).

Esses autores enfatizaram na atividade humana o engajamento historicamente estruturante, enquanto seres trabalhadores, na transformação da natureza. Tal atividade é organizada como práticas sociais distintas que possuem suas próprias trajetórias históricas. Para Vigotski, o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie (Vigotski, 2007).

A influência sociopolítica nesses autores, como já foi dito acima, é o marxismo e, por meio dessa influência, tomaram o materialismo dialético como embasamento epistemológico à ciência e, portanto, à Psicologia. A partir das pesquisas desses autores, o social e a cultura

passam a ser considerados na Psicologia Cultural como estruturantes na identidade pessoal de cada ser humano.

Segundo Andery et al. (2006), o conhecimento científico adquire no marxismo:

O caráter de ferramenta a serviço da compreensão do mundo para sua transformação, transformação que deve ocorrer na direção que interessa àqueles que são os produtores reais da riqueza do homem – os trabalhadores – e que por sua própria condição histórica estão em antagonismo com os detentores dos meios de produção – os donos do capital (p. 420).

Vigotski foi influenciado pelo meio em que viveu e pela visão política da época, no seu país. Não afirmar isso seria de início contradizer sua própria teoria. Apesar de ter falecido em 1934, sua teoria só foi estudada no Ocidente alguns anos depois de sua morte. Seu primeiro livro publicado em inglês foi em 1962, com introdução de Bruner (Fávero, 2005). Depois disso, suas obras proliferaram, principalmente em 1980, e junto a elas a noção de que o desenvolvimento das funções superiores do pensamento intelectual ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

A cultura, dessa forma, mediadora do processo de formação do ser humano, modifica a perspectiva de análise da identidade humana. O ser humano não é mais visto como algo estático, e passa a ser analisado de forma processual e relacional. Assim, uma análise diferenciada de processos de constituição do humano requer uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos (Vigotski, 2007).

Corroborando com essa ideia, para Pulino (2008), os significados ligados aos sistemas simbólicos criados pelo ser humano são significados compartilhados por determinado grupo cultural. As pessoas que vivem numa determinada cultura, num determinado momento histórico, compreendem o mundo de uma determinada maneira, organizam e significam suas ações, sentimentos e pensamentos, de acordo com os parâmetros dados por essa cultura, de modo que o indivíduo não é uma unidade isolada para Vigotski, mas uma síntese de uma rede de múltiplas determinações, biológicas, históricas, sociais, econômicas, culturais e psicológicas.

Assim, a Psicologia Cultural dedica-se ao estudo da forma como as tradições culturais e práticas sociais regulam, expressam e transformam a psique humana de maneira dinâmica e dialética em suas ambivalências (Valsiner, 2007).

Com essa percepção de que a cultura perpassa a psique humana na sua formação, a seguir discorreremos sobre a concepção de ser humano.

1.2 Ser Humano

Para iniciar o tema do desenvolvimento, vamos contextualizar quem é esse ser que se desenvolve e que se constitui como *Self* (si mesmo) em negociação com o contexto social e cultural. O conceito de *self* que é adotado para esse estudo é de um *self* dialógico, não só pela

multiplicidade de vozes que o constitui, ou seja, a sociedade povoa em múltiplas vozes cada indivíduo, como também por considerar que existem diferentes “partes” do *self*, que dialogam entre si, no processo de posicionamento do *self* (si mesmo) diante do “outro” (Hermans & Hermans-Konopka, 2010). E nesse estudo, por meio de análise da história de vida de apenas um sujeito, buscaremos compreender essa questão.

O ser humano é um ser integrante da natureza e precisa se relacionar com ela para sobreviver como indivíduo e também como espécie. A sobrevivência da espécie se dá com base em sua adaptação ao meio. Nessa busca de satisfazer essas necessidades, atua sobre a natureza de forma mediada, podendo planejar e atuar além das imediatezidades situacionais. Essa capacidade de planejar e criar diferentes maneiras para a realização dessas tarefas o diferencia da relação que o animal tem com a natureza, onde o comportamento deste último é determinado apenas biologicamente (Andery et al., 2006).

A ação humana se dá principalmente pela incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e transmitidos de geração a geração, por meio da educação e da cultura. À medida que a natureza é alterada pelo ser humano por meio das marcas de suas atividades, ele altera a si próprio por intermédio dessa interação. Assim é o processo de produção da existência humana, sempre inserido num processo social, “o homem não só cria artefatos, instrumentos, como também desenvolve ideias (conhecimento, valores, crenças) e mecanismos para sua elaboração (desenvolvimento de raciocínio, planejamento ...)” (Andery et al., 2006, p. 10).

Para Pulino (2008), o indivíduo não nasce humano. O processo de tornar-se humano se dá no contato com o meio e com o outro social. Este processo de formação e desenvolvimento é contínuo e acontece ao longo da vida. Assim, o desenvolvimento humano é um processo social que se caracteriza por uma via de mão dupla: “à medida que o indivíduo se constitui, agindo no mundo e relacionando-se com os outros, também participa da construção da sociedade e da cultura” (Maciel & Pulino, 2008, p. 16).

Além da relação com a natureza, o homem na sua existência precisa se relacionar também com os outros homens e nessa relação produz ideias, modifica culturas que sofrem determinações históricas e ambivalências conflitantes entre os diferentes interesses dos grupos que formam essa cultura. E esses interesses podem ser de caráter econômico ou podem ser de outro caráter.

E, é nesse jogo – do que a sociedade espera e permite que a criança seja, da imagem que construímos dela e de sua ação no mundo, de sua maneira original de se constituir como, a um tempo, um ser original e um igual, que compartilha dos símbolos e valores da cultura à sua maneira – que todo indivíduo se torna, ao longo de sua vida, um ser humano num determinado momento histórico, fazendo parte de e construindo uma cultura, ocupando um lugar numa sociedade, que ele próprio ajuda a formar e a transformar (Pulino, 2008, p. 24).

A possibilidade de o sujeito atribuir sentidos diversos ao socialmente estabelecido demarca a sua condição de autor, pois, embora essa possibilidade seja circunscrita às condições sócio-históricas do contexto em que se insere e o caracteriza como ator, a relação estabelecida com a cultura é ativa, marcada por movimentos de aceitação, oposição, confrontação, indiferença (Hermans & Hermans-Konopka, 2010).

O conceito de ser humano utilizado por Valsiner (2007), nessa mesma direção, concebe o ser humano como um ser que só se transforma em humano inserido numa cultura por meio da criação e uso de signos, numa temporalidade, portanto, histórica, e na relação bidirecional, transformando os signos criados na cultura coletiva, para criar campos de significados na sua cultura pessoal.

Pensar num ser humano singular, ao mesmo tempo respeitar e considerar a multiplicidade de posicionamentos que pode escolher, inserido numa relação dialógica para se constituir, é o desafio da Psicologia cultural. Para Salgado (2006), em um estudo no campo do desenvolvimento humano, existe o desafio de integração de uma dimensão temporal e maturacional na constituição das posições do Eu, ou seja, os posicionamentos do *self*.

Considerando que o ser humano está inserido numa cultura, e como afirma Bakhtin (2010), que a realidade do psiquismo interior é dos signos, e sua forma de agir é permeada por essa cultura, precisamos pensar como se dá essa formação do pensamento que sustentará a ação do indivíduo.

Desde que nascemos, ouvimos os contos de fadas típicos da nossa cultura, as histórias religiosas, os mitos que nos cercam, as regras sociais, entre outros, tudo isso vai formando uma rede com uma textura que nos envolve e, de forma pessoal, vamos construindo nosso pensamento por meio de escolhas dessas sugestões sociais.

Cada tempo histórico tem em suas culturas os seus mitos sustentando simbolicamente aquela cultura. Os mitos são textos narrados que contam nossa história passada, entrelaçadas pelas metáforas criadas pela cultura, como sustentação de verdades coletivas. Essas crenças e superstições são carregadas de valores sociais, e por meio dos signos, vão nos guiando na construção do mundo e na forma que cada um de nós constrói as ações no presente em direção ao futuro.

Os mitos coletivos têm a função, dentre outras, de possibilitar uma relação pessoal com uma fonte criada por esse coletivo, seja ela religiosa, nacional ou outras crenças que auxiliem esse participante a se organizar na projeção de suas ações do presente para o futuro. Então o ato de pensar será sempre um construto de cada indivíduo formado com o que capta, por meio de signos, que transformam em significados essas sugestões vindas do ambiente cultural.

Os seres humanos contam histórias coletivas e estas se tornam mitos que guiam toda uma sociedade. Ao mesmo tempo, cada ser humano tem seus próprios sonhos que são como

histórias contadas a si mesmo com o material produzido pela sua interpretação desses mitos e verdades construídas pela coletividade (Campbell, 1990).

Cada indivíduo está na sua existência, movimentando-se entre os espaços privado e público, entre as instituições que pertencem e constituem essa cultura coletiva em que está inserido, e nos seus papéis sociais. Sua liberdade como indivíduo é poder estar se relacionando com essa cultura e ao mesmo tempo poder modificá-la dando novos sentidos ou metas, tanto a sua própria vida, quanto a modificação da cultura coletiva em que se relaciona.

Como participante da cultura, vai constituindo-se de acordo com suas interpretações e sentidos criados pelas sugestões disponíveis socialmente, criando sua cultura pessoal que também está sempre em transformação. Como afirma Valsiner (2007, p. 109), “é pela apresentação da experiência passada, por meio de signos, que criamos o próximo momento de nossa experiência”.

Vigotski atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica na psique humana que estrutura o processo de desenvolvimento enraizado nas ligações entre individual e história social (Vigotski, 2001).

Sobre a constituição do sujeito, ou seja, o ser humano que se posiciona, existem diversas interpretações ao pensamento de Vigotski. Utilizamos este autor por considerá-lo um dos pioneiros, junto a outros soviéticos, na integração da cultura como estruturante na constituição do sujeito. E apesar de todos os autores da Psicologia cultural utilizarem como pressuposto que o homem é constituído a partir das relações sociais, existem algumas diferenças nas possibilidades de análises da subjetividade e da constituição do sujeito.

Segundo Molon (2003), pode-se separá-las em:

a) Intrapsicológicos ou intraindividuais, com seu mais importante representante Jaan Valsiner (2007). O indivíduo torna-se um sujeito via relação social, num modelo bidirecional na relação com a “cultura coletiva”, criando sua “cultura pessoal”, resistindo, aceitando, negociando e transformando a cultura coletiva, mediados por instrumentos semióticos. Esse autor prefere focar sua atenção na forma em que esse sujeito constrói sua identidade pessoal na relação com as sugestões da cultura coletiva para formar a sua “cultura pessoal”. A “cultura coletiva” é para ele um somatório da “cultura pessoal” de cada ser humano.

b) Interpsicológicos ou interindividuais, sendo o seu representante mais conhecido Wertsch, que parte do pressuposto de que o funcionamento interpsicológico está ligado ao funcionamento intrapsicológico, considerando que a transição ocorre por mudanças quantitativas e qualitativas. A origem dessa transição está nos instrumentos semióticos usados na interação social.

c) Ênfase na relação dialética das dimensões intra e interpsicológica em que Smolka tenta superar o dualismo entre o funcionamento interpsicológico e intrapsicológico indicando que a constituição do sujeito acontece, dialeticamente, no funcionamento interpsicológico e não

apenas em situações de intersubjetividade. Para Smolka, a alteridade aparece como fundamento do sujeito e o sujeito como centro da teoria de Vigotski.

d) A concepção do sujeito interativo é compreendida por Goes como uma postura sociointeracionista da teoria de Vigotski, em que o sujeito não é apenas ativo nem passivo, e sim sempre interativo.

e) A concepção do sujeito semiótico é a maior contribuição de Wersch e Kozulin, por considerar que o sujeito é semiótico e interpretar Vigotski como tendo ido além do paradigma da ação instrumental material e conceber o sujeito também no paradigma da produção cultural.

Existem essas principais concepções e ainda de outros autores e a concordância de todos sobre a constituição do sujeito, que se dá necessariamente vinculada à participação do “outro”. Esses autores estudaram a fundo as pesquisas desse pensador Vigotski e provavelmente honram a sua teoria, suas contribuições e suas modificações à cultura da época. Vigotski faleceu em 1934 e, ainda hoje, diversos autores continuam a estudá-lo, sua teoria continua balizando estudos importantes sobre Psicologia cultural e outras áreas nas ciências humanas, integrando a cultura como estruturante na formação do pensamento humano.

Nesse estudo, adotaremos uma constituição de sujeito, que foca a atenção na forma em que o sujeito constrói sua identidade pessoal na relação com as sugestões da “cultura coletiva” para formar a sua “cultura pessoal”, ou seja, no intrapsicológico ou intraindividual, levando-se em consideração o que nos ensina Valsiner: a cultura coletiva é o somatório da “cultura pessoal” de cada ser humano.

Buscar a singularidade do sujeito, como ele se constitui, sempre inserido na cultura é o foco da Psicologia cultural, mesmo que tenhamos diferentes olhares e maneiras de definir esse ser humano e seus posicionamentos. Como a perspectiva desse estudo é cultural para analisar o desenvolvimento do ser humano, como sujeito, esclarecemos aspectos da cultura relacionados com o social por meio da linguagem, para cada indivíduo criar seus significados pessoais.

1.3 Cultura

A cultura é a maneira como a coletividade realiza a transformação da natureza, das relações, dos sentimentos e de tudo que o mundo oferece de forma material num mundo significativo. É a parte da organização sistêmica das funções psicológicas humanas, pelo uso de signos (Valsiner, 2007). É formada pelo conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização e essas manifestações são atividades como música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos e formas de organização social.

A cultura estrutura nosso pensamento, que se processa por meio dos signos e símbolos. Signo é definido por Pierce, como um objeto que está para a mente de alguém em lugar de outra coisa. Enquanto o símbolo é um signo que precisa de um interprete (Valsiner, 2007). Cada cultura parece ser uma espécie de programa com seu conjunto próprio de sinais que parecem funcionar e ganhar sentido para cada um dos participantes. E para Fávero (2005), o sentido é, então, uma relação do sujeito com as situações e os significantes.

A maneira como as pessoas pensam e as ferramentas psicológicas que elas utilizam ao pensar são resultados de construção cultural. Quando nos referimos a pensamento, linguagem, cultura, como organizadores da psique humana, nessa cultura, haverá signos e significados pertencentes a ela e sempre em movimento e em transformação (Valsiner, 2007).

Para Shweder (1991), a psicologia cultural estuda a cultura nas suas tradições e práticas sociais para identificar como essas práticas sociais regulam, expressam e transformam a psique humana. Nesse estudo, inserido na Psicologia cultural, o ser humano é visto com uma identidade pessoal, fundado pela cultura, pela relação com os outros, mediada na estruturação de diversos posicionamentos que assume, na construção de um centro gerador de si mesmo. Esse centro gerador é de onde parte o indivíduo para a constituição de sua identidade. Os sentidos se relacionam constantemente com o ambiente mediado pela cultura, modificam a cultura, e essas mudanças trazem a novidade para a coletividade.

A seguir, vamos tomar em consideração o desenvolvimento humano.

1.4 Desenvolvimento Humano

Para Rogoff (2003), o desenvolvimento humano é um processo cultural e somos definidos como participantes de uma cultura, mediados por uma linguagem e outras ferramentas culturais, para aprendermos uns com os outros.

Temos um corpo e uma existência e, nessa constituição humana, podemos individualmente nos organizar no contexto social, sem perder a singularidade. Os poetas e os artistas nos auxiliam com suas metáforas pintadas, dramatizadas, escritas e a estarmos em contato com a abertura das fronteiras entre o coletivo e o pessoal, aproveitando a tensão entre os dois, como possibilidades de criação e de libertação. Construir o novo em nós convida o social à novidade criada. Modificamos assim o mundo à nossa volta. Cada participante se desenvolve na relação de uns com outros, sempre em negociação nas fronteiras pessoais e sociais, gerando pontos de rupturas (Valsiner, 2007).

O desenvolvimento propriamente dito pode surgir então nesse espaço de tensões entre as significações sugeridas e compartilhadas no social e o sentido único que cada sujeito atribui como centro gerador nessa relação (Zittoun, Mirza & Perret-Clermont, 2007). Compreende-se

nesse estudo o desenvolvimento humano como um fenômeno sistêmico, aberto, bilateral, entre a relação da pessoa com o ambiente, mediado pela cultura; em que a cultura é também modificada à medida que cada pessoa se desenvolve, trazendo a novidade para essa cultura (Branco & Valsiner, 2012; Valsiner, 2007). “Os seres humanos se desenvolvem por meio de uma alta variedade de trajetórias de curso de vida e são capazes de demonstrar notável flexibilidade, momento a momento, em seu relacionamento com seus ambientes” (Valsiner, 2007, p. 54).

Muitas vezes essas rupturas podem ser dramáticas e de grande impacto no desenvolvimento humano, mas também é um momento de grande oportunidade de transformação. É importante salientar que os seres humanos não são recipientes passivos das sugestões sociais, mas são participantes ativos na reconstrução das ordens sociais, por isso ocorre tensão nas fronteiras entre o pessoal e o coletivo (Valsiner, 2007). Os significados que esses indivíduos podem construir, gerados em momentos de rupturas, são de grande interesse nesse estudo e nosso próximo tema.

1.4.1 Rupturas

Estar inserido em uma cultura, e buscar a forma única de ser, gera tensão nessa fronteira entre a cultura coletiva e a cultura pessoal:

A cultura pessoal está em interdependência com o domínio dos processos comunicativos interpessoais mediados por signos – não sendo, porém, determinada por eles. Tais signos são orientados por metas por meio dos esforços ativos de pessoas dentro de papéis sociais assumidos. A multiplicidade de tais mensagens comunicativas – ou “cultura coletiva”, na presente terminologia – constitui o “input” heterogêneo para a construção do *self* por seres humanos individuais (Valsiner, 2007, p. 55).

Os seres humanos estão sempre sendo permeados pelos seus campos afetivos e estão envolvidos em reconstruções de seus mundos intrapsicológicos na troca com o ambiente. De forma dinâmica, nesse processo de significação e ressignificação vão se posicionando como *self*, e assim assumindo autoria de suas vidas, na dança entre uma internalização e uma externalização.

Valsiner define internalização como o processo de análise dos materiais semióticos existentes externamente, ou seja, no social, e de sua síntese sob nova forma, transformada no domínio intrapsicológico, enquanto a externalização, complementar a esse processo, é o processo de análise dos materiais pessoal-culturais internalizados, (subjetivos), durante sua transposição do interior da pessoa para o seu exterior. Como as transformações na cultura pessoal trazem a novidade para a cultura coletiva, ocorre a modificação do ambiente externo como forma de uma nova síntese desses materiais (Valsiner, 2007).

O indivíduo participante de uma sociedade constrói a sua história pessoal e mostra a si mesmo como ele se diferencia e está em movimento nesse pertencimento cultural. À medida

que nos tornamos quem somos a cada dia, a cultura que nos acolhe é também a que tenta dificultar a criação da nossa singularidade. Como já dissemos, essa fronteira é sempre tensa. Como seres finitos, a nossa existência tem limite de tempo e limites gerados também na negociação com essa cultura coletiva. Ultrapassá-las, e lidar com a construção de novas fronteiras, é o processo da singularidade. Para Valsiner, essas fronteiras que criam tensão são as que também possibilitam a construção da singularidade significativa, ou individuação semiótica. “A pessoa social - um ser subjetivo dentro de um contexto social - está constantemente agindo dentro da gama de possibilidades abertas por seu papel ou norma social” (Valsiner, 2007, p. 79).

A estruturação psicológica de cada indivíduo vai depender de como este indivíduo percebe e interpreta seu passado, e também de como conta a sua história de vida, projetando o seu futuro, acionado por esse passado. As histórias pessoais são histórias de experiências vividas e suas memórias têm uma relação estreita com a identidade (Bakhurst, 2000).

Bakhtin (2010) considera que o psiquismo subjetivo, ou realidade interior, está no limite entre o organismo e o mundo exterior, ou seja, na fronteira entre os dois. A tensão entre essas duas culturas, a pessoal e a coletiva, por meio desses signos que as mediam, possibilita a emergência de novos significados. Valsiner conceitua emergência como algo novo, previamente desconhecido, que surge a partir de algo previamente conhecido.

Cada participante, por viver em ambientes sociais culturalmente constituídos, recebe sugestões desse coletivo para sua forma de ação, para seu jeito de sentir e de pensar. Utiliza crenças e superstições carregados de valores dessa cultura guiando os processos mentais. Algumas vezes a tensão nessa negociação entre a cultura social e pessoal pode ser tão intensa a ponto de gerar uma crise psíquica.

Sobreviver e se manter lúcido, com saúde mental, nessa construção de sentido pessoal e negociações com a cultura coletiva, não é tarefa fácil para cada pessoa. Valsiner (2007) utiliza um conceito de mecanismos semióticos de descartes (MSD) e o considera como um mecanismo humano que torna a vida possível, sem sentir que em cada ação ou movimento possa se tornar um cenário de acidentes. Esse mecanismo auxilia na desconsideração ou amenização das tragédias da vida, possibilitando uma saúde mental.

A fronteira entre a cultura coletiva e a pessoal será permeada constantemente pelos campos afetivos de cada indivíduo de forma dinâmica, que também constrói e modifica seus mundos intrapsicológicos, desde que haja uma capacidade fisiológica para a construção das funções psicológicas superiores, ou semióticas. Para melhor compreender sobre esse processo, esclarecemos abaixo o que consideramos campos.

1.4.2 Campos

Segundo Boesch, citado por Valsiner (2007), campos de ação do indivíduo são campos organizados por significados culturais, os quais sugerem a amplitude de usos potenciais de

objetos *produzidos por humanos*, bem como seu valor simbólico. Eles se relacionam à experiência pessoal. Como são formados de signos, é preciso lembrar que existem ambiguidades que permearão também o mundo psíquico do ser humano.

Signos emergem do processo de superar as demandas de um determinado processo. Eles chegam para mudar o processo e, do mesmo modo, podem conduzir a seu desaparecimento [...] Criam, portanto, a distinção entre as possibilidades ou impossibilidades imediatas e as possibilidades potenciais de nosso sentir e pensar diante do futuro (Valsiner, 2007, p. 50).

À medida que cada mudança pessoal ocorre, criamos novas unidades do agir, sentir e pensar em situações de vida cotidianas. Segundo Bakhtin (2010), a estrutura pessoal de sentidos, subjetivamente apoiada, transforma a mensagem que entra nesse campo e, desse modo, a mensagem recém-integrada adquire um sabor claramente afetivo.

Por meio das sugestões sociais, estamos envolvidos uns com os outros, e, assim, vamos nos constituindo individualmente como uma unidade no agir, sentir e pensar. Essas sugestões são codificadas em diferentes níveis afetivos, auxiliando que essas experiências recém-integradas fluam em três domínios: microgenético (diz respeito a experiências imediatas), mesogenético (refere-se a cenários ou contextos repetitivos de atividades) e ontogênese (são as experiências transformadas em estruturas). Nesses domínios, o ser humano constitui singularmente sua cultura pessoal ou *self* dialógico (Hermans & Hermans-Konopka, 2010; Valsiner, 2007).

Nesse estudo, focalizaremos o domínio da ontogênese para analisar, por meio das narrativas, a história de vida do sujeito de pesquisa, considerando esse aspecto o mais duradouro no desenvolvimento do curso de vida humana.

Continuaremos, na próxima seção, a pensar a constituição do sujeito, no seu desenvolvimento e sua forma de se posicionar no mundo, procurando compreender como o ser humano se mantém numa mesmidade e, ao mesmo tempo, se transforma.

CAPÍTULO 2: DIALOGISMO, POSICIONAMENTO E NARRATIVAS

*Uma parte de mim é todo mundo: outra parte é ninguém fundo sem fundo [...] Traduzir-se uma parte na outra parte – que é uma questão de vida ou morte – será arte? Será arte?
(Ferreira Gullar).*

Aqui esclarecemos sobre as dimensões pessoal e social compreendidas de forma bidirecional, a partir de uma perspectiva dialógica, tendo como referência os estudos de Bakhtin (2010), a teoria do *self* dialógico de Hermans e Hermans-Konopka (2010) e as narrativas como expressão da experiência humana.

2.1 Dialogismo

As relações entre as dimensões pessoal e social são compreendidas a partir de uma perspectiva dialógica do desenvolvimento humano como relações bidirecionais. A noção de dialogismo se refere às relações de diálogos estabelecidos entre as pessoas e entre estas e os contextos (Bakhtin, 2010).

O questionamento do ser humano sobre si mesmo não é algo novo na história humana e, há muito, busca-se uma compreensão sobre o processo que nos faz estar em transformação constante, relacionando-nos socialmente, e, ao mesmo tempo, mantendo-nos os mesmos. Talvez uma resposta exata não seja o objetivo dessa busca, mas, sim, uma compreensão, que nos auxilie a nos aproximarmos da noção de si mesmo e de identidade.

Chamamos de dialógica a relação que o ser humano tem com o mundo e consigo mesmo. Partimos da ideia de que existe uma relação do mundo, do conhecimento e da cultura com o sujeito, e além do reconhecimento de que esse sujeito é também um conhecedor. O conhecimento é herdado, transmitido por meio da linguagem, dos rituais, hábitos, e instituições, nas negociações com o social, tornando possíveis a inteligência e a comunicação com os outros. Além disso, o conhecimento não é absoluto, e sim uma questão de produção/construção socialmente articulada sobre si e sobre o mundo.

O fenômeno psíquico para Bakhtin (2010) não pode ser um fenômeno estudado por meio da fisiologia nem da biologia. Para se compreender a realidade do psiquismo interior, é preciso que seja interpretada na relação com o contexto social. Para o autor, o que se torna realidade no contexto interior do sujeito é constituído por signos. Nesse material semiótico, organizado a partir da fronteira com o contexto externo é que uma realidade psíquica é

construída, produzindo significações de maneira particular na relação dialógica com o contexto externo (Bakhtin, 2010).

Portanto, essa realidade psíquica é constituída na relação dialógica consigo, com os outros e com a realidade, por meio de signos. A perspectiva dialógica auxilia nessa compreensão das relações que o sujeito estabelece na sua trajetória de vida. Com essas ideias de Bakhtin, a polifonia, ou seja, muitas vozes estão dentro e fora de nós, nos estruturando por meio dos signos, na relação com o social, construindo uma realidade psíquica e de maneira singular estamos em transformação constante e, ao mesmo tempo, mantermo-nos os mesmos.

Para Bakhtin, a consciência é um fato socioideológico, em que o homem, nessa polifonia, tem uma fala, tanto construída com seu passado, quanto criada no presente na fala aberta e sempre em construção com o outro. “Os processos que, no essencial, determinam o conteúdo do psiquismo, desenvolvem-se não no organismo, mas fora dele, ainda que o organismo individual participe deles” (Bakhtin, 2010, p. 49).

O conceito de polifonia de Bakhtin é incorporado à Psicologia Cultural para análises de processos de desenvolvimento humano que se dão sempre de maneira relacional. O ser humano pensa de forma polifônica, assim como se relaciona com o mundo da mesma forma.

O dialogismo é constituído pela linguagem, ou seja, em bases semióticas, em que é possível perceber essa linguagem por sua constituição polifônica, a partir da relação do ser humano com o social, ou seja, com o outro. Cada voz de um indivíduo carrega aqueles que o antecederam e todos os que vão sucedê-lo.

Na teoria dialógica, a identidade é constituída por uma comunidade de posições que “dão voz” a perspectivas distintas e que colaboram na co-construção do significado de cada vivência e na permanente atualização do sentido de identidade (Rosa & Gonçalves, 2010).

Inspirados nessa ideia de polifonia e da perspectiva dialógica de Bakhtin, os estudos de D’Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha e Salgado (2007) associam princípios que caracterizam o dialogismo às ideias iniciadas por William James e a teoria do *self* dialógico, para compreender a maneira que a identidade pessoal, de alguma forma, permanece nos dizendo que somos os mesmos, em constante transformação, que nos constituímos em uma singularidade. Não importa o que possa assegurar uma identidade, existirá uma sensação de mesmidade que acompanha o ser humano.

Nessa postura epistemológica e ontológica, em que o movimento dialógico é considerado para pensar o ser humano e sua constituição, D’Alte et al. (2007), citando Salgado (2006), apresentam alguns princípios axiomáticos do dialogismo, para compreender as constantes organizações e reorganizações dialógicas:

- 1) Não podemos falar em dialogismo se não pensarmos na relação com algo ou com outro ser humano, comunicando-se e construindo significados. Os significados são criados a partir de um centro experiencial (Eu/Ego) e uma periferia, ou seja, tudo que não está

nesse centro (outro/alter) (Holquist, 1990; Marková, 2003; Salgado, 2003; Salgado & Hermans, 2005). Com esse princípio genérico, a existência pessoal ganhará sentido no constante posicionamento e reposicionamento em relação a um Outro (D’Alte et al., 2007, p. 13).

- 2) Toda e qualquer forma de relação humana e qualquer possibilidade de construção de significado passará pela dialogicidade. Quando existe possibilidade de trocas comunicacionais e co-construção de significados, estaremos perante relações dialógicas; porém, nessa relação, haverá uma tensão que gera uma negociação, já que existe a ameaça constante de ocorrer relações monológicas, ou seja, uma tentativa de poder sobre esse Outro que está na relação.
- 3) A existência humana se constitui na alteridade, já que ela só acontece mediante o contato com o outro. As relações sociais são de interação e interdependência e assim cada ser humano se posiciona num determinado contexto e perante determinada pessoa. Na perspectiva defendida por Bakhtin, é nesta relação e diálogo com o “outro” ou com a “multiplicidade de outros” que a construção de significados e existência pessoal ganha sentido.
- 4) A cultura permeará como contexto as relações dialógicas, com conexão entre o passado histórico em que também houve uma negociação semiótica, transformando a forma de conhecer o si mesmo, o outro e a realidade.
- 5) As formas de vida e as coisas estão em constante transformações e regenerações, ou seja, são dinâmicas, assim também os processos mentais, podendo haver transformações no processo de significados (Salgado, 2006).

A cultura é estruturante e vive em cada indivíduo. “É indispensável integrar a “vivência interior” na unidade da vivência exterior objetiva” (Bakhtin, 2010, p. 49).

Na próxima seção, associaremos essa ideia de dialogismo de Bakhtin (2010) com a teoria de *self* dialógico de Hermans e Hermans-Konopka (2010) para a continuação desse estudo, buscando os diferentes posicionamentos em que o sujeito se coloca na sua constituição de si ou do *self*.

2.2 Posicionamentos a partir da teoria do *self* dialógico

O tema sobre *Self* (si mesmo) dialógico foi publicado pela primeira vez em 1992 por Hubert Hermans, Kempen e Van Loon, que trouxeram o tema no *American Psychologist*, num artigo intitulado “*The dialogical self: beyond individualism and rationalism*”. “Neste artigo pioneiro, partem de uma perspectiva com raízes no construtivismo, mais particularmente, da

noção de que conhecimento se baseia na ação sobre o mundo, conjugando-a com as teses dialógicas bakhtinianas” (D’Alte et al., 2007, p. 13).

No desejo de ultrapassar o racionalismo ou a ideia de um sujeito isolado ou uma estrutura de identidade fixa, como foi a ideia iniciada por Descartes, esses pioneiros se nutriram em fontes como a filosofia, a linguística, a antropologia, a psicologia, e o resultado foi, aproveitando o construtivismo, articulado às ideias de Bakhtin, uma imagem do ser humano com autoria de si próprio, ativamente lidando com o mundo, sempre na relação dialogante com os outros, a partir de uma conjugação polifônica de diferentes perspectivas sobre o mundo (D’Alte et al., 2007).

Esses pioneiros partiram da ideia de William James, que elabora como resposta ao problema do conhecer a si mesmo a autoconsciência como meio de auto-observação reflexiva constante sobre si mesmo, atualizando-se permanentemente. Para ele, o problema da identidade é como um problema de conhecimento. Então ter consciência seria pensar em si mesmo e construir uma imagem de si, da mesma forma que conhece e constrói as coisas do mundo à sua volta. O conhecimento é então a referência do ser humano nessa construção da imagem de si mesmo como sujeito (o si-enquanto-sujeito) e também como objeto (o si-enquanto-objeto).

Com essa caracterização de autoconsciência no conhecer a si mesmo, William James abre brechas para possibilidades de conceber o desenvolvimento nas relações, podendo o sujeito em suas ações negociar e até se opor nos contextos sociais no fazer-se como *self* múltiplo (Hermans e Hermans-Konopka, 2010).

Hermans e Hermans-Konopka (2010) conjugaram a essa ideia de William James os estudos sobre dialogismo de Bakhtin, em que o sujeito assume autoria e movimenta-se de forma dialógica consigo e com os demais. Com suas palavras:

Um dos fenômenos fascinantes do estudo do *Self* é o fato de que os seres humanos desenvolvem relações não só com as outras pessoas, mas também com eles mesmos. Relações particulares que surgem entre as pessoas também podem surgir dentro de si (Hermans e Hermans-Konopka, 2010, p. 120).

Nossa cultura e a sociedade em que vivemos também vivem no interior de cada um de nós. A noção de um *self* dialógico vem da ideia de que assim como dialogamos com os outros à nossa volta, no mundo externo, também ocorrem diálogos entre as diferentes partes do *self*, como se fosse um diálogo interno em nossas culturas pessoais. “A dinâmica do *self* dialógico implica, portanto, variabilidade na construção “do outro” em diferentes níveis de abstração e generalização” (Valsiner, 2007, p. 131).

Os posicionamentos, ou seja, as diferentes posições do *self* ou do Eu, relacionam-se internamente na busca de identidade, com seus conteúdos afetivos e cognitivos. Uma análise desse processo pode ser feita por meio das narrativas, em que essas diferentes posições de *self* vão se constituindo como *self* complexo e estruturado, povoado por outras vozes no seu interior.

Simultaneamente, mantém a sua singularidade, dando significados a suas experiências, a partir de um centro de experiência.

A constituição do *self* se dá numa multiplicidade de vozes, ocorrendo diferenças e contrastes entre as diferentes partes do *self* que dialogam entre si. Hermans e Hermans-Konopka (2010) relacionam quatro posições de *self* nessa relação dialógica, criando campos dinâmicos. São elas:

- a) Autoconflito: duas posições ou vozes criam tensões em direções opostas gerando conflitos interiores. Esses conflitos podem surgir em momentos de dúvidas em situação banais ou até duradouras gerando impasses na continuação de projetos de vida. Alguns deles podem ser tão graves que a pessoa pode não funcionar bem por muito tempo e com elevados custos psicológicos. No entanto, a remoção de todos os conflitos do *self* seria à custa de seu potencial criativo. Os conflitos podem manter o *self* em um campo de tensão, contradição ou desacordo, no entanto, podem ter consequências benéficas para o seu funcionamento. Dialogar traz acordos e divergências, harmonias e conflitos (p. 121).
- b) Autocrítica: resulta de comparações com especiais padrões estabelecidos por nós e por outros, podendo gerar críticas a si mesmo, quando não forem atingidos esses padrões. É importante para uma adaptação ao meio social, mas pode gerar tensão se a exigência tiver um padrão que o indivíduo não consiga alcançar. Dependendo da intensidade, frequência, qualidade emocional e a situação em que se emerge, pode ser considerada como um desejo adaptativo ou não-adaptativo.
- c) Autoconcordância: a mente age sobre si mesma e nela ocorrem potencialmente argumentações sociais internas para o controle e a criação de ordem social em si mesma. Acordo e negociação podem realizar uma função no domínio de si, permitindo que o indivíduo interaja eficazmente com eles mesmos. Aparentemente, o controle ou regulação do próprio comportamento pode ser dialógico ou monológico. É monológico quando uma parte obriga a outra parte a fazer algo que a outra parte não quer, e a primeira parte não está disposta a ouvir a segunda. É dialógica quando uma decisão surge por uma negociação menos conflitiva entre as diferentes partes. Os indivíduos podem escolher para regular seus atos de formas dialógicas, imaginando tanto suas próprias ações, como considerando as respostas de outras pessoas a eles.
- d) Autoconsulta: se parece, de forma interna na mente, como quando consultamos um outro sobre algo de que desejamos maiores informações para tomar uma decisão importante e que tem implicações significativas para o nosso futuro ou de outros. É necessário um tempo para esse campo encontrar soluções.

Esses fenômenos acima relacionados, como “partes” do *self*, devem ser vistos em uma relação dialógica entre eles. Estas “partes” do *self* podem ter semelhanças com as relações entre

pessoas. Assim como o *self*, duas ou mais pessoas podem estar envolvidas em um conflito, criticar umas outras, fazer um acordo uma com a outra, ou consultar-se mutuamente.

As diferentes “partes” do *self*, em geral, são mais diretamente acessíveis para si do que são todas as partes de uma sociedade. Quando algumas partes do *self* são totalmente dissociadas ou renegadas, podem ocorrer problemas psicológicos. Apesar das diferenças entre relações externas e internas, esses fenômenos sugerem a existência de uma semelhança básica entre a relação do sujeito consigo mesmo e sua relação com outros no social. De alguma forma, a sociedade participa da mente (Hermans e Hermans-Konopka, 2010).

A natureza do *self* é social e polifônica entre relações internas e externas, dentro do domínio interno do *self*. Em outras palavras, os processos que descrevemos anteriormente como tendo ocorrido entre posições internas, também podem surgir entre as posições externas. Em Santana (2010), o *self* é percebido com um caráter contextual, relacional e plural, desenvolvido num processo mútuo entre sujeito e contexto.

2.2.1 Posicionamento e reposicionamento: a constituição do self

Nesta seção, o estudo é dedicado a possibilidades de diferentes partes do *self* dialogar e na investigação sobre de que maneira isso poderia ocorrer na constituição da natureza dialógica do *self*.

Hermans e Hermans-Konopka (2010) percebem o ser humano sempre como projeto. O filósofo Martin Heidegger (1986) também caracteriza o ser humano, chamado por ele de *dasein*, como projeto. Então, até ocorrer uma ação do sujeito, o eu pode fazer um esboço preliminar e se perguntar se isso é o que Eu quero. Uma parte faz a proposta e a outra pode aceitar ou não. O mesmo acontece quando estou escrevendo um poema, uma carta ou um e-mail. No começo todas essas posições podem estar em confusão, mas depois de algum intenso intercâmbio entre as posições, uma nova estrutura pode começar a surgir. No decorrer deste processo, o sujeito como autor pode chegar a um ponto de justaposição, que permite possibilidades de novas percepções no que emerge. Uma nova estrutura pode diferir consideravelmente da original, na qual a posição do sujeito como autor se elimina dentre as posições revisadas e ocorre um reposicionamento do *self*. Todo esse processo ocorre de forma aberta, dinâmica, como *self* polifônico (Hermans & Hermans-Konopka, 2010).

Quando se pensa, conversa-se com o próprio *self*, confrontando-o para chegar a algum ponto de clareza de si mesmo. Todo esse processo acontece num campo imaginário do ser humano. O *self* dialógico é baseado em diferentes posicionamentos em relação a si mesmo, para dar consistência a uma multiplicidade de posicionamentos e ações, às vezes superpostas, às

vezes antagônicas, e assim vamos negociando e nos constituindo como *self* singular em sua multiplicidade.

Hermans, citado por Santana (2010), propõe na teoria do *self* dialógico imaginando o processo em três etapas. Na primeira etapa, o sujeito está na relação externa com um outro e assume uma posição; na segunda etapa, ele ouve uma voz interna, imaginária, do outro falando, partindo de uma contraposição; e na terceira etapa, o sujeito assume uma nova posição, que pode representar um reposicionamento.

Somado a essa teoria do *self* dialógico de Hermans, é importante aproveitar a contribuição de Valsiner dentro do mesmo tema. Esse autor classifica o *self* dialógico como autorregulador dos processos de ação em curso. Em cada momento, a avaliação da ação parte de uma base central, construindo significados e regulando os processos semióticos em curso (Valsiner, 2007).

Como nossa estrutura psíquica é mediada em bases semióticas, existe uma organização interna dos signos que vai criando campos de significados. Esses campos podem se modificar de campos mediadores para campos reguladores, a partir da escolha do sujeito. Mesmo imerso numa cultura, o indivíduo escolherá qual é o signo que vai adotar como regulador, com maior significado (Valsiner, 2007).

Cada ser humano está inserido numa temporalidade de existência, sempre como projeto, portanto, em direção ao futuro. Nessa temporalidade, são estabelecidos signos específicos abstratos, que funcionam como guias tão profundamente enraizados que operam de forma pessoal, baseados em valores, para esse direcionamento possível ao futuro, mesmo que ainda de forma desconhecida. O autor chamou esse processo de signo promotor. “A continuidade generalizante do *self* em desenvolvimento é o produto da externalização de signos internalizados que começaram a funcionar como signos promotores” (Valsiner, 2007, p. 54).

O falar e agir narrado por um sujeito pode mostrar o posicionamento dele como pessoa e a forma que ele está trazendo para a situação particular de sua história, como um ser subjetivo. É na história de alguém que tem estado em várias posições e envolvido em diferentes formas de discurso que a narrativa particular se mostra a melhor forma para analisar o desenvolvimento do sujeito. “Os historiadores científicos procuram se concentrar nas coletividades de pessoas e de acontecimentos recorrentes, enquanto os historiadores tradicionais tendem a se concentrar em indivíduos particulares e em acontecimentos específicos” (Fogel & Elton, 1983, p. 42, citado em Bauer & Gaskell, 2000, p. 446).

Para conhecer o sujeito na psicologia, é necessário lembrar, para uma análise, que a construção do pensamento do ser humano é por meio de signos e o interesse da psicologia é reconhecer que significados o sujeito constrói a partir desses signos. “Assim, a tarefa da psicologia consiste em descrever com discernimento, dissecar e explicar a vida psíquica como se se tratasse de um documento submetido à análise do filólogo” (Bakhtin, 2010, p. 50).

Considerando que a estruturação interna do sujeito é de base semiótica, escolhemos as narrativas como parte da pesquisa empírica.

2.3 Narrativas: como a experiência humana é expressa

Contamos histórias para tentar entrar em acordo com o mundo, para harmonizar nossas vidas com a realidade
(Joseph Campbell, 1990).

Consideramos que o ato de narrar é a forma fundamental para construir sentidos na identidade pessoal. Podemos então analisar como o *Self* articula sua ação no espaço, com sua constituição afetiva, numa situação particular, inserido em uma continuidade do tempo, percebendo-se como autor, dialogando com outros, numa multiplicidade de posições.

Nas ciências humanas, tem surgido um interesse nas narrativas como método de coleta de dados em diversas pesquisas. Esse interesse sugere a emergência de estudos investigativo-interpretativos das histórias de vida. A narrativa pode captar que significados as pessoas estão atribuindo a suas vidas e quais os diversos posicionamentos do *self* que a definem como identidades pessoais.

A origem do interesse pela narrativa nas ciências humanas parece ser a “descoberta”, na década de 1980, de que a forma de história, tanto oral quanto escrita, constitui um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para nossa tentativa de explicar a natureza e as condições de nossa existência (Bakhtin, 1981, 1986; Bauman, 1986; Britton & Pellegrini, 1990; Mitchell, 1981; Nelson, 1989; Ricoeur, 1981, 1984/1985; Sarbin, 1986; Schafer, 1989).

A narrativa pode ser analisada por meio de filmes, fotografias, livros, entrevistas etc. e é considerada por muitos autores, nas ciências humanas, como uma forma de verificação confiável numa pesquisa. Podemos, por intermédio da narrativa, focar como o passado pode se tornar presente e também como pode auxiliar os pesquisadores a rememorem nossa história coletiva, buscando uma compreensão sobre a formação da identidade (Bakhurst, 2000).

Bruner (1997), que considera o estudo de autobiografias significativo como recurso metodológico na psicologia, conceitua narrativa como um conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas transmitidas cultural e historicamente, delimitadas pelo nível do domínio de cada indivíduo e pela combinação de técnicas sociocomunicativas e habilidades linguísticas.

Para Bakhtin (2010), as narrativas são contextos utilizados, considerando que cada palavra inserida aí é sempre “polifônica”, e seu significado é determinado por incontáveis contextos. Bakhtin chamou isso de “princípio dialógico” do discurso, sua interindividualidade

inerente: cada palavra, enunciada ou narrada, carrega consigo os traços de todos os sujeitos, possíveis e reais, que já empregaram tal palavra.

A narrativa tende a dar sinais de uma memória como construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente. São instrumentos importantes de preservação e transmissão de heranças identitárias e tradições. De acordo com Costa e Botelho (2001), são modos de traduzir o social (citado em Delgado, 2006), eles descrevem o modo que devem ser vistas as narrativas:

Trata-se de imaginar a narrativa como esta linha que caminha para frente, mas que é capaz de aceitar reviravolta e interrupções. Uma linha que pode se desdobrar em três, quatro, dez quadros. Quadros com um desenvolvimento relativamente autônomo. Quadros que podem parar, recuar em relação à linha fundamental, e que se relacionam entre si, formando uma espécie de teia, capaz de enredar a narrativa (Araújo, 1998, p. 244, citado em Delgado, 2006, p. 42).

Polkinghorne (1988) conceituou narrativa como um sistema organizacional expresso em forma de história, um esquema fundamental para vincular as ações humanas individuais a eventos com aspectos inter-relacionados de um composto compreensível. Para ele, narrativas são vistas como: “A forma primária através da qual a experiência humana se torna significativa. O sentido narrativo é um processo cognitivo que organiza as experiências humanas em episódios temporariamente significativos” (Polkinghorne, 1988, p. 1).

Dito de outra forma, mas também complementando todas essas definições dos diferentes autores, Oliveira, Rego e Aquino (2006) expressam de que forma o sujeito constrói suas narrativas e essas mapeiam o desenvolvimento de seus membros:

Os sujeitos, ao narrarem sua própria história de vida, usam marcadores que identifiquem pontos de mutação em suas trajetórias de vida, os quais podem ser mais ou menos precisos, indicam normalmente momentos de tensão, contradição ou crise, e, além disso, evidenciam diferentes modos de viver em relação àquilo que é oferecido como possibilidade no mundo cultural: temas, recursos, procedimentos, argumentos, modelos, normas, valores, etc. (Oliveira, Rego & Aquino, 2006, p. 121).

A questão fundamental para se utilizar a narrativa na pesquisa em Psicologia Cultural é analisar como estas narrativas estabelecem conexões com o modo como a pessoa ou pessoas atuam, quais são as suas crenças, costumes, expectativas, quais os seus campos afetivos e motivacionais que evidenciam a sua cultura pessoal ou a sua identidade cultural, que significados vão dando aos signos coletivos.

A narrativa, dentro de uma entrevista semiestruturada para pesquisa, auxilia o narrador na sua organização interna ao contar a sua história e também ao pesquisador com sua interpretação e intuição a seguir co-construindo com o sujeito narrador. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (Benjamin, 1940/1996, p. 198).

Na narrativa, podemos pensar em dimensões que alcancem uma periodização do desenvolvimento, como modos de inserção dos sujeitos em suas condições históricas de vida; pensar em discussões que podem surgir e enriquecer sobre a constituição entre cultura e modos de funcionamento psicológico e, ainda, focalizar os principais recursos nos modos de constituição do sujeito gerados na tensão presente na negociação entre sua cultura pessoal e a coletiva.

Os processos de linguagem e os processos mentais estão relacionados. Pela narrativa, é possível analisar como o indivíduo reconstrói a si mesmo buscando definir seu lugar social e suas relações com os outros (Pollak, 1989).

As narrativas operam como forma de mediação, em constante transformação entre o indivíduo e o padrão generalizado da cultura. Escolher a narrativa como método de análise sobre uma história de vida, ou em estudo de caso, pode ser uma confiável forma para se perceber o movimento contido numa temporalidade humana com sua particular abertura e plasticidade. “Nossa história pessoal são histórias de experiências vividas” (Bakhurst, 2000, p. 92).

No próximo capítulo, o foco será a pesquisa empírica e a forma em que foi construída.

PARTE II – A PESQUISA EMPÍRICA

OBJETIVO

O objetivo geral desta dissertação é analisar a possibilidade de haver desenvolvimento durante a maturidade até a morte, reconhecendo os pontos de ruptura ou mudança qualitativa que possam caracterizar o desenvolvimento na vida de uma pessoa, a partir de sua narrativa autobiográfica, complementada com outros procedimentos metodológicos.

Para alcançar esse objetivo, partimos de algumas pressuposições:

. O ser humano nasce inserido em uma cultura e suas escolhas e significados vão construindo sentidos na sua própria vida.

. A construção e reconstrução de nossos sistemas pessoais de significados ao longo do nosso curso de vida nos torna quem somos.

. Nas narrativas sobre uma história de vida, podemos identificar informações sobre o dia a dia e quais os posicionamentos escolhidos pelo sujeito para construir sua identidade pessoal.

METODOLOGIA

1. Considerações metodológicas

Nessa pesquisa, inserida nas ciências humanas, a escolha foi a utilização do método qualitativo, sem pretender fugir das exigências científicas, apenas para analisar as experiências humanas não confinadas aos métodos que possam porventura perder de vista a riqueza da subjetividade, seus processos de mudanças e os resultados desses processos no estudo do desenvolvimento humano. A pesquisa qualitativa assume o caráter construtivo interpretativo do conhecimento, o que significa que o conhecimento é sempre uma construção e não uma apropriação de uma realidade pronta (González-Rey, 2005).

Escolheu-se realizar um estudo de caso. Essa estratégia é comum na clínica psicológica e médica, nas quais, em geral, o caso é dado ao profissional para que reúna informações sobre uma determinada pessoa ou fenômeno social contemporâneo, situado em seu contexto específico (Chizzotti, 2006). Para González-Rey (2002), o estudo de caso singular é legítimo e tem valor pela qualidade do processo de construção teórica, e não pela quantidade. Com suas palavras:

O valor do caso singular para a produção do conhecimento generalizado se dá porque, mesmo que o singular seja único ao nível empírico, o significado da produção teórica produzida a partir dele representa um momento congruente dentro de um processo intelectual já em evolução no intelecto do pesquisador (González Rey, 2002, p. 167).

A proposta nesse estudo de caso, na história de vida do sujeito escolhido, é analisar a maneira que ela constituiu o *self* no seu desenvolvimento. Consideraremos para esse estudo, o desenvolvimento humano como uma forma processual, um fenômeno sistêmico aberto, inserido num contexto histórico, social, cultural no qual a novidade está constantemente em processo de criação, se transformando na estrutura e no funcionamento em bases semióticas (Branco & Rocha, 1998; Valsiner, 2007). É importante lembrar que o ser humano está sempre em situação e numa irreversibilidade do tempo (Valsiner, 2007). Baseando-nos nesse conceito de desenvolvimento humano visto de forma processual, complexa e dinâmica, é que foi escolhida uma metodologia que permitisse capturar os momentos de grande mobilização em que pudessem ocorrer mudanças que conduzissem a participante a negociações e transformações na sua constituição do *self*.

O estudo de caso permite analisar as ligações entre as vidas individuais e a história social. É a partir do estudo aprofundado dos processos que regularidades significativas poderão ser inseridas e se inscrever no âmbito da teoria científica (Yokoy, Lopes de Oliveira & Branco, 2008). Cada estudo de caso é único e se constrói a partir da diversidade de fontes. Por esse motivo, empregaremos nesse estudo diferentes fontes de informações, tais como entrevistas

semiestruturadas; documentos; revistas; entrevistas com terceiros; e DVD que registra entrevista com a participante realizada por terceiros.

A entrevista semiestruturada foi uma das formas utilizadas nesse ciclo metodológico e, segundo Lopes de Oliveira e Barcinski (2006), elas são conduzidas num enfoque dialógico e são significativas por existir uma interação intencional do sujeito de pesquisa com o pesquisador. A entrevista semiestruturada possui papel privilegiado na construção de conhecimento e, segundo Madureira e Branco (2008), o momento da entrevista é o espaço interativo, dialógico, permeado de significados co-construídos, nessa relação flexível entre estes.

Por meio das narrativas construídas nas entrevistas, visamos compreender atitudes, valores, motivações e crenças significativas na construção da identidade pessoal do sujeito dessa pesquisa. As narrativas operam como uma mediação entre o indivíduo e o padrão generalizado da cultura. “Sem material semiótico não se pode falar de psiquismo, pois o organismo e o mundo encontram-se no signo” (Bakhtin, 2010, p. 50).

Escolher a narrativa como material de análise sobre um estudo de caso centrado nessa história de vida pode, na nossa avaliação, ser uma confiável forma para perceber o movimento contido numa temporalidade humana com sua particular abertura e plasticidade, analisando as transformações que o sujeito realiza na relação com as sugestões socioculturais para “tornar-se” na construção de si mesmo.

Como partimos da ideia de que o *self* é dialógico, precisamos de outras fontes de informação, além da entrevista com a participante, que vão permitir nos aproximar do processo de indagações no seu universo de significados e de seus diálogos e tensões com o mundo social. Consideramos um desafio importante. “É ambicioso desenvolver um conceito que explicita um posicionamento como uma ponte entre *self* e a sociedade” (Jasper, Moore, Whittaker & Gillespie, 2011).

Foi escolhida também como estratégia metodológica a história de vida, que se insere nas abordagens biográficas e surge com a escola de Chicago. É como um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida (Chizzotti, 2006). A história de vida de Vera Kohn é pontuada de rupturas que podem ser identificadas, até mesmo por suas mudanças históricas, geográficas e culturais: viveu 100 anos, fugiu da segunda guerra mundial como judia e em território equatoriano, atuou como psicóloga, contribuindo com o país que a acolheu, o Equador.

Para esse estudo sobre desenvolvimento humano, mesmo considerando que a mudança tem certa continuidade, propomos a estratégia metodológica de estudar rupturas e transições, as quais oferecem janelas sobre as descontinuidades no fluxo contínuo da mudança. O desafio empírico com esse estudo de caso é identificar elementos que capturem a perspectiva da pessoa, mas também o seu diálogo com os outros imediatos, suas interações com a comunidade e sua relação com uma sociedade mais ampla (Zittoun et al., 2007).

Procuraremos investigar como o *Self* se apresenta nos diversos posicionamentos que Vera Kohn foi construindo a partir de suas escolhas emergidas na relação com a cultura coletiva, que possibilitaram tensões e aberturas para novas construções na sua cultural pessoal. Além de considerarmos que ele se estrutura de forma narrativa com posições dominantes e outras subordinadas, relacionando com as situações vividas e o contexto temporal, também consideramos que o *Self* é dialógico (Hermans & Hermans-Konopka, 2010) e polifônico (Bakhtin, 2010) tanto na relação com o mundo externo quanto no seu mundo interno.

Um dos fenômenos fascinantes desse estudo é o fato de que os seres humanos desenvolvem relações não só com outras pessoas, mas também com eles próprios. E relações particulares que surgem entre as pessoas também podem surgir dentro de si (Hermans & Hermans-Konopka, 2010).

Como a experiência humana é inerentemente temporal e para se analisar o desenvolvimento é necessário identificar rupturas na história de vida narrada, então precisamos escolher dentro do material construído o que vamos considerar como mudança que caracterize um desenvolvimento. Cada ser humano está em movimento constante junto às mudanças no coletivo, e por isso não é considerado que toda mudança gere desenvolvimento.

Por que um conceito de desenvolvimento é necessário? Por que mudar não é o suficiente? Desenvolvimentistas primeiros alegam que, enquanto todo o desenvolvimento implica mudança, nem todas as mudanças representam desenvolvimento, e que um tipo específico ou subconjunto de mudanças tem uma disposição específica de características de mudança que exigem um rótulo especial: o desenvolvimento (Ford & Lerner, 1992, p. 37).

Nesse trabalho, contemplando a natureza relacional do desenvolvimento humano e assumindo que o pesquisador é co-construtor na pesquisa, a metodologia está sendo concebida como um processo cíclico e dinâmico, aproveitando a experiência intuitiva da pesquisadora e o seu conhecimento sobre o sujeito estudado que vai além das entrevistas e dos documentos anexados.

Então optamos, ainda no corpo metodológico para a análise dos resultados, pela criação de seis crônicas escritas na primeira pessoa, para narrar seis posicionamentos de *self* e seus conflitos, crises e acordos gerados na relação dialógica entre os posicionamentos para analisar o modo como cada posicionamento foi se organizando entre os dominantes e os subordinados nessa constituição.

Yokoy et al. (2008), baseando-se em Bamberg (2006), buscaram analisar decisões e estratégias na construção de identidade em narrativa, utilizando pequenas histórias, em um projeto de pesquisa na investigação de desenvolvimento do *self*. A ideia de pequenas histórias nos chamou a atenção, não como foi construída nessa pesquisa citada, mas com pequenas histórias que pudessem aproveitar informações sobre a singularidade da vida de Vera, entrelaçada à vida da pesquisadora numa co-construção.

As pequenas histórias de Bamberg em pesquisas com adolescentes nos pareceram representativas das posições identitárias da entrevistada, já que expressam sínteses vivenciais intersubjetivamente negociadas em diferentes contextos sociais, num momento particular (Yokoy et al., 2008).

Esse método de pequenas histórias parece permitir uma construção, partindo de um “outro” ponto de observação, uma trama narrativa diferenciada. Consideramos que cria condições para que, a partir de um nível empírico do próprio universo de análise, seja interpretado o processo de desenvolvimento na construção do *self*.

Procuramos com as pequenas histórias, em forma de crônica, inserir possibilidades para uma análise, partindo de reconstrução de ações da participante na relação com o social, na constituição do *self*.

O desafio dessa metodologia é procurar promover um exame intensivo dos processos nos quais ele se insere, a partir de um recorte da história de vida em uma dimensão micro.

As crônicas foram escritas pela pesquisadora co-construindo com as fontes de informações colhidas nas entrevistas e em outras fontes, além das informações colhidas pela proximidade que teve com a participante/ sujeito de pesquisa.

Para as crônicas, privilegiamos alguns posicionamentos da vida de Vera, a partir de algumas rupturas identificadas nas negociações com as exigências dos papéis sociais. Ao todo foram seis, sendo as cinco primeiras imaginando que Vera estivesse escrevendo na primeira pessoa; e a última narrada também em primeira pessoa, porém, na pessoa da pesquisadora, que fala dos últimos dias de Vera e de seu falecimento. Seria de autoria de uma Vera tal como eu, pesquisadora, a imagino.

Concordamos com Valsiner quando define o pesquisador como um artista na sua produção: “O cientista se assemelha a um escritor, compositor ou pintor: todos eles, a seu modo, dependem da experiência com o mundo exterior para criar uma nova forma de compreensão” (Valsiner, 2007, p. 304).

Esperamos que essa metodologia possa aproveitar essa singular história de vida, associada à perspectiva cultural, num modelo interativo e dialógico, analisando esse estudo de caso, e que possamos contribuir com as pesquisas sobre desenvolvimento humano. Estamos interessadas no sentido que pode ser revelado por meio dos significados partilhados de certos objetos culturais, o que as pessoas contam em suas histórias e o que fazem delas mesmas (Zittoun et al., 2007). A noção de um *self* de base narrativa enfatiza seu caráter contextual, relacional e dinâmico, enxergando na linguagem e nas relações sociais os meios para a subjetivação e a produção de significados sobre si e sobre o mundo (Bruner, 1998, citado por Yokoy et al., 2008).

Compreendemos que toda cultura é permeada também pelo poder e por valores que atravessam e transformam as situações de aprendizagem, ensino ou avaliação, confiamos que

cada história pessoal é um pedaço da história humana e que podemos perceber a singularidade surgindo na emergência entre a tensão do coletivo e o pessoal e a autoria do sujeito como *self* dialógico.

No próximo trecho, apresentamos a participante/sujeito da pesquisa.

2 Método

2.1 Apresentação da participante

Vera Schiller de Kohn nasceu em Praga na Tchecoslováquia, hoje República Tcheca, no dia 23 de março de 1912. Saiu de seu país fugindo da perseguição nazista no início da Segunda Guerra Mundial em 1939, com seu marido Karl e uma filha de quatro anos, Tanya, para residirem no Equador, posteriormente, nasceu mais uma filha, Katya. Desde esse período, residiu na cidade de São Francisco de Quito até o seu falecimento no dia 29 de junho de 2012.

Além de dona de casa, Vera trabalhava sendo secretária de seu marido. Passou por um período de crise psicológica e foi para a Europa em busca de um tratamento que a auxiliasse a se reorganizar. Com isso morou três anos na Alemanha, onde experienciou técnicas de psicologia que a auxiliaram na reorganização psicológica, após a saída da crise.

Retornando a Quito, decidiu entrar na Universidade Central do Equador aos 49 anos, graduando-se em Psicologia aos 56 anos. Decidiu que trabalharia com a técnica que havia aprendido na Alemanha, como psicóloga e mestre Zen. Fundou o Centro de Desarrollo Integral (CDI), inicialmente em sua residência e depois, em 1975, construiu uma sede para o CDI em Tumbaco/Equador. Lá criou um projeto “Por un Ecuador sano y despierto” para atendimentos psicológicos à comunidade. Trabalhou em atendimentos psicológicos em grupos e individuais e deu aulas e palestras até um mês antes de sua partida.

Faleceu em sua residência junto a seus familiares e amigos. Está enterrada no cemitério judeu de El Batán em São Francisco de Quito.

2.2 O início do processo de pesquisa

A particularidade da vida de Vera Kohn inicialmente chamou a minha atenção pela forma com que conduzia seus clientes nos seus processos terapêuticos. Então, por já ter participado de trabalhos com ela como cliente e mais tarde como auxiliar em alguns trabalhos, havia pensado em um estudo que pudesse acrescentar na condução de formação de profissionais na área de Psicologia.

No primeiro momento, busquei, em entrevista semiestruturada com Vera, conhecer o que poderia registrar sobre sua atuação como psicóloga e como ela trabalhava para a formação de futuros psicólogos no seu Centro Psicoterapêutico em Quito. Essa entrevista foi realizada em sua residência no ano de 2010. Infelizmente, essa tentativa acabou se perdendo por problemas técnicos com o gravador de MP3, restando apenas anotações em meu diário de pesquisa, fotografias do encontro e do seu passaporte com registro de sua saída de Praga em 1939.

No segundo momento, em 2011, viajei novamente a Quito e registrei outra entrevista semiestruturada com ela, relacionando sua vida pessoal à profissional, com foco na segunda. Ainda tinha como objetivo do estudo entrevistar uma psicóloga com vasta experiência, como era Vera, e outras duas psicólogas que estivessem em diferentes momentos profissionais, para contribuir com essa pesquisa na formação de futuros profissionais da área. Como eu havia iniciado o mestrado e já estava sendo orientada, então junto a minha orientadora construímos um novo desenho de estudo, na direção de nossos interesses em histórias de vida e desenvolvimento humano, em uma história de vida longa e de muitas nuances, então mudamos para um estudo de caso sobre a trajetória de vida de Vera.

No terceiro momento, já frequentando as aulas do mestrado e estudando mais profundamente sobre desenvolvimento humano, percebemos a riqueza da vida dessa senhora de 98 anos, à época, e o quanto seria interessante um estudo de caso sobre o desenvolvimento, por meio de sua história de vida longa e com tantas mudanças geográficas, culturais e profissionais. Para a jornada do departamento, então foquei no estudo de caso, analisando o desenvolvimento dessa única pessoa.

Com esse propósito, em julho de 2012, viajei a Quito novamente para outra entrevista com Vera, procurando, em sua narrativa e temporalidade, questões que pudessem clarear e preencher algumas lacunas nas informações que já tinha. Ela havia completado 100 anos em março e eu sabia que havia a possibilidade de ela não estar mais viva. Foi o que aconteceu. Onze dias antes de minha chegada ao Equador, ela faleceu.

A minha busca era obter mais informações sobre sua história de vida e eu já tinha as passagens aéreas em mãos. Então, chegando a Quito, procurei pessoas que pudessem me dar informações sobre ela, além de jornais e revistas em que constassem algumas notícias sobre o mesmo assunto.

Realizei entrevistas com o terapeuta holístico que a acompanhou por 25 anos até sua morte; com a pessoa que escreveu o seu último livro, ouvindo e escrevendo o que ela relatava e que foi lançado no seu aniversário de 100 anos; e com uma psicóloga que esteve com Vera desde a fundação do Centro de Desenvolvimento Integral em Quito.

A vida dessa importante psicóloga gerava interesse para muitas pessoas e, assim, pude aproveitar, além dos registros em entrevista que foi realizada para esse estudo, e por documento escolhido por ela para trazer a entrevista, também os registros em DVDs produzidos por outros

sobre ela, entrevistas em programa de televisão, seu livro autobiográfico, revistas e outros documentos que utilizei nesse estudo.

Para esse estudo, utilizamos os seguintes materiais apresentados abaixo.

2.3 Materiais

- 1) Transcrição de uma entrevista produzida em DVD por Greg Shaw em 2006 e doado todos os direitos ao Centro de Desarrollo Integral, CDI, fundado por Vera Kohn.
- 2) Cópia do passaporte com sua saída da antiga Tchecoslováquia, sem direito a retorno, como judia no início da Segunda Guerra Mundial. Esse documento foi trazido por iniciativa de Vera para a entrevista em 27/05/2010. Não foi solicitado pela pesquisadora.
- 3) Transcrição de entrevista semiestruturada autobiográfica, focando história de vida relacionada à dimensão profissional. Gravado para essa pesquisa, em MP3, no seu consultório em sua residência em Quito no dia 17/01/2011.
- 4) Trechos de seu livro publicado com experiências terapêuticas e autobiografia, publicado em espanhol em 2006 e traduzido para o português em 2010. A versão em português foi a que utilizei.
- 5) Transcrição de entrevistas realizadas com:
 - a) o terapeuta holístico que a acompanhou por 25 anos até seu último dia, realizada em 16/07/2012;
 - b) a pessoa que escreveu com ela o seu último livro, lançado em sua festa de aniversário de 100 anos. Realizada em Quito nos dias 17 e 18/07/2012.
 - c) a pessoa que inaugurou o CDI junto a Vera. Realizada em 18/07/2012.
- 6) Transcrição de entrevista com a psicóloga num programa de televisão num canal público equatoriano. Em 09/07/2004.

2.4 Procedimentos

- 1) A primeira entrevista que realizei com ela foi em 27/05/2010 em Quito, em sua residência, na sua sala de atendimentos. Infelizmente o gravador, como já foi dito, falhou e perdi esses dados, tendo, apenas, poucos elementos registrados em meu diário de pesquisa, na minha memória, fotos do encontro e do seu passaporte, levado por ela por escolha dela ao momento da entrevista.
- 2) Nessa mesma entrevista, Vera trouxe para me mostrar um livro confeccionado artesanalmente por uma amiga alemã, contando um pouco da história do CDI e alguns momentos da vida dela. Ela me cedeu por alguns instantes, para eu tirar cópias na copiadora próxima a sua casa, em Quito. Expressou o desejo de me emprestar esse livro e recomendou que não demorasse em devolver, dizendo que era muito importante para ela.
- 3) O DVD que utilizei com a entrevista foi produzida por Greg Shaw no ano de 2006. Ganhei de presente do produtor e sua esposa Theresa Coimbra. Todos os direitos desse DVD foram doados pelo produtor ao Centro de Desarrollo Integral (CDI) no mesmo ano da produção.

- 4) A segunda entrevista que realizei também foi em sua residência em Quito, na mesma sala de atendimentos em 17/01/2011.
- 5) As entrevistas com Márcia Valarezzo (a pessoa que escreveu o livro de Vera) e Fabian Dávila Y. (o terapeuta holístico que a acompanhou por 25 anos até sua morte), que aceitaram meu convite para a entrevista, foram realizadas no Hotel de La Mancha em Quito, onde eu estava hospedada. Nos dias 16, 17 e 18/07/2012.
- 6) A entrevista com Martha Macias (a psicóloga que esteve com ela fundando o CDI) realizei em sua residência, também em Quito em 18/07/2012.
- 7) Da entrevista de Vera para a televisão equatoriana recebi cópia de Márcia Valarezzo gravada em um DVD e cedida pelo canal de televisão pública do Equador. Essa entrevista foi realizada em 09/07/2009 e eu tive acesso a ela em setembro de 2012.
- 8) Um dos livros de sua própria autoria, em espanhol, comprei dela mesma quando veio ao Brasil em 2006 e trouxe alguns exemplares.
- 9) O mesmo livro editado em português comprei dela no lançamento dessa versão em Brasília, em 2010.
- 10) A fotografia do seu convite de aniversário recebi de minha amiga Elza, que viajou na ocasião a Quito, para celebrar os 100 anos.
- 11) Revistas com notícias de Vera recebi de Márcia Valarezzo.
- 12) A revista Caras de abril/2010 recebi de Theresa e Greg quando retornaram de Quito e me presentearam com um exemplar.

PARTE III - RESULTADOS E ANÁLISES

1.1 Procedimentos

Como já foi explicitado na metodologia, esse estudo de caso foi baseado nas narrativas que Vera Kohn produziu e sobre sua própria vida. As fontes de informações são das entrevistas semiestruturadas, seu livro autobiográfico, uma entrevista a um programa de televisão equatoriano, e entrevistas com outros que conviveram com essa única pessoa que participou dessa pesquisa. Além de informações que a pesquisadora tem pela convivência com essa psicóloga.

As entrevistas estão todas transcritas em anexo, porém, como método de aproveitamento do material, escolhemos, como já foi dito na metodologia, a ideia da confecção de seis crônicas baseadas nessas informações, a intuição e o conhecimento da pesquisadora com Vera.

A escolha foi de escrever seis crônicas, tendo como referências marcos em diversas solicitações de seus papéis sociais. Esses marcos podem ter propiciado oportunidades de desenvolvimento do *self*. Também, dentre seus diversos posicionamentos, pode ter vivido momentos de tensão e rupturas.

As Crônicas são definidas pelo dicionário, como um relato no qual os fatos são registrados em ordem cronológica, ou ainda, um gênero literário, em que os fatos são apenas narrados, conservando-se sua ordem cronológica (Larousse Cultural, 1999).

A escolha da confecção das crônicas se deu para que auxiliasse-nos na análise inspirada no método construtivo-interpretativo (González Rey, 2002, 2005; Zittoun et al., 2007) e como uma possibilidade de inserir informações, sem que fosse necessário analisar todo o material construído, ao mesmo tempo sintetizando momentos que caracterizassem posicionamentos diferentes em seu “constituir-se”. Procuraremos analisar diálogos entre seus diferentes posicionamentos, dentre as situações de sua vida que caracterizaram rupturas.

As crônicas possibilitam organizar de forma cronológica informações de maneira sucinta em temas, como unidades de análise, e cada crônica fala de um tema abordado dentro dela, momentos de rupturas, de mudanças no curso de vida de Vera. Como já dissemos, nem toda mudança caracteriza desenvolvimento, mas o foco nesse estudo é procurar perceber de que forma podemos analisar nas narrativas a maneira que se deu o desenvolvimento de Vera, e se podemos concluir que pode haver desenvolvimento até o fim da vida de um ser humano, utilizando esse estudo de caso.

Para as crônicas, utilizamos informações retiradas dos anexos, conforme as partes transcritas com suas próprias palavras e as informações que eu, como pesquisadora, e como

pessoa que a acompanhei em diferentes momentos de sua vida, considere que eram informações fidedignas, válidas, trazendo uma legitimidade ao estudo. O olhar da pesquisadora e a intuição estarão presentes nessa co-construção. Será uma Vera como eu, pesquisadora, imagino, a partir de toda a construção feita na pesquisa.

Nessa perspectiva dialógica, assumida nesse estudo, o desenvolvimento humano do sujeito escolhido implica analisar na sua história de vida os aspectos de linguagem e a construção dos significados, tanto na sua cultura pessoal como na dimensão coletiva; considerar que o sujeito tem papel ativo no seu processo de desenvolvimento e também que existem características próprias, tais como dialogicidade, alteridade, dinamicidade e contextualidade nessa relação dialógica no desenvolvimento.

As análises serão descritas após cada duas crônicas. Separei cada crônica em quadros para que elas não se misturem no texto de análise. Cada crônica foi escolhida tendo com referência ou momentos de mudanças na sua vida, ou papéis que a representavam, como “mulher”. É o caso de uma crônica. As outras iniciam com mudanças ou possibilidades de mudanças na sua vida. As análises serão feitas buscando nas crônicas momentos de mudanças, em que algumas podem ter provocado tensões que geraram antagonismos ou propiciaram desenvolvimento de *self*.

Não assumimos uma postura de historiadores, nem analisamos toda a história de vida do sujeito escolhido, e sim analisamos alguns momentos por meio de suas narrativas e informações de outros que conviveram com esse indivíduo, para compreender seu desenvolvimento de *self*. Como esse ser humano está inserido num contexto histórico e social, a sua história será permeada por momentos da história coletiva como contexto. Assumimos que o ser humano tem autoria na construção de sua singularidade, por considerar que cada indivíduo, de forma particular, assume posições a partir dessas negociações com a cultura coletiva.

Nesse estudo, focado na história de vida de um sujeito apenas, a memória também é indissociável da organização social da vida. Por meio das narrativas, talvez possamos identificar marcas e rupturas na história de vida, sem se esquecer das dificuldades no trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Muitas vezes, é como se o sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz, nem de pessoal de enquadramento adequado (Pollak, 1989).

1.2 Análise e discussão dos conteúdos

São seis crônicas, todas escritas na primeira pessoa do singular, sendo as cinco primeiras como se fosse “a Vera que eu, pesquisadora, imagino” narrando, e a última na pessoa da pesquisadora que escreve sua experiência após o anúncio da morte de Vera, com as informações de entrevistas com pessoas próximas a ela e com as próprias impressões desse

momento de despedida. As análises serão a partir da relação de cada crônica, como se dialogassem entre esses diferentes momentos ou posições na vida de Vera.

Crônica 1: Vida em Praga

Em 1912... “ocorreu uma explosão de suma transcendência: um espermatozoide de meu pai perfurou o óvulo de minha mãe e o milagre aconteceu. Minha presença foi decidida nesta existência, que é tão imensa e que só o silêncio permite definir parcialmente”

(Kohn, 2010, p.185).

Reinava, nesta época, o Imperador Francisco José na monarquia austro-húngara, que durou sessenta anos. Como participante da comunidade judaica, eu brincava, estudava e, até a minha saída para o Equador, a voz de meu pai era a lei. Meu avô materno era banqueiro e fundou o Banco Nacional da Áustria. Meus avós foram muito importantes para mim e por morarem perto, estava sempre com eles entre minha casa e a deles.

“Nasci em Praga, numa época em que a comunidade judaica ainda vivia ao redor de uma sinagoga do século XV. Meu pai era advogado e meu avô paterno, agricultor em Tebívlice, perto do que depois foi o campo de concentração de Terezin” (Kohn, 2010, p.19). “A pátria nunca sai do sangue”

(Kohn, 2010, p. 38).

Quando criança minha educação era de menina rica. Não que soubesse disso, mas me dou conta hoje como meu avô tinha dinheiro e era dono de tantas coisas. Podia me proporcionar todos os mimos quantos eu quisesse. Meu pai era uma figura divina e infalível, até que cinquenta anos depois vim a saber que era um obcecado pelo jogo de baralho. Minha mãe era uma das mulheres mais elegantes da cidade, romântica e triste.

A escola era de meninas, a mesma que minha avó e depois minha mãe haviam estudado. Escrevíamos com letras góticas e faziam-me decorar páginas e páginas de peças teatrais, sempre com a coluna reta. Talvez uma escola um pouco severa.

Em família, tinha um irmão um pouco mais velho e uma irmã mais nova e à hora do que chamávamos carinhosamente de “O Café” conversávamos, líamos peças, poesias e fazíamos teatros de marionetes numa salinha de nossa casa, junto a nossos pais.

“Nessa minha Praga querida conheci o arquiteto que ia construir a casa dos sonhos de meus pais. Ele almoçava em casa quando saíam para procurar um terreno, e eu os escutava.”

(Kohn, 2010, p. 29).

Karl, esse arquiteto, era amigo de meus pais e sempre os visitava, enquanto eu prestava atenção à conversa deles como uma criança curiosa. Mais tarde pediu autorização a meus pais para me conhecer e namorar. A autorização foi dada. Era muito mais velho do que eu. A casa dos meus pais nunca foi construída, mas aos 23 anos fui aprender com a família de meu futuro marido os costumes ortodoxos judaicos. Com isso perdi as festas com o brilho das árvores de natal, em troca do Chanukah, a festa ortodoxa judaica. Confesso que foi uma grande perda para mim. Fui expulsa do paraíso!

“O mito fala por osmose no idioma dos ancestrais” (Kohn, 2010, p. 30).

O véu de minha avó que guardava há tanto tempo para meu casamento não foi autorizado pelo meu futuro marido. Era um arquiteto muito moderno para aceitar aquele véu antiquado, na sua visão. Perdi a proteção da minha avó. Para a cerimônia, que acabou sendo numa sinagoga desconhecida, papai pagou para o músico cantar pouco e terminar logo. Como o músico desobedeceu, a cerimônia simples foi eterna.

“Depois que perdi o véu de minha avozinha, ela mesma, que me havia dado seu afeto grande e forte, se foi, e meu avô, que não podia viver sem sua amada Tini, não se levantou mais da cama e seguiu-a seis semanas depois. Aquele era um amor incondicional. A avozinha ensinava com exemplos; quando eu tinha dezessete anos, contava: “Quando seu avô vinha me visitar eu o deixava fora, na escadaria, me esperando durante horas. Não há que entregar-se facilmente aos homens””

(Kohn, 2010, p. 32)

Crônica 2: Fuga da Guerra

“É 1938. Pelo rádio, os gritos de Hitler, enquanto nós, no sótão empacotávamos as coisas para emigrar” (Kohn, 2010, p. 33).

Ser judia em minha terra tcheca em Praga me obrigou a aceitar o convite de fuga. Era um tempo de sobrevivência. A voz de Hitler gritava no rádio anunciando a invasão alemã. Meus pais já haviam partido em fuga para Inglaterra enquanto empacotávamos no sótão escuro nossos poucos objetos pessoais para a fuga na madrugada. Em cima da mesa de ping-pong, descansava o enxoval de minha irmã que nunca seria usado. Corri em busca do que para mim era um tesouro e não podia perder o desejo de levá-lo comigo, o livro da infância de meu pai, assinado por Goethe, com poesias para sua amada Ulrike e uma dedicatória a ela. Amor nunca concretizado, por não ter a benção da família. Papai conheceu Ulrike já idosa, só e fiel ao seu amor por Goethe até a morte. Ela nunca se casou e seus momentos de doçura se restringiram a jogar balas de caramelo na boca das crianças como uma promessa de um amor não realizado. Esse era o tesouro que eu compartilhava com meu pai. Ele se perdeu, como tantas outras pessoas e tesouros destruídos pela guerra.

“Você não imagina um caos dirigido, calculado, dos invasores alemães. Isso era tão calculado que não havia por onde sair” (anexo 3).

Da estação de trem, vi meu tio pela última vez, o que ficou foi o seu adeus, quando embarcávamos em direção a Liverpool. Ele não havia conseguido os papéis para sair do país. Morreu num campo de concentração. O navio saiu de madrugada de Liverpool com 20 pessoas da família de meu marido. Karl, nossa filha Tanya com quatro aninhos e eu fazíamos parte desse grupo e não importava para onde íamos, queríamos uma terra onde houvesse paz. Nessa madrugada soube que não seria o Canadá, nem Argentina. Seria Equador. Nunca havia ouvido falar desse lugar.

“Minha história no Equador começa no escuro, com a escuridão total e negra de uma noite numa praia equatoriana” (Kohn, 2010, p. 35).

A chegada ao Equador foi à praia de Salinas em Gayaquil no ano de 1939, onde não havia ainda porto. Saltamos em alto mar e essa chegada me lembrou um sonho da minha infância, que tive por três vezes seguidas aonde chegava numa praia com palmeiras, como esta aonde chegamos ao território equatoriano. Acho que os sonhos são atemporais e podemos viajar neles num tempo muito diferente daquele que conhecemos.

Deixar tudo para trás, desapegar, recomeçar. A recepção no Equador foi muito, muito boa! O presidente do Equador Galo Plaza Lasso nos concedeu cidadania equatoriana, e como meu marido já era um arquiteto reconhecido em Praga facilmente arrumou trabalho.

No ano seguinte, a mudança para Quito e como era fácil trabalho para Karl, dava aulas de belas artes na Universidade e fazia projetos de casas. Boas casas. Lindas casas! Umas delas até

reconhecida internacionalmente. Nossa casa foi construída pelo meu marido e inaugurada em 1952 pelo mesmo presidente que autorizou acolhimento do país na nossa chegada. Eu era a dona da casa e passei todo esse ano mostrando e engrandecendo a casa aos visitantes.

Na minha infância, num tempo difícil antes da guerra, me impressionava muito ver ciganos imigrantes largados dormindo em colchões, aguardando decisões de qual caminho poderiam seguir ou conseguir lugares de trabalho. Com essa impressão, brincava que minha cama era um navio e colocava todos os brinquedos em cima da cama para levar todos os meus pertences na viagem imaginária. Mal sabia eu que teria que me submeter a uma fuga num navio, chegaria como imigrante em um país desconhecido, escapando de uma guerra e com apenas poucos pertences e um passaporte carimbado com impedimento de retorno à minha terra natal (anexo 4). Talvez por ter sido o Equador o país que aceitou todos nós juntos tenha sido para mim o melhor berço a abrigar os únicos colos conhecidos por perto.

Como já anunciamos, a cada duas crônicas as análises serão confeccionadas. Esperamos que essa forma possa auxiliar na compreensão-interpretativa que escolhermos como metodologia de análise, nesse estudo de caso.

Análise da crônica 1: vida em Praga x crônica 2: Fuga da Guerra

Vera descreve seu nascimento numa família judaica, com os mimos de uma menina rica, numa família que valoriza os estudos e a arte como cultura. Em uma família que a acolhe com carinho, atendendo a muitos desejos seus, na relação com os avós e pais. A língua e a terra natal é um registro forte nos seus relatos de vida. Mais tarde veremos os prováveis motivos para dar esse significado importante, a terra e a língua natal. Seus estudos eram valorizados pela família, quando aprendia línguas, viajava nas férias para o local da língua falada para aperfeiçoar o aprendizado. A família se reunia em conversas, poesias e cantos. Tinha *status* de uma família com posses materiais e estrutura afetiva. Nesse contexto histórico da Vera, ela se posiciona com uma mulher de classe social privilegiada, com valores familiares e religiosos tradicionais que estão em concordância com sua maneira singular de ver o mundo.

Casou-se com um judeu que já era um conhecido arquiteto em Praga e amigo da família. Ele solicitou aos pais dela que pudesse conhecê-la melhor e namorar. Ela aceita as solicitações dos pais sem questionamento. Em termos de constituição do *self*, se posiciona como filha obediente às ordens e solicitações, seguindo a expectativa estabelecida socialmente.

Antes do casamento, aprendeu com a sogra os costumes ortodoxos dos judeus. Nesse momento, ela narra como tendo que abrir mão de símbolos importantes para assumir a maneira de ser judia, diferente do que era vivido em sua família de origem. Depois que se casou, sentiu

perder o brilho do natal em troca de uma festa que ela não sentia como uma festa mais significativa do que o natal. Em sua narrativa, no seu livro autobiográfico, não parece ter sido algo que causasse conflito interno, e sim uma autoconcordância com o que era exigido para seu papel de filha e esposa. No entanto, se está relatado em seu livro, é porque foi um registro importante na mudança de seu papel de filha para esposa.

Apesar de concordar com seu novo papel, o de pertencimento de uma família ortodoxa judia, ainda está na sua memória o registro de uma perda significativa de crenças e valores de sua família de origem. Sua narrativa no livro já foi escrita em idade avançada e também depois de ter vivido muitas outras perdas na sua vida longa. Então, provavelmente em sua memória, já não estão registradas como perdas significativas, demonstrando que foram assimiladas e reorganizadas em sua cultura pessoal.

Para esse novo posicionamento de esposa, não só perdeu a comemoração do natal como também a possibilidade de utilizar o véu que pertenceu a sua avó. Para ela o véu simbolizava a proteção de sua avó, e se vestindo com ele na cerimônia, essa proteção a acompanharia depois de seu casamento. O fato de o noivo considerar antiquado o véu de sua avó a fez sentir-se mais uma vez perdendo algo afetivamente significativo, para abraçar a nova vida, e se despedir do que era familiar a ela na infância e adolescência.

Casou-se aos 23 anos. Ocorrem mudanças, porém, pelo que descreve em seu livro sobre a sua vida em Praga, até o seu casamento, são mudanças que estão em concordância com a trajetória de vida esperada socialmente. Essas mudanças são significativas, já que as relata e estão ainda em sua memória, mas, mesmo sendo mudanças nos seus papéis sociais, elas não parecem, em suas narrativas, serem consideradas como algo traumático, em que possamos considerar rupturas em seu desenvolvimento. Provavelmente por estar em acordo com os padrões sociais, e atendendo em concordância a esse novo posicionamento, agora de esposa.

A vida em Praga é descrita sem muitas lembranças da primeira infância, mas seguindo as tradições judaicas e as aceitações das ordens da família e da tradição. No casamento, mesmo se sentido desvinculada de símbolos importantes da família de origem, ainda vive na mesma cidade e com os laços mantidos com regularidade e visitas, seguindo o esperado pela expectativa social. Podemos perceber concordância entre as diferentes posições assumidas por ela e isso permitiu uma negociação entre si mesma e a ordem social (Hermans & Hermans-Konopka, 2010).

Até esse momento da vida de Vera parece demonstrar que em seu desenvolvimento da infância, adolescência até o seu casamento ela se posicionou acatando as regras da tradição judaica e da família. Em sua narrativa, essas lembranças parecem ser contadas com afeto. Quando fala de seu casamento, apesar de acatar todas as solicitações sociais externas, demonstra que houve perdas e despedidas ao aceitar o casamento. Perdas que na sua visão aos 97 anos já não eram tão grandes assim. Lembrar o passado a convida a organizar o que se passou e a

dialogar com ela mesma. Segundo Valsiner, os papéis sociais são estruturas que vão organizando a vida dos indivíduos: “As pessoas navegam de um papel para outro por trajetórias socialmente estabelecidas” (Valsiner, 2007, p. 134).

A crônica 2 é iniciada com a voz de Hitler anunciando no rádio a invasão alemã a Praga. Na cultura coletiva, esse marco é de ruptura na trajetória que a cotidianidade esperava. Sua fuga se deu no tempo suficiente para organizar os documentos que possibilitassem a sua saída. Vera foge e de forma abrupta deixa sua vida organizada e obediente da família e da tradição judaica, onde seguia a trajetória estabelecida por sua cultura. Muitos judeus e outros perseguidos por Hitler não optaram pela fuga no início da guerra. Ela e o marido fugiram carregando sua única filha nascida até então, Tanya, ao perceberem que a guerra havia chegado, e eles seriam os inimigos e os perseguidos pelos invasores. Aceitaram vir para o Equador por ser o país que receberia os 20 da mesma família. Já haviam perdido muitas coisas, muitas pessoas queridas ficaram para trás, e seus pertences também. Não queriam perder ainda mais esses poucos laços familiares que restaram. A família tem importância para ela desde a família de origem, como a família de seu marido, a que se vinculou.

Karl, seu marido, era conhecido arquiteto e pintor, e suas obras começaram a ser confiscadas pelos alemães, em Praga. Podemos imaginar que, por terem sido desde o início da guerra, vítimas de furtos pelos oficiais aos seus pertences, puderam perceber mais rapidamente do que os outros a ameaça da guerra, ou talvez, os outros não consideraram a ameaça da guerra como algo já estabelecido. O fato é que no início da guerra, ou melhor, ainda com os anúncios da guerra em 1938, Vera e seu marido se movimentaram para saírem fugidos da terra natal, do acolhimento familiar, da língua e da cultura tcheca, tão bem conhecida e valorizada por ela. Vera se posiciona como esposa ao lado do marido e desses 20 familiares, a maioria era da família dele. Seus pais já haviam fugido para Londres. Até esse momento, pode ser percebido um posicionamento que continua seguindo as expectativas familiares e sociais. Os pais haviam fugido para Londres, mas seu papel assumido era ao lado do marido e filha e segue seus familiares da família atual.

Vera descreve em uma frase a sua vivência do horror da guerra, na entrevista dada a um programa de televisão nacional do Equador, ao entrevistador: “Você não imagina um caos dirigido, calculado, dos invasores alemães: isso era tão calculado que não havia por onde sair” (anexo 3). Bakhtin relaciona o horror da guerra, como o abuso de poder e nesse sentido é monológico. A polifonia é deixada de lado e não há saída para os que estão sofrendo um caso de abuso de poder onde uma única voz é ouvida (Bakhtin, 2010).

Vera, com a anúncio da guerra, foge, e aquela vida organizada e tradicional é deixada de forma abrupta para trás. Muitos documentos são exigidos pelo governo para sua saída, e a condição é a proibição de retorno. Isso ficou registrado em seu passaporte na sua saída de Praga (anexo 4). Fugiram em um navio e só a bordo soube para que país iriam. Nunca havia

ouvido falar do Equador, o país que havia dado sinais de recebê-los, e para onde concretizaram a fuga. O país os recebeu com acolhimento, e Vera sempre reforçou sua gratidão nas palestras e conversas a essa recepção. A única razão de ser o Equador foi o fato de aceitarem os 20 da mesma família. Os laços familiares e a tradição judaica continuam em concordância interna, mesmo em sua chegada ao Equador (Hermans & Hermans-Konopka, 2010). Não conhecia a língua e não tinha nenhuma informação dos costumes do país, mas a paz era aonde queriam chegar e isso era o mais importante. Isso demonstra o desejo de sobrevivência e a manutenção desses poucos laços familiares que lhes restaram se posicionassem como com dominante em todo o contexto.

No primeiro momento em Praga, os laços familiares já mostraram a importância que tinham na sua vida. Fugir e perder tudo o que valorizava não podia ser acrescido também pela perda daquelas 20 pessoas, que conseguiram a licença para se retirar do país. Ela se lembra do tio dando adeus na estação de trem, por não ter conseguido os documentos para a saída. Essa imagem me descreveu em conversas entre nós e seu rosto se entristecia quando relatava.

A ruptura da guerra é vivida na cultura coletiva e as decisões são tomadas por pessoas. Em todos os países que sofreram a invasão, havia indivíduos e diversas decisões foram tomadas. Alguns se mataram, alguns enlouqueceram, alguns fugiram e muitos foram aprisionados em campos de concentração. A guerra é um movimento cultural, e as atitudes no social são tomadas por indivíduos que podem modificar o social com suas mudanças pessoais. Mesmo em situações coletivas graves, são indivíduos se movimentando e ressignificando esses movimentos no *self*. A coletividade pode causar a guerra, mas o significado que terá essa guerra na cultura pessoal será construído individualmente na relação dialógica com esse coletivo: “Guerras são uma invenção cultural, um ato de movimento com propósitos destrutivos” (Valsiner, 2007, p. 204).

A escrita de seu livro autobiográfico (Kohn, 2010) é iniciada, no primeiro capítulo, com as lembranças de sua infância e a vida em Praga, passando pelo casamento, anúncio da guerra, até a sua chegada ao Equador. Esse livro foi publicado em espanhol no ano de 2006, já em idade avançada, mais precisamente aos 94 anos, e relata as perdas do passado que tiveram significados importantes, na mudança ao se casar e outras que ainda permaneceram registradas em sua memória.

O relato de sua saída de Praga com o marido, a quantia máxima de US\$ 300, uma filha de quatro anos e nada mais foi para ela um desamparo de tudo que conhecia na sua vida, tanto o amparo religioso, quanto familiar e do Estado. Como ela mesma disse, era um momento de sobrevivência e uma terra em paz era o suficiente. Essas perdas fazem parte da sua constituição como sujeito, mas não foi nesse momento que construiu um significado suficiente para desestruturá-la internamente. Apesar dessa mudança em todos os sentidos: até a lua refletia de forma contrária, da língua não entendida, a cultura, os costumes, o formato dos rostos, a vida, para ela era uma terra em paz e sobreviver era o suficiente.

O Equador, em 1939, ainda era um país com poucos recursos que pudessem proporcionar um conforto, pelo menos semelhante, ao que tinha na Europa. Cinema era um filme aos domingos, apenas um teatro pequeno, rádio e os concertos eram dos imigrantes que trouxeram essa cultura. Ela se mantinha equilibrada emocionalmente, apesar do convite da guerra para o desequilíbrio: “As vidas humanas em sociedade movem-se constantemente entre guerra e paz, daí a necessidade de garantir que as pessoas estejam psicologicamente ajustadas a ambas” (Valsiner, 2007, p. 134).

Então ao chegar ao Equador, relaciona a paisagem da praia com um sonho em uma praia com palmeiras, semelhantes aos três sonhos de sua infância, como já foi dito. Constrói um significado a seu sonho relacionando-o ao que estava iniciando em novo território. Busca no passado uma relação com o presente, na sua cultura pessoal. O sonho tem os conteúdos do inconsciente, e na hora da chegada ao completamente novo e desconhecido, talvez o seu mundo interno de alguma forma construiu uma ponte do passado com o presente. Era um novo não só geográfico, como cultural, histórico. Provavelmente são recursos construídos no nível intrapsicológico que auxiliaram nessa busca de estabilidade emocional (Delgado, 2006).

Na escala social, sua única referência que permaneceu eram as 20 pessoas da mesma família. Podemos pensar no posicionamento de *self*, ou autoconcordância, em que no seu interior constrói um significado com aquilo que havia vivido em sonho na infância, de forma repetitiva. Escreve em seu livro: “Minha história no Equador começa no escuro, com a escuridão total e negra de uma noite numa praia equatoriana” (Kohn, 2010, p. 19). Era o completo desconhecido e de forma metafórica associa a chegada do navio que os trazia de Liverpool, à noite, ao litoral de Guayaquil.

Sua chegada foi na praia de Salinas, mas em pouco tempo já estava em Quito, a capital do país, onde seu marido havia conseguido trabalho, até por já ter muita experiência como arquiteto e artista plástico. Havia um encantamento do marido de Vera aos traços de rosto das pessoas e da geografia do Equador, com tantas montanhas e vulcões. Seu marido se entusiasmou com o país e se sentia satisfeito com o que estava realizando. Vera se realizava apenas com o teatro. Fazia parte de um grupo de teatro dirigido por outro imigrante, um alemão. Quanto às tarefas de casa, de esposa e mãe, em seus relatos demonstra que não lhe davam tanta satisfação quanto as realizações de seu marido davam a ele. Em termos de *self* dialógico, parecia haver uma tensão entre seus diferentes posicionamentos. Já não conseguia cumprir suas tarefas domésticas e estar em acordo com as exigências sociais e valores familiares. Já podemos considerar que inicia uma tensão interna entre o posicionamento de esposa e mãe e algo novo que ela desconhece. Uma que exige que cumpra as expectativas sócias nos seus papéis de esposa e mãe, e outra que deseja estar no teatro todo o tempo, pois nesse cenário ela se permitia se posicionar contra os papéis exigidos socialmente. Em nossa análise, aqui parece configurar-se

um diálogo autocrítico entre os padrões sociais e seus desejos (Hermans & Hermans-Konopka, 2010).

Ela se sentia imigrante no Equador até a sua ida para a Alemanha, depois do término da guerra. Estar no Equador como imigrante relacionou essa sensação às suas lembranças de uma vivência da infância. Lembrou-se de quando via os ciganos imigrantes deitados em colchões nas ruas de Praga, sem rumo, aguardando algum amparo para poderem seguir em alguma direção. Isso a impressionava. Conta que na sua infância, após ver essas situações nas ruas de sua cidade, colocava todos os seus brinquedos na cama e fingia que sua cama era um navio que fugia para terras distantes e desconhecidas. Na brincadeira queria levar os brinquedos que na época eram os pertences mais importantes para ela. No seu livro ao relatar essa lembrança, diz que nunca havia imaginado que ela mesma seria uma imigrante sem rumo, numa terra desconhecida.

Quanto ao posicionamento de *self*, faz uma autocrítica (Hermans & Hermans-Konopka, 2010) relacionando as suas impressões da infância ao olhar um imigrante cigano e depois estar na posição do cigano que ela havia se compadecido. Em sua narrativa parece construir pontes que relacionem o passado com o presente, construindo uma linha na temporalidade de sua história de vida (Delgado, 2006). Novamente, ela procura vincular uma lembrança de seu passado, como um recurso para se estabilizar no presente. Ela busca no passado sua compaixão com os ciganos e se vê na posição deles no presente.

Crônica 3: Vera mulher

Eu fui criada como uma menina burguesa judia com férias em Londres para aperfeiçoar o inglês, com férias na França para aperfeiçoar o francês e um casamento autorizado pela minha família com um homem admirável e 18 anos mais velho que eu. Deixando essa ideia de paraíso para trás, havia muito que fazer para encontrar a Vera.

“Meu marido trabalhava muito e eu comecei a fazer teatro. O teatro para mim era muito interessante. Havia colocado em minha cabeça que tinha que ser atriz, porque na época era minha vida.

Isso foi uma grande perda. Eu vivia mais o teatro do que na minha vida diária. Eu me identifiquei totalmente com os personagens, e com isso tive muitas dificuldades na vida cotidiana e com a família”

(anexo 2).

Vinte e oito anos, uma filha, um marido e US\$300 eram o que tinha quando cheguei ao Equador e à medida que o tempo foi passando adquiri outros pertences. Não que eu gostasse deles. Eram obrigações como mãe, dona de casa, assistente do meu marido, tarefas domésticas, artesanatos, confecções de balas de café. Nada disso me era suficiente. Eu queria algo para mim. O teatro preencheu por um tempo e, depois já me misturando com os personagens, viajei aos Estados Unidos e depois Suíça em 1956, para ouvir de uma especialista corajosa que eu não era tão boa atriz quanto imaginava. Quem era eu então se a vida diária me era entediante?

“Agora para mim, eu tinha experiências que não são da vida diária, que não se encontram geralmente em um centro comercial, e de muita solidão” (anexo 2).

Precisei me dividir, me misturar, me esquizofrenizar em busca da mulher que sou e da força que tenho. Não que essa força seja só minha, na verdade ela está disponível para todos, eu precisei aprender a aproveitá-la. Queria algo que eu soubesse que era meu e também que pudesse colaborar com o mundo a minha volta.

Meditação, terapia, encontros significativos, a presença de um mestre foi me mostrando a mulher que me tornei. Escolhemos o que vamos considerar como principal nas nossas vidas e, às vezes, abrimos mão de dedicações que todos a nossa volta exigem.

“O que eu gostava sempre de Vera era essa abertura em encorajar as pessoas a serem elas mesmas. Era maravilhoso porque ela era mais velha que a gente e ela sempre tinha ideias novas” (anexo 7).

“A Vera tinha uma personalidade muito forte que dava muita segurança. Estar perto dela nos dava segurança. E os encontros com ela eram sempre com segurança e alegria” (anexo 8).

Libertar-me das minhas dependências do passado e me tornar mulher foi uma conquista, aproveitando a força da terra, da natureza, para assumir o meu lugar no mundo, como pessoa, como mulher.

“Para compreender a fundo a psicologia da mulher, temos que começar por diferenciar o feminino em si, da mulher em seu aspecto social. Na vida diária, a mulher desenvolve todas as suas faculdades inatas de filha, mãe, esposa, amante e profissional. O psicólogo a ajuda a esclarecer seus papéis a fim de cortar suas dependências e jogos de relações fictícias” (Kohn, 2010, p. 189).

Quando achei o meu caminho senti que era esse o caminho. Segui-o até meus últimos dias, com o tamanho dos meus passos e afirmando que o próximo passo é sempre o mais importante.

“Uma cultura que tenha perdido a fonte da vida, que é feminina, se esfria numa mente que continuamente enuncia critérios sobre o bem e o mal e não é capaz de criar sua própria vida. O feminino, como complemento indispensável à vida, tanto na biologia quanto na vida psicológica, tem se relacionado desde sempre com imagens arquetípicas que tem sua própria energia, seu símbolo, sua força eterna.” (Kohn, 2010, p. 191).

Não posso dizer que fui uma boa mãe, talvez nem tão boa esposa e acho que minhas filhas sentiram muito a minha falta enquanto eu estava na busca de mim mesma. Casei duas vezes com o mesmo marido e o honrei todos os dias, deixando nossa casa com os mesmos móveis que ele planejou, o jardim, seu retrato na parede da sala, pintado por seu aluno Oswaldo Guayasamín, e toda a sua presença na vida de nossa família até os meus últimos dias.

Para mim não havia outro caminho, eu precisava achar a Vera e não foi nas tarefas domésticas que a encontrei. O caminho é o caminho escolhido e eu precisava assumir minha autoria na vida.

Análise da crônica 2: Fuga da guerra x crônica 3: Vera mulher

Vera seguia atendendo as solicitações de seus papéis sociais, antes como filha e agora como esposa, mãe. Assumia as tarefas do lar, confeccionava artesanatos, balas de café, desde sua chegada fugida da guerra, para auxiliar nas despesas da família. Mais tarde se entusiasmava com o teatro. O teatro era o lugar que propiciava a fuga de sua cotidianidade em acordo com seus desejos e suas realizações. Estar no teatro ocupava tempo de sua vida em casa, e suas filhas cobravam dela esse papel. Seu marido a queria como secretária do seu escritório e como dona de casa e mãe. Havia uma cobrança para que ela se posicionasse dentro das exigências domésticas. A partir de sua chegada ao Equador, e depois de não morar mais na sua terra natal e não estar mais na cotidianidade abraçada por sua cultura europeia a que se familiarizava, os atendimentos às expectativas sociais parecem não estar mais em acordo dentro dela. O teatro a acalmava e a satisfazia mais do que as tarefas domésticas.

Parece que, no seu mundo interno, com essas exigências, inicia uma tensão entre suas diferentes posições. Assim como as vozes externas entravam em desacordo com seus desejos de estar todo o tempo no teatro, e as solicitações de suas filhas e seu marido, também no seu mundo interno, na construção da sua cultura pessoal, surge tensão entre seus diferentes posicionamentos, gerando autoconflito. Nesse momento, ocorre tensão entre duas ou mais posições. Essas tensões em direções opostas parecem que geram conflitos interiores. Ela sabia que a exigência social era para ela cumprir com suas tarefas de mãe, esposa e dona de casa, mas a entediavam. Só sentia satisfação com o teatro. Apesar dos conflitos externos com a família e internos entre seus diferentes posicionamentos, ela escolhia o teatro por ser mais prazeroso e não o sentia como entediante, como eram as tarefas do lar. Ela se posicionou como mulher em busca de algo ainda desconhecido, e houve perdas para a família. Essa posição foi se formando como mais dominante na construção de sua cultura pessoal, do que sua posição de esposa e mãe. Aos poucos foi se constituindo nessa nova posição diante do social.

Como mulher, Vera não se encaixava nas solicitações dos papéis sociais. Havia uma insatisfação que causava tensão externa, na relação familiar, e interna no diálogo com partes do *self* que discordavam e não queriam atender essas solicitações. Ela se posiciona fazendo parte

do grupo de teatro em Quito e depois viaja a Nova York ainda nessa tentativa de aperfeiçoamento no papel de atriz para o teatro.

Ser mulher para ela não era apenas atender às solicitações dos papéis sociais. Disse em seu livro: “Para compreender a fundo a psicologia da mulher, temos que começar por diferenciar o feminino em si, da mulher em seu aspecto social. Na vida diária, a mulher desenvolve todas as suas faculdades inatas de filha, mãe, esposa, amante e profissional. O psicólogo a ajuda a esclarecer seus papéis a fim de cortar suas dependências e jogos de relações fictícias” (Kohn, 2010). Vera não queria se restringir a expectativas sociais, como mulher. Queria utilizar suas forças, seu potencial como indivíduo, só que até aqui, ainda não havia descoberto como faria para se sentir em concordância com suas solicitações sentidas internamente.

O feminino para ela era indispensável à vida, não apenas de forma biológica como também o relacionamento com imagens arquetípicas que tem sua própria energia, seu símbolo, sua força eterna. Em sua cultura pessoal, ela entrava em conflito e reconhecia que havia discordâncias na maneira como se posicionava diante da família e do teatro, mas ainda desconhecia como diminuir a tensão entre seus conflitos internos.

Como esposa, durante toda a sua vida, honrou seu marido. Manteve a casa que ele construiu como arquiteto, do mesmo jeito que foi organizada, inclusive os móveis projetados por ele. Cumpriu na medida do possível suas tarefas domésticas e não deixava de buscar suas satisfações no teatro. Apesar da queixa de suas filhas sobre abandono da mãe na infância, estiveram até o final de sua vida próximas a ela, mesmo que morando em outros países.

Dentre os objetos deixados no mesmo local e do mesmo jeito que seu marido deixou, também estão obras do mais conhecido artista plástico do Equador, Oswaldo Guayasamín. Esse artista foi aluno de seu marido, Karl. Presenteava seu professor com seus quadros, por não possuir dinheiro para pagar as aulas. Até a morte de Vera, lá estava o retrato de Sr. Karl, pintado por Guayasamín, outros quadros de outros artistas e do mesmo, e uma escultura doada pelo mesmo artista na entrada de sua casa.

Vera era uma mulher bonita, elegante e com uma presença forte aonde chegava. Comparecia aos eventos quando convidada sempre elegantemente vestida, até seus últimos momentos. Sua última entrevista gravada foi no dia 04 de maio de 2012 e além de sua lucidez na fala, ainda estava bem vestida, com uma echarpe e ao final da entrevista tomou uma taça de vinho com o entrevistador.

O Equador reconheceu e a condecorou por seu trabalho profissional e atendimentos sociais, assim como o Chile e o Peru. No Equador, Vera era referência profissional até seus últimos dias e atendeu clientes até um mês antes de sua morte, aos 100 anos.

Como mulher, ela foi muito além das exigências sociais de sua cultura europeia e familiar. Cada posicionamento escolhido na relação com o social traz mudanças nas relações.

Toda escolha entre duas opções terá perdas, mas essa é a dinâmica do constituir-se consigo mesmo e com o social (Rosa & Gonçalves, 2010). Ela teve prejuízos com suas filhas reclamando durante muito tempo do seu abandono, mas vivenciou, construiu e se posicionou como mulher, com o seu jeito singular. O chamado para realizar o que pretendia era mais forte do que os domésticos e ela deu significado a essa solicitação interna. Provavelmente auxiliou muitas mulheres a se consultarem sobre os papéis sociais e a submissão exigida em acatar essas solicitações. Coordenava grupos de mulheres violentadas e valorizava as mulheres equatorianas pela luta de cuidar de seus filhos e alimentá-los. As mudanças na cultura pessoal somam-se às mudanças na vida coletiva (Valsiner, 2007).

Na sua própria percepção, não conseguiu ser uma esposa, nem uma mãe exemplar. Isso pode ter decorrido de uma autocrítica que resultou de comparações entre padrões estabelecidos pelo social, e pelo seu próprio desejo, o qual gerou críticas sobre ela mesma por não ter se sentido atendendo a essas solicitações. Foi apenas quando ela assumiu a profissão de psicóloga que reconheceu que aquele era seu caminho, conciliado seus diferentes posicionamentos, que até o momento ainda estava em conflito. Para ela o profissional estava totalmente integrado a sua forma pessoal de ser².

A meditação entrou na sua vida com o *Zen* na Alemanha, na ocasião de sua visita à Europa no pós-guerra, e desde então jamais saiu de sua vida. O chamado para meditação sempre foi importante para Vera, e em sua residência ocorreram grupos de meditação abertos desde sua chegada do CDI/Alemanha, até dois meses depois de seu falecimento. Os grupos eram duas vezes por semana, conduzidos por ela, quando estava em Quito, e por outros na sua ausência. A disciplina e a sua constância na meditação permitiam ampliar esse contato e integração entre seus diferentes posicionamentos. Segundo Valsiner (2007):

O ato de meditação é um domínio de ação intrapsicológica voltada para o mesmo objetivo dos rituais que ajudam a pessoa a entrar em transe, na construção extrapsicológica de determinado processo psicológico de unir, por meio de ação ou de contemplação, o próprio *self* a um mundo 'não *self*' – para criar um campo semiótico hipergeneralizado do tipo afetivo (p.143).

A relação dela com a comunidade, como psicóloga, era de prestação de serviço. Foi uma mulher feminina, procurando uma consciência de si, dos outros e se posicionando politicamente, mesmo não sendo o seu país de origem e sim um país adotado. A meditação deve ter auxiliado a ela nessa conexão.

² Aprofundaremos esse tema na próxima avaliação.

Crônica 4: A esquizofrenia

Minha vida seguia em Quito, tínhamos a paz tão desejada ao sair de uma Europa dominada pelos gritos de Hitler iniciando uma guerra, uma guerra contra meu povo. Meu marido conseguiu trabalho com facilidade, minhas filhas cresciam e eu me sentia viva com a minha experiência no teatro. Tudo estava bem enquanto a guerra não havia terminado. Estava esperando retornar à Europa, e assim aceitava o convívio com a terra desconhecida, aquela língua estrangeira a mim.

“Minha dificuldade pessoal começou depois da guerra, quando já sabia que não poderia voltar. Era como se a distância entre a Europa e a América do Sul fosse cada vez maior” (anexo 2).

Sentia-me viva no teatro e foi lá que tive a minha primeira experiência com sensações de perda de limites com o mundo. Era o Teatro Sucre em Quito, um pequeno teatro com mais ou menos 800 lugares.

“Eu fiz um papel e veio a sensação de que eu não falava, se não falava o cenário, o público como um eco, mas eu não existia. Essa era uma experiência extraordinária que eu não podia explicar, nem ninguém podia compreender nessa época” (anexo 2).

Alguém precisa me explicar o que estava acontecendo! Em Nova York, visitei bibliotecas, conheci centros psicoterapêuticos e não me davam respostas. Eu sentia e sabia que algo meu faltava. Onde poderia achar? Preciso ir à Europa! Quantas buscas. Na Europa fiz muitas visitas a centros terapêuticos. Num deles um médico psiquiatra, tido como referência na área, em Zurique, olhou para mim e disse: não se preocupe, você vai ficar boa! Só que me disse isso com tantos cacoetes e tiques no seu rosto que tive a certeza que lá não iria encontrar nada.

Da casa de minha irmã em Viena escrevi para um tal de Carl Graf Durckheim, na Floresta Negra, Alemanha, e solicitei uma sessão terapêutica. Havia lido um livrinho dele no Equador e resolvi arriscar um encontro. Conto a ele o que havia sentido no Teatro e também o que eu havia encontrado em Nova York, em um livro sobre Arqueria Zen. Foi nesse livro que vislumbrei alguma resposta ao que havia se passado comigo. Ele? Conhecia o mestre desse escritor. Então eu fico! Como vai ficar dormindo em cima de um estábulo? Sim, você conhece algo que pode me ajudar e eu estou interessada. Eu posso encontrar aqui o que busco. Fui para uma sessão e fiquei três anos!

Eu estava muito confusa e meus dois lados não se uniam. Era mesmo difícil e hoje sei o quanto é difícil cada ser humano encontrar sua singularidade.

“Nas aulas de Durckheim se aprendia a respiração profunda, se aprendia que a coisa mais importante é o Hara (o ponto quatro centímetros abaixo do umbigo), se aprendia a caminhar conscientemente, de não ser uma máquina, de escutar a própria voz; analisar os sonhos com a Dra. Hippus; de superar em cada momento a inconsciência e chegar ao que ela chama de o exercício da integridade, de ser íntegro em cada momento do que fazemos” (anexo 2).

Precisamos de alguém que nos diga onde é o abismo e a permissão para desviar dele e seguir outro caminho. Não importava, ele me atendia a qualquer hora, até de pijama. Dirigia-se ao sadio em mim. Levei isso para meus atendimentos futuros: a confiança de que o cliente tem a resposta que busca, e não o terapeuta.

Devo muito a minha loucura! Foi com ela que viajei até o mais escuro das minhas profundezas e lá me encontrei.

“O melhor de minha vida tem sido minhas loucuras, afundar-me até a morte em minha esquizofrenia, em seus medos e grandezas, ser o que não se é, e já não atuar, mas apenas deixar surgir a verdade de suas profundezas; viver submerso no não ser, e ser, com cada fibra, o outro”
(Kohn, 2010, p.117).

Era manhã de sol e a hora da sessão de terapia estava próxima. O sol na Alemanha não é coisa fácil, portanto, o ânimo está presente quando ele surge. Cada um sentou em suas cadeiras com o papel e lápis nas mãos. Alguns objetos enfeitavam a sala de atendimento e Durckheim sentou-se. No meu psicografismo, técnica terapêutica criada por ele e sua esposa, desenhei rabiscos que, quando olhei, pareciam um mapa. Ah! Durckheim se aproximou e perguntou o que eu via. Eu via o oceano separando a América do Sul da Europa. E ele olhou no meu rabisco e disse: - Eu vejo o mar unindo os dois continentes! Essa experiência aconteceu em 1959 e foi muito importante para minha vida e para a minha integração.

Esse momento simbolizou no meu interior uma Vera dual se integrando. A força da sensação de poder integrar a Vera europeia, a Vera estrangeira no Equador, a Vera judia, a Vera zen, a Vera mãe, a Vera esposa. Nada mais se dividia dentro de mim! Surgia o terceiro: a Vera terapeuta! Eu soube naquele instante que era hora de voltar e conseguir a licença para trabalhar como psicóloga.

“Eu sei que a esquizofrenia foi o mais importante que aconteceu comigo, e a felicidade de tê-la superado. Agora necessito de minha vida para ajudar a todos os que a sociedade julgou. Tanto a esquizofrenia quanto o sair de lá são experiências sublimes: dor total e grandioso encontro com o verdadeiro ser.

É necessário percorrer um caminho e o mestre vai à frente. Cada um vai por seu caminho, enfrentando-se só com ele.”

(Kohn, 2010, p. 118).

Análise 3 Análise da crônica 3: Vera mulher x crônica 4: a esquizofrenia

A Vera mulher não se encaixava na vida social atendendo apenas às exigências de seus papéis de esposa, mãe e dona de casa. O teatro já não a preenchia e cada vez mais se sentia em discordância entre seus diferentes posicionamentos, havia uma tensão interna, pelo que conta desse período. Somado a perda da terra natal que havia sido arrancada pela guerra, também ficou para trás a posição de mocinha obediente que acatava as leis de seu pai. Seu pai, segundo ela, também já havia deixado de ser o homem perfeito, como um mito, e sim agora sabia que ele era um jogador de cartas compulsivo.

O Equador era aceito por ela e se mantinha equilibrada emocionalmente enquanto aguardava o final da guerra. Quando a guerra terminou, veio a notícia de que a antiga Tchecoslováquia havia se tornado comunista. Houve convite do governo da República Tcheca para seu marido retornar com trabalho garantido. Sr. Karl, seu marido, respondeu ao convite, dizendo que havia sido criado e nascido num país democrático e jamais viveria numa país comunista. Decidiu ficar no Equador e não retornar à Europa, muito menos ao seu país. Provavelmente a continuação da permanência da família no Equador se deu exclusivamente pela decisão de seu marido. Ela não parece ter sido consultada nessa decisão.

A guerra terminou, e a cultura do Equador não era sentida por ela como pertencente e continuava a se sentir estrangeira, mesmo já sendo naturalizada. O social já a acolhia, mas na sua cultura pessoal, seu *self* ainda estava em desacordo com o mundo externo, e os diálogos entre seus posicionamentos continuavam em conflito.

A partir da decisão de se estabelecer no Equador, Vera deixa de sentir a cultura latino-americana como cultura passageira em sua vida. Essa cultura era aceita como espera para seu retorno cultural de origem. Agradecia à paz e ao acolhimento, mas como um lugar que acolhe um hóspede e não um morador. Sentia-se estrangeira e para ela era algo passageiro e nunca pensou, até aquele momento, que poderia se tornar definitivo. Após a decisão de seu marido de permanecer no Equador, ela não consegue transformar aquela cultura passageira em um novo significado. Ela não aceitou essa cultura como definitiva. A Segunda Guerra Mundial chegou ao fim. Na sua cultura pessoal, é retirada a guerra, que era o símbolo de impedimento de retorno, e para a continuação da história na sua cultura pessoal apenas o retorno era o admitido. Isso gerou uma desorganização emocional a que ela chamou de esquizofrenia.

Narrou em entrevista gravada por um produtor estadunidense: “Minha dificuldade pessoal começou depois da guerra, quando já sabia que não poderia voltar. Era como se a distância entre a Europa e a América do Sul fosse cada vez maior”.

Esse momento provoca uma tensão entre a cultura coletiva e sua cultura pessoal que cada vez mais, na relação entre as diferentes posições de *self*, intensifica. No plano da cultura pessoal, a tensão entre o desejo de se mover em direção ao desconhecido e seu oposto, o desejo

de se mover ao “lar” conhecido e seguro cria a ambivalência que modula o sentir, agir e pensar da pessoa (Valsiner, 2007).

No teatro onde era o local que ela se sentia em concordância em seus diferentes posicionamentos, já não lhe proporcionava mais a sensação de preenchimento. Foi nesse ambiente do teatro, se posicionando como atriz, que ocorreu a primeira experiência pessoal onde os limites com o mundo externo começaram, dentro dela, a se tornar indefinidos, como já foi dito. Contou ela no DVD como já foi citado:

Eu fiz um papel e veio a sensação de que eu não falava, se não falava o cenário, o público como um eco, mas eu não existia. Essa era uma experiência extraordinária que eu não podia explicar, nem ninguém podia compreender nessa época (anexo 2).

Essa experiência, de se sentir misturada com o cenário, com o público, mesmo sendo desconhecido para ela, já a induziu a buscar compreender o que estava se passando. Os limites na relação de seu *self* com o ambiente externo estavam diminuindo. Só não sabia o que estava acontecendo. Depois dessa experiência viajou aos Estados Unidos, procurando em livros, em palestras, não só o que a auxiliasse a compreender o que estava se passando no seu mundo interno, quanto também descobrir como poderia ser melhor atriz, já que era nesse meio que se sentia satisfeita. Progressivamente seus posicionamentos entram em conflito e a sensação de confusão se intensifica. Mesmo com essa confusão interna, ela se posiciona como buscadora de uma compreensão e avisa ao marido: *eu me vou!*

Poderíamos assumir que a maior ruptura social nessa época para todo o mundo foi a guerra, mas para ela, na sua cultura pessoal, a maior ruptura se deu na impossibilidade de retornar a sua terra natal. O Equador deixou de significar a cultura que a hospeda como local de espera por um retorno, e passa a significar a cultura como local que assumiria como sua moradia. Não, ela não aceitou se posicionar como moradora em vez de hóspede no Equador.

Essa experiência parece ter provocado uma ruptura e propicia momento de desenvolvimento e também de desestruturação de *self*. Ela poderia ter optado por não se mover ou por não ter considerado essa experiência importante, mas dá significado à vivência e quer compreendê-la. É nesses momentos que pode emergir mudanças e desenvolvimento. Em termos de posicionamento, ela está confusa, mas sabe que essa experiência, com sensações de se dissolver e se misturar, perdendo as fronteiras entre ela e o mundo, a convocam a movimentar-se buscando um esclarecimento. Entra em conflito entre seus diferentes posicionamentos. Sabe que tem algo em discordância e ao mesmo tempo quer compreendê-la.

Retorna, depois dos Estados Unidos à Europa. Na sua memória está uma imagem da Europa antes da guerra e, além disso, não poderia ir a sua terra. Caso lá fosse, não poderia sair, já que as fronteiras estavam fechadas. Seu país era agora comunista. Aquilo que tinha na memória sobre a Europa já não existe. Está uma Europa devastada pela guerra.

Visita sua irmã em Viena. Seu equilíbrio emocional já está bastante confuso. Procura em auxílio a seu equilíbrio diversas clínicas psiquiátricas e cada vez mais fica assustada com o despreparado emocional dos médicos e isso amplia seu desamparo. Nessa época ainda considerava que, se aperfeiçoando como atriz, estaria integrando essa experiência a sua vida, e o fato de não mais retornar a Praga seria amenizado por estar em território europeu, local que se sentia familiarizada com a cultura, diferente do Equador, onde na cultura se sentia estrangeira. Sua expectativa de ver uma Europa que conhecia ajudaria na sua reorganização, porém essa expectativa foi frustrada.

Como havia lido um livro sobre *zen* que deu alguma pista da experiência que ela havia sentido no teatro, soube de um médico psiquiatra na Alemanha que tinha conhecimento disso.

Nessa clínica na floresta negra, encontra um psicoterapeuta e sua esposa, Karl Durckheim e Maria Hippus. Mesmo confusa, ainda desejava melhorar sua atuação como atriz. Foi para uma sessão e lá ficou três anos. Aprendeu a meditar, e a meditação jamais saiu da sua vida. Com a meditação, aprendeu a parar e se ouvir sem mais se misturar com o mundo.

Na floresta negra, viveu a divisão interna com acolhimento. Era atendida quando necessitava, participava dos grupos de psicoterapia e vivenciava como cliente e como moradora de tudo que acontecia nesse centro.

Vera reconhecia que a esquizofrenia era uma ruptura importante na sua vida, e também de onde emergiu o melhor de si. Com a sensação da divisão total, é que veio a união e concordância de seus diferentes posicionamentos. Ela escreveu em seu livro:

Eu sei que a esquizofrenia foi o mais importante que aconteceu comigo, e a felicidade de tê-la superado. Agora necessito de minha vida para ajudar a todos os que a sociedade julgou. Tanto a esquizofrenia quanto o sair de lá são experiências sublimes: dor total e grandioso encontro com o verdadeiro ser (Kohn, 2010, p. 118).

A perspectiva cultural considera que cada indivíduo que se transforma em sua cultura pessoal também pode transformar a cultura coletiva (Valsiner, 2007). Ocorreu um momento no CDI/Alemanha em que Vera transformou-se como um símbolo de sua integração interna. Um momento que considerou pontual e significativo na sua vida. Esse momento foi descrito em uma reunião que não tenho documento de registro, mas o tenho na memória, por ter ouvido dela, e o considero fundamental para esse estudo. Foi descrito por Vera em várias conversas que tivemos. Vou descrever a sua experiência:

Vera, em uma das sessões terapêuticas, disse ao terapeuta que, além de ter se sentido dividida internamente, sentia que não conseguia unir as duas culturas a que pertencia: a de seu passado na terra natal e a cultura do Equador. Então o terapeuta solicitou que ela escolhesse objetos que representassem essa divisão e a distância entre eles. Ela escolheu um objeto para simbolizar a América do Sul e outro a Europa, deixando um vazio no centro. O terapeuta solicitou que escolhesse outro objeto para simbolizar o que estava entre os dois objetos,

portanto, entre os continentes. Ela escolheu um recorte de pele de cabra que havia no local, dizendo que o oceano separava os dois continentes e dentro dela os sentia cada vez mais distantes. Esse terapeuta, talvez Durckheim, ou outro do CDI/ Alemanha, diz a ela que a impressão que ele tem da pele de cabra, portanto, do oceano, é que ele une os dois continentes. Era o contrário do que Vera sentia. Vera conta que nesse momento sentiu que aqueles três objetos e sua vivência diante deles e do terapeuta simbolizavam a sua reintegração interna entre seus posicionamentos e a cultura do continente europeu e a cultura em que se naturalizou, a latino-americana.

Aquela tensão antagônica no *self*, em que duas vozes, ou dois diferentes posicionamentos, estão em desacordo transformam-se a partir da mudança de significados que reconstruiu, auxiliando em uma concordância interna entre seus diferentes posicionamentos.

Diversos autores da psicologia que utilizam a perspectiva cultural consideram que o desenvolvimento individual está em diálogo com o mundo externo, além da relação dialógica interna (Valsiner, 2007; Branco & Valsiner, 2012; Rosa & Gonçalves, 2010; Salgado & Gonçalves, 2007). Vera, nesse momento, depois de três anos cuidando e buscando sua integração e meditando dia a dia, decide voltar ao Equador. Algumas motivações para seu retorno foram:

1) No mundo social, ela alcançou a fronteira máxima de distanciamento da cultura latino-americana: permaneceu os quatro anos que poderia ficar fora do país sem retorno, e não perder a cidadania equatoriana. Ficaria apátrida por não desejar morar em seu país com um regime, agora, comunista.

2) Da sua família ficou longe por quatro anos: seu posicionamento de mãe e esposa também se distanciaram de seus novos posicionamentos.

3) Aquele momento psicoterapêutico simbolizou a ela a reintegração de todos os papéis que exercia de um jeito novo. Principalmente pôde unir as duas culturas coletivas, a europeia e a latino-americana, na sua cultura pessoal, tendo como possibilidade de assumir uma profissão e poder colaborar com o social, na cultura equatoriana.

Voltou ao Equador, voltou ao casamento, retornou a seu papel de mãe e agora com um novo papel como cidadã equatoriana e com a intenção de se formar em psicologia. Aquela busca que anteriormente ela não compreendia se concretizou nesse novo posicionamento como cidadã e futura psicóloga. Descobriu uma função para ela no Estado e para a sua relação com o mundo social.

Foi no momento de crise intensa interna, na fronteira entre a relação com a cultura coletiva, que surge a oportunidade do novo e também de se reintegrar em concordância com seus diferentes posicionamentos.

Descobre qual é a sua relação com aquela cultura social que a acolheu na guerra. Foi na sua pesquisa interna que encontra sua relação com o mundo externo. Achou dentro dela qual era

o seu posicionamento social no Equador. Para ela era hora de voltar ao Equador, já havia construído um novo sentido e poderia agora se sentir moradora e cidadã equatoriana. Como se sentia reestruturada, já podia reconhecer que a maneira terapêutica com que agiram com ela era como também gostaria de auxiliar os outros.

Para utilização desses instrumentos psicoterapêuticos, ela precisava da autorização social. Resolveu que se graduaria em psicologia e atuaria com o tipo de psicoterapia que aprendeu na Alemanha, no auxílio a outros. Agora sabia de que forma poderia se sentir útil e pertencente ao Equador. Depois de quinze dias de seu retorno a Quito, procura a Universidade central do Equador para se matricular.

Vera consegue dar um novo significado a sua esquizofrenia, após psicoterapia, ou seja, recebe auxílio de outros, mas a iniciativa é dela, na busca por respostas e o novo significado que constrói de sua esquizofrenia é de sua autoria. O indivíduo tem autoria de sua vida e dos processos de transformações internas sobre eventos do mundo externo. Isso está em concordância com a ideia central do nosso estudo no qual o ser humano é ativo no seu desenvolvimento o qual lhe permite construir os significados na sua trajetória de vida.

Crônica 5: O nascimento da profissão

A Universidade de Praga foi a terceira Universidade da Europa, fundada por Carlos IV em 1347. Lá fiz minhas primeiras disciplinas de psicologia, em alemão.

“Depois da invasão dos alemães, já interrompi os estudos, porque tiveram muitas brigas perigosas na Universidade e logo chegou a imigração” (anexo 5).

No Equador havia muitos imigrantes fugidos da guerra e não havia muito que fazer. A Universidade não me interessou na época, era um tempo de sobrevivência. A opção era o teatro, então cismei que tinha que ser atriz. As atividades domésticas não me atraíam. Era assistente de meu marido, e ele me queria como musa. O teatro me encantava. Numa das vezes que estava encenando, já não sabia mais quem era a Vera e quem era o personagem. Estava me misturando. Os limites estavam se perdendo.

Um dia, quando meu marido estava desenhando, como sempre desenhando, disse a ele: *eu me vou!* Em quinze dias todos os papéis de saída estavam prontos e eu fui embora.

“Tudo foi um momento de sair do Equador e saí sozinha em pesquisa, o que sucedia depois da guerra na Europa” (anexo 5).

No início era por pouco tempo e fiquei por quatro anos. Passei um tempo com minha irmã em Viena lendo livros. Soube da existência de um terapeuta que atendia num centro clínico na Floresta Negra, na Alemanha. Eu continuava a minha busca e também já tinha lido um pequeno livro dele no Equador.

“Eu havia visitado a muitas casas (médicos, psiquiatras, psicólogos) na Europa, porque sabia que algo faltava. Algo. Eu não sabia o que faltava. E era o Eu que faltava” (anexo 5).

Escrevi a ele e marquei uma sessão. Fui inicialmente cliente e depois de me organizar um pouco mais internamente, atendia clientes enviados por ele. Sentada no *zafu*, meditava no *Zen* e estava sempre com esse grande homem Karl Graf Durckheim e sua esposa Maria Hippus, os coordenadores desse centro. Gratidão eterna a esse casal pelo acolhimento amoroso e reestruturante. Achei nesta floresta, o meu centro, e era isso que procurava!

E numa bela tarde, após quatro anos fora do Equador, resolvi não correr o risco de perder a minha cidadania equatoriana, então retornei. Já era tempo de transformar o que havia colhido!

Em Quito, em quinze dias, procurei a Universidade Central do Equador. Eu queria a autorização para atuar como terapeuta. Algumas matérias de Praga foram consideradas por Dr. Endara, e em oito anos estava com minha autorização pronta. Enfim, psicóloga. Trabalhar num manicômio foi o pior! Por isso minha monografia final foi sobre tratamento de esquizofrenia sem medicamentos. Graduada, fui convidada pela Universidade Católica onde ministrei aulas por 12 anos.

Um projeto terminado, hora de novo projeto! Eu já estava envolvida com a ideia de uma formação de um centro de meditação e de psicoterapia. Era a união de uma judia e um padre jesuíta, eu e Marco Vinicio Rueda, criamos o CDI com meditação Zen. Isso sim é ser plural! Mais tarde, sonho com um lugar que tivesse telhados com curvas parecidas com as belas e imponentes montanhas do Equador. Não respeitá-las seria uma agressão e aproveitá-las foi a forma que encontrei de lembrar as pessoas que ali estivessem: é preciso se harmonizar com a força da natureza. Que lindo ficou este lugar!

“Agora, aos meus noventa e três anos, entreguei à sociedade equatoriana o Centro de Desarrollo Integral (CDI), fundação criada por iniciativa minha há trinta anos. Este Centro de Psicologia Iniciática se propõe a ajudar o desenvolvimento do país, reforçando o núcleo são e eterno do indivíduo e da comunidade.”

(Kohn, 2010, p.68).

Até um mês antes de minha partida me dediquei a atendimentos psicoterápicos em grupo, individual, seminários no Equador e em outros países, ministrando aulas, levando o que aprendi com as modificações de minha autoria. Considero que cumpri minha missão! E o Equador também me reconheceu nessa participação.

“Eu sempre falo que a profissão encontrou a Vera e eu não fui em busca da psicologia”

(anexo 5).

Análise da Crônica 4: Esquizofrenia x Crônica 5: O nascimento da profissão

Ao mesmo tempo em que os continentes e suas diferentes culturas não se relacionavam, pela distância geográfica, pela dificuldade de comunicação da época, também era o que ocorria na sua cultura pessoal. Ela não conseguia aceitar aquela cultura, aqueles costumes do Equador como permanentes em sua vida. Essa tensão foi tão intensa que acabou propiciando um surto psicótico, uma esquizofrenia.

O significado que deu a essa esquizofrenia é que a possibilitou sair também dela. Ela se moveu, se posicionou diante da doença, não ficou parada se sentindo vítima. À medida que ela não se sentia pertencente à cultura latino-americana, ela precisava retornar à Europa e verificar

o que havia lá. Ela retorna, mas percebe que já não era o que havia deixado. Era uma Europa devastada.

Encontrou no CDI/Alemanha o lugar onde pode se conectar com seu centro interno, seu centro gerador. Alcançou a fronteira do tempo de retorno ao Equador, superou a esquizofrenia e decidiu levar ao coletivo a sua mudança pessoal. Dentro dela as culturas europeias e latino-americana se relacionavam agora em acordo. Já não estavam em conflito. No *self* havia uma concordância.

A partir do momento de seu retorno a Quito, em quinze dias, se matricula na Universidade Central do Equador, na faculdade de Psicologia. Entre seus pertences, que trouxe de Praga, estava seu histórico escolar, numa caderneta da universidade. Pode aproveitar algumas disciplinas que havia cursado. As disciplinas eram em turmas diferentes por terem sido aproveitadas algumas delas. Em 1969, aos 56 anos, completa sua graduação em psicologia.

Escolheu trazer a caderneta da universidade de Praga, com seu histórico escolar. Esse foi um dos seus pertences escolhidos ao fugir da guerra. Podemos considerá-lo importante, portanto. A universidade não chamava atenção dela quando chegou a Quito, porque sobreviver era o mais importante e o dinheiro que havia trazido de Praga era insuficiente para pensar em estudar. Além disso, para ela, era tudo transitório. O fato é que foram aproveitadas as disciplinas que estavam em seu histórico escolar trazido de Praga. Seu tempo na Universidade Central do Equador foi de oito anos, até se graduar, e o tema de sua monografia final era a cura da esquizofrenia sem medicamentos.

Seu resgate e reorganização com seus novos significados a faziam se sentir em conexão com o social, e ela assumiu uma posição de que iria beneficiar outras pessoas com os mesmos recursos em que ela foi beneficiada por Durckheim e Maria Hippus. Ela acreditava que o psicólogo é um facilitador, mas que apenas o cliente vai descobrir o seu caminho, a sua autoria. Em todos os atendimentos que presenciei, ela confiava e agia dessa forma. Via o psicólogo como um facilitador: “É necessário percorrer um caminho e o mestre vai à frente... Cada um vai por seu caminho, enfrentando-se só com ele” (Kohn, 2010, p. 118).

Vera transformou o significado de sua esquizofrenia em um caminho para a profissão e na profissão escreveu em seu trabalho final sobre a cura sem medicamentos. Ela acreditava nisso e até seu último cliente agiu assim. O significado que Vera construiu para a profissão a fez se sentir em concordância com seus diferentes posicionamentos (Hermans & Hermans-Konopka, 2010). Obtive a informação de uma pessoa do Equador, após a sua morte, que seu último atendimento foi a uma senhora e ao final da sessão lhe disse: - Você é a última pessoa que atendo na vida. Basta! Isso se deu aos 100 anos, um mês antes de sua morte.

Podemos dizer que o desenvolvimento acontece até o final da vida? Quando é que as mudanças externas, na cultura coletiva, transformam a cultura pessoal? Podemos imaginar que é preciso uma decisão do indivíduo para considerar essa transformação. Cada indivíduo é

pertencente ao coletivo, a uma cultura, e à medida que cada um constrói a sua cultura pessoal, em negociação com o coletivo, assumirá autoria e se posicionará diante do coletivo (Valsiner, 2007).



*"Queridos amigos..
hoy iniciamos la construcción
de la sede física del CENTRO
DE DESARROLLO INTEGRAL ..."* →

Fotografía 2 Inauguração da sede do Centro de Desarrollo Integral em Tumbaco, Equador, doada para cópia por Vera Kohn à Telma Costa para este trabalho.

Crônica 6: Vera, história e a despedida

Eram vinte nove de junho do ano de dois mil e doze. Estava na Sala Villa Lobos assistindo a uma apresentação de ballet da minha filha Camila. Silenciosamente meu telefone vibra: Miriam! – você já soube? Vera faleceu hoje às dez horas da manhã. Despeço-me e desligo. Continuo a desfrutar da dança e penso: estou no lugar certo para receber a notícia da despedida de Vera. Ela que tanto valorizou e viveu o teatro, a dança, a arte... Vá em paz, minha querida!

Completo 100 anos, três meses antes e eu viajei ao seu encontro 11 dias depois. Chegar a Quito sem Vera tinha uma marca de ausência, ao mesmo tempo em que sua presença estava ali. Quero ouvir sobre ela, quero ir ao cemitério, quero ver suas filhas, quero ir a sua casa, quero ver os amigos que a conheciam!

Márcia Valarezzo foi uma das primeiras amigas que encontrei dessa vez. Em nossas conversas, me contou que Vera organizou um congresso em Quito, por volta dos anos 90, sobre a construção da consciência psicológica dos tempos de conquista. Esses foram seminários de psicologia europeia, indígena e mestiça. Ela adorou, e com o evento pode rever muitos conceitos que tinha sobre seu povo e os conquistadores também. Criar um evento como essa pluralidade presente é de muita ousadia! Acho que nos transformamos e os outros transformam-se com esse movimento.

Essa mesma amiga também me disse que toda semana estava na casa de Vera para ouvi-la ditar seu último livro, até o mês de setembro. Iniciaram em janeiro de dois mil e onze, com dois encontros semanais. A única solicitação era finalizar cada encontro, até um pouco antes das 11 horas. Era a hora da natação e até setembro, quando finalizaram a escrita do livro, esse tempo era respeitado para a grande urso nadar. À piscina, todos já a conheciam. Depois gráfica, revisão e capa. “Sugerencias” era o que desejou deixar como última mensagem escrita. Foi lançado na comemoração dos seus 100 anos, no Centro de Desarrollo Integral, entre duzentos amigos, alunos e familiares.

Fabian, seu terapeuta holístico, a acompanhava a vinte e cinco anos e o considerava seu filho varão. Contou que o projeto dos 100 anos entusiasmava Vera, pela alegria das pessoas que iriam participar, pelas suas filhas e netos e por tantas outras pessoas que lá estariam. Fabian dançou com Vera abrindo a pista de dança, afinal era considerado o varão. 100 anos! Em nosso encontro, Fabian conversou sobre Vera pela primeira vez, contando sobre seus últimos dias e, juntos, nos emocionamos.

Vamos à casa de outra amiga, também psicóloga formada por Vera: - Olá Martha! Que casa linda, e da janela uma bela vista de Quito. Ela esteve na inauguração da sede do CDI/Tumbaco em 1975. Conversamos, tomamos vinho, entrevista e uma foto de presente da inauguração do CDI. Que guerreira! Tenho certeza que Vera se orgulhava do poder que Martha aprendeu a utilizar em seus trabalhos psicoterapêuticos.

Jerusa, minha fiel amiga, estava comigo e fomos ao cemitério judeu de El Bathan. Ainda coberto com terra apenas. Assim ficaria, e sem a presença de seus familiares, por um mês, para auxiliar ao desapego da família. Flores, não! São para festas. Pedras! Mostram a permanência. Aprendi muitas coisas sobre os judeus, sobre suas cerimônias e sinto o quanto Vera se transformou até seu último dia. No jardim a estrela de Davi podada cuidadosamente pelo fiel jardineiro. A mistura de judeu com cristão já apareceu na fundação do CDI: padre, judia e meditação *Zen*. Plural claro!

Vera era, quando viva, sempre a mais jovem de todos os presentes, sua curiosidade era de criança. Acreditava que a força que tinha estava disponível para todos. Sua tarefa era apenas auxiliar a cada um a se sintonizar com essa força. Transformou pessoas, transformou a si mesma e com isso transformou o país que em que se naturalizou e a acolheu na paz. Havia suas marcas nas pessoas que encontramos, na sua casa, nas suas filhas, nas meditações em sua homenagem durante todo o mês de julho, nos seus quadros nas paredes como honras de Estado e em revistas anunciando a sua partida.

Quando chegava ao Brasil, dizia que era uma festa dentro dela: o quarto na Unipaz, o banho de cachoeira às sete da manhã, trabalho e trabalho, ver as obras de Oscar Niemeyer, rever amigos, viajar para trabalhar em outras cidades além de Brasília. Tinha fascínio pelo nosso planalto. E eu tive o privilégio de estar ao seu lado, auxiliando em trabalhos em outras cidades como Goiânia e Belo Horizonte. Que maestria! Quero ser assim quando eu crescer.

Nosso último almoço, em Brasília, foi no pontão em 2010. Depois ainda almoçamos juntas em Quito. Conversamos como sempre sobre muitos assuntos e em um desses assuntos comentei que havia uma exposição no CCBB com obras de Maurits Cornelis Escher: “O mundo mágico de Escher”. Imediatamente me disse que queria ir. Olhava tudo como uma criança e ao sair me disse: - Isso para mim foi uma grande aventura! Talvez sem imaginar que, para mim, era como um presente ver uma pessoa tão idosa, sem perder a vontade de olhar coisas novas, aprender coisas novas e apreciar aquilo para que ainda se sentia capaz. Ao voltar para casa, dizia: -“dirija devagar, agora que minhas pernas estão fracas, no carro posso apreciar melhor o que está à minha volta” (minha memória). Em nossa última entrevista, solicitei um conselho dela para que eu pudesse transformar o estudo em algo proveitoso para a sociedade. Ela me disse:

“Se você ajudar a duas pessoas a chegar a uma harmonia com o cosmos, você já fez um trabalho para muitas pessoas, porque essas pessoas serão como detectores de uma nova visão na vida. Uma visão não intelectual, mas holística...é a superação do pensamento dualista. O dual é o natural, mas se os dois lados se separam, se opõem, não é bom, mas se se completam, se ajudam, podem criar o terceiro” (anexo 5).

Nossa despedida após a meditação em sua casa foi um almoço oferecido por ela no jardim. Sentamos entre amigos e ela conversava animadamente sobre tudo que se passava em

Quito, na política, no CDI. Seu projeto no momento era saber mais sobre física quântica e perguntava se alguém ali no almoço tinha maiores informações sobre o assunto. Assim eu me despedi e retornei a Brasília.

Hoje sonhando ouvi uma voz dizendo: ouça a sua própria voz! Eu acordei e escrevi essa última crônica, tendo a certeza que era hora da despedida e o reconhecimento de que me transformei com a história de vida de Vera. Só uma coisa a mais a dizer: obrigada querida mestra e amiga Vera!

Análise da Crônica 5: O nascimento da profissão x Crônica 6: Vera, história e despedida

A profissão, como disse Vera em uma entrevista concedida à pesquisadora: “Eu sempre falo que a profissão encontrou a Vera e eu não fui em busca da psicologia” (anexo 5).

É ela que constrói esse significado da profissão de psicóloga e integra a sua construção interna reorganizada à prestação de serviços com o social. Com a profissão, constrói um centro de desenvolvimento para atender a população carente e abraça um projeto “Por un Ecuador sano y despierto” atendendo crianças e mulheres violentadas. Seus alunos de formação atendem gratuitamente e ela supervisionava todo o trabalho, não só dos alunos, como foi assim em toda construção do CDI.

Antes da construção do CDI, ela sonhou com telhados curvos como as montanhas do Equador e assim integrou ao projeto do CDI. Acompanhou toda a construção até estar pronta. Além de prestar serviço ao social, ela integra ao serviço, o sonho do telhado: os telhados do CDI devem estar em harmonia com as montanhas do Equador.

O CDI já funcionava em outro endereço, mas com a construção dessa sede em Tumbaco, houve a inauguração com Vera aos 75 anos de idade no ano de 1987. Seus projetos ainda a conduziam e a orientavam em direção ao futuro. Com essa idade avançada, inaugurava uma nova construção. Nesse mesmo ano iniciou suas vindas ao Brasil, no Congresso Holístico Internacional, na cidade de Brasília e desde esse ano até seus 97 anos. Vinha anualmente ao Brasil dando cursos, palestras e atendendo individualmente e, em grupos, aplicando sua técnica que aprendeu na Alemanha e construiu com as suas modificações seu jeito singular de atuar psicoterapeuticamente.

Na sua festa de 100 anos, estavam 200 pessoas no CDI/Tumbaco. Uma das pessoas que trabalhou no CDI com Vera desde a inauguração trouxe da Alemanha uma surpresa: o livro de Vera traduzido para o alemão. Fabian, seu terapeuta holístico em Quito por 25 anos até a sua morte, dançou com ela abrindo a pista de dança. Márcia Valarezzo, a que escreveu o último livro ditado por Vera, estava na festa, e na minha chegada a Quito, concedeu-me entrevista; Martha Macias, a psicóloga que esteve com Vera trabalhando e inaugurou o CDI em 1987, estava na festa. Esses três últimos tiveram convivência próxima a ela. E eu cheguei a Quito 11 dias após sua morte e realizei entrevistas com os três.

Conforme exposto até agora e retomando à Introdução, a intenção desse estudo é o desenvolvimento de um ser humano e não sobre a velhice. A partir então do texto, podemos nos perguntar: será que podemos afirmar que ocorre desenvolvimento até os últimos dias? Considerando que Vera completou 100 anos e atendeu seu último cliente um mês antes de sua morte. E ainda, entre os dias 7 e 17 de junho, participou de um retiro *zen*, um *seshin*, realizado por um mestre Zen japonês, no CDI/Tumbaco.

Como o desenvolvimento humano é considerado dinâmico, complexo, imprevisível, bidirecional e em transformação permanente, o projeto é a referência de que o futuro está inserido na temporalidade. É possível identificar indicadores de desenvolvimento. Alguns pontos relacionaremos a seguir:

- a. Graduou-se aos 56 anos, com uma nova profissão, tinha projetos de atuar e contribuir com o social.
- b. Aos 75 anos, cumpriu seu projeto de construir um Centro de desenvolvimento integral para atendimento à comunidade carente. Realizou esse projeto.
- c. Iniciou um projeto de escrever suas sugestões terapêuticas para futuros psicólogos em janeiro de 2010 quando já tinha 98 anos e finalizou em setembro de 2011. O livro foi lançado na festa de seus 100 anos.
- d. Ministrou, a cada três meses, aulas na Universidade Andina até dois meses antes de seu falecimento.
- e. Atendeu como psicóloga até um mês antes de sua morte, considerando que ainda prestava serviço ao coletivo.

Na pesquisa qualitativa, assumimos que o pesquisador co-constrói na relação com os autores que sustentam a teoria e também com os construtos empíricos. Com essa percepção, foi que escrevi a última crônica, dando significado a viagem a Quito mesmo depois da morte de Vera. Considerei que a viagem após sua morte continuava a fazer parte da pesquisa.

Vera agiu como psicoterapeuta coerente com suas propostas na sua vida pessoal e profissional. Para ela não era possível um bom profissional atuar sem que sua profissão estivesse totalmente integrada a sua vida pessoal. Acreditava que todos têm um centro gerador da ação, do pensar, do sentir, que só cada um individualmente entra em contato com esse centro. Os outros podem lhe auxiliar nesse processo, mas é apenas o indivíduo que o alcança. Podemos inferir que Vera era consciente de sua integração dos diferentes posicionamentos, e além disso ela vivencia e promovia a possibilidade de outros o fazerem.

A subjetividade tem uma orientação afetiva e cada indivíduo, com os episódios de sua vida, vai construindo significados para os eventos, às vezes, grandes, outras vezes pequenos eventos. Criamos cultura pessoal a partir de entrelaçamento com a cultura coletiva em que estamos inseridos. Cada vez que me movimento entre os espaços que considero privado e

público, posso construir novos significados e criar novos limites no espaço semiótico. Nas incertezas o ser humano tenta superá-las na sua construção psicológica. O ser humano tem mecanismos que tornam a vida possível, auxiliando na amenização dos dramas da vida. Esses mecanismos são a base para uma saúde mental, e poder dominar os sentimentos é central para a construção de culturas pessoais (Valsiner, 2007).

Durante esse estudo em que estive mergulhada durante dois ou mais anos nesse mestrado, aprendi muito com a história de vida de Vera e ao escrever essa última crônica, ao dormir ouvi uma voz dizendo: - Ouça a sua voz! Confiei que essa forma escolhida para contar sobre Vera foi a forma que deu voz à minha voz, nessa co-construção na pesquisa.



Fotografia 3 Festa de 100 anos no Centro de Desarrollo Integral em Tumbaco, Equador em março 2013, com 200 convidados.

“Cada momento de mi vida es el más importante”

PARTE IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do conhecimento dessa pesquisa qualitativa foi realizada como estudo de caso, especificamente numa perspectiva que articulou a Psicologia cultural; os posicionamentos na teoria do *self* dialógico e narrativas. Para esse estudo de caso, desde a fundamentação teórica, perpassando todo o processo de construção, análise das informações e interpretações dos resultados, foi considerada a noção de que nas ciências humanas o conhecimento é co-construído na relação dialógica entre participante da pesquisa, autores escolhidos para a fundamentação teórica e a pesquisadora, com a finalidade de contribuir com o conhecimento na área.

Nas análises das crônicas, procurei, de forma construtivo-interpretativa, tecer os significados e os diferentes posicionamentos que foram sendo construídos, na relação dialógica com exigências históricas e sociais no decorrer da vida de Vera. Olhar o futuro e ter metas caracteriza que o ser humano tem projetos, e a participante demonstrou, nos diversos materiais, que tinha projetos até seus últimos dias aos 100 anos. Mesmo ocorrendo diversos momentos que a convidaram a uma desorganização interna, suas transformações e novos significados que foi construindo podem ser identificados nas crônicas.

Sobre a desorganização intrapsicológica que ela relata em diferentes momentos dessa pesquisa, é possível identificar o significado que construiu após essa desorganização e com sua reorganização interna pode dar novo significado aos seus diferentes posicionamentos anteriores e os integrar a seu novo papel profissional e social. Depois de adotar o projeto de assumir como profissão a Psicologia, construiu novo sentido em todos seus outros papéis sociais.

Com sua reorganização intrapsicológica, aceitou as diferentes culturas que ela se relacionava: a cultura de sua terra natal com sua língua conhecida, costumes etc., com a cultura latino-americana que aceitava enquanto era provisória. À medida que conseguiu se organizar intrapsicologicamente, também pode aceitar e se sentir integrada à cultura do Equador. Assumiu novo posicionamento e se posicionou diante da sociedade equatoriana como prestadora de serviço à comunidade, e o país a reconheceu e a condecorou com honras de Estado.

Depois das entrevistas com as pessoas que conviveram com a participante no seu último ano de vida, pode ser verificado que ela se mantinha ativa fisicamente, emocionalmente, profissionalmente. As três pessoas que entrevistei: seu terapeuta holístico, a pessoa que escreveu seu livro e a psicóloga que esteve ao seu lado na fundação do CDI narraram seu testemunho desses sinais nas entrevistas. Além desses relatos, ainda houve notícias vindas de Quito, de que atendeu seu último cliente, um mês antes de seu falecimento.

Foi possível verificar até seus 100 anos sinais de que tinha projetos de vida com metas futuras até seus últimos dias, e se manteve ativa até o fim. A aceitação da cultura no país que a adotou como cidadã só aconteceu quando no seu intrapsicológico conseguiu unir as culturas e deixou de considerar o Equador como país transitório.

Como pesquisadora, aprendi muito com essa pesquisa no período de dois anos, e até bem mais tempo. Esse mergulho que fiz na história de vida de Vera Kohn me fez pensar o quanto podemos na pesquisa qualitativa nos aproximar do que estudamos, e cada vez que o fazemos, mas nos modificamos. As conversas nesse período com a orientadora Lúcia foram me autorizando a respeitar e a confiar nas minhas intuições, na construção da nossa parceria, ela teve confiança plena no trabalho que eu estava fazendo. Esse caminho percorrido por Vera Kohn, e o tecer desse trabalho, propiciou a transformação tanto minha, como orientanda, quanto da Lúcia como orientadora. Esperamos que esse trabalho possa também auxiliar a outros pesquisadores a trilhar seus caminhos no tornar-se a cada dia.

Desejamos que esse estudo de caso possa ter contribuído com as possibilidades de pensarmos para a Psicologia a existência de uma construção de cada indivíduo, formado pelos singulares significados que vão tecendo na relação dialógica com a cultura coletiva no movimento de tornar-se.

REFERÊNCIAS

- Andery, M., Nilza M., Sério, T., Rubano, D., Moroz, M., Pereira, M., Gioia, S., Gianfaldoni, M., Saviolo, M., & Zanotto, M. (2006). *Para compreender a ciência*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bakhtin, M. (1981). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press.
- Bakhtin, M. (1986). *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press.
- Bakhtin, M. (2010). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bakhurst, D. (2000). Memoria, identidad y psicología cultural. Em A. Rosa Rivero, G. Bellelli & D. Bakhurst (Eds.), *Memoria colectiva e identidad nacional* (pp. 91-122). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Barthes, R. (2003). *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bauer, M., & Gaskell, G. (2000). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Bauman, R. (1986). *Story, performance, and event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Benjamin, W. (1940/1996). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Branco, A. U. & Rocha, R. F. (1998). A questão da metodologia na investigação científica do desenvolvimento humano. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14 (3), 251-258.
- Branco, A. & Valsiner, J. (2012). *Cultural psychology of human values*. Charlotte, NC: Information Age Publishing, INC.
- Britton, B. K., & Pellegrini A. D. (Orgs.) (1990). *Narrative thought and narrative language*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Bruner, J. (1997). *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Campbell, J. (1990). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.
- D'Alte, I., Petracchi, P., Ferreira, T., Cunha, C., & Salgado, J. (2007). Self dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções*, 6, 8-31.
- Delgado, L. (2006). *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fávero, M. (2005). *Psicologia e conhecimento: subsídios da psicologia do desenvolvimento para a análise de ensinar e aprender*. Brasília: Editora UnB.
- Ford, D. & Lerner, R. (1992). *Developmental Systems Theory: An integrative approach*. New Bury Park: Sage.
- González-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson Pioneira.

- González-Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson.
- Heidegger, M. (1986). *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes.
- Hermans, H. & Hermans-Konopka, A. (2010). *Dialogical self theory: positioning and counter-positioning in a globalizing society*. New York: Cambridge University Press.
- Jasper, C., Moore, H., Whittaker, L. & Gillespie, A. (2011). Methodological approaches to studying the self in its social context. In: H. Hermans and T. Gieser (Eds.), *Handbook of dialogical self theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Kohn, V. (2010). *Terapia iniciática: em direção ao núcleo sagrado*. Lorena: Diálogos do Ser.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. & Barcinski, M. A. (2006). Dialogical approach to in-depth interviews. In *International Conference On The Dialogical Self*, 4, (p. 96). Braga: University of Minho.
- Maciel, D. A. & Pulino, L. H. C. Z. (2008). Psicologia, desenvolvimento e educação: começando uma conversa. Em D. A. Maciel e L.H.C.Z. Pulino (Org.). *A Psicologia e a Construção do Conhecimento* (pp. 7-31). Brasília: LGE Editora.
- Madureira, A. F. & Branco, A. (2008). Dialogical self in action the emergence of self-positions among complex emotional and cultural dimensions. *Estudios de Psicología*, 29(3), 319-332.
- Mitchell, W. J. T. (Org.) (1981). *On narrative*. Chicago: University of Chicago Press.
- Molon, S. (2003). *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis: Vozes.
- Nelson, K. (Org.) (1989). *Narratives from the crib*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Oliveira, M., Rego, T. & Aquino, J. (2006). Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividade: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-posições*, 17(2), 119-138.
- Pokinghorne, D. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. New York: State University of New York.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, 2(3), 3-15.
- Pulino, L. H. C. Z. (2008). A teoria sócio-histórica de Vygotsky. Em D. A. Maciel e L. H. C. Z. Pulino (Org.). *A Psicologia e a Construção do Conhecimento* (pp. 72-90). Brasília: LGE Editora.
- Rogoff, B.(2003). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. São Paulo: Artmed.
- Ricoeur, P. (1981). The narrative function. Em P. Ricoeur (Org.). *Hermeneutics and the Human Sciences* (pp. 274-296). Cambridge: Cambridge University Press.
- Ricoeur, P. (1984/1985). *Narrative and time*. Chicago: University of Chicago Press.
- Rosa, C., & Gonçalves, M. (2010). Um olhar empírico sobre a identidade dialógica: um estudo sobre a conjugalidade. *Psychologica*, 53, 81-108.

- Salgado, J. (2006). *Dialogism*. Paper resent at the Fourth International Conference on the dialogical self. Braga, Portugal.
- Salgado, J. & Gonçalves, M. (2007). The dialogical self: social, personal and (un)conscious. In: J. Valsiner & A. Rosa (Eds.). *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology* (pp. 608-621). Cambridge: Cambridge University Press.
- Santana, A. (2010). *Significações na formação de professores: um estudo dialógico sobre o desenvolvimento docente*. Tese de Doutorado não Publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- Sarbin, T. R. (Org.) (1986). *Narrative psychology: the storied nature of human conduct*. New York: Praeger.
- Schafer, R. (1989). Narratives of the self. In A. M. Cooper, O. F. Kernberg & E. Spector Person (Orgs.). *Psychoanalysis towards the Second Century* (pp. 153- 167). New Heaven: Yale University Press.
- Shweder, R. (1991). *Thinking through cultures: expeditions in cultural psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J. (2007). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Vigotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L.S. (2007). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Yokoy, T., Lopes de Oliveira, M. C., & Branco, A. (2008). Pesquisa qualitativa e desenvolvimento humano: aspectos históricos e tendências atuais. *Fractal*, 20(2), 357-376.
- Zittoun, T., Mirza, N., & Perret-Clermont, A. (2007). Quando a cultura é considerada nas pesquisas em psicologia do desenvolvimento. *Educa*, 30, 65-76.
- Zittoun, T. & Gillespie, A. (2012). Using diaries and self-writings as data in psychological research. In: E. Abbey & S. Surgan (Eds.), *Developing Methods in Psychology* (pp. 1-26). New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

ANEXOS

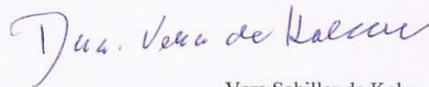
Anexo 1

Autorização da participante da pesquisa, com aprovação do comitê de ética, para utilização de suas imagens, informações das entrevistas e documento, passaporte, que espontaneamente trouxe para as entrevistas dessa pesquisa.

Autorização

Eu, Vera Schiller de Kohn, doutora em psicologia e diretora presidente do CDI-Quito (Centro de Desarrollo Integral) autorizo a psicóloga Telma Regina Lago Costa CRP 01/2437 a utilizar qualquer imagem e gravação de entrevistas feito com a minha pessoa.

Quito, Equador, 17 de janeiro de 2011



Vera Schiller de Kohn

Anexo 2

Transcrição de entrevista no DVD: *La vida y La sabiduría de La Dra. Vera de Kohn*. (2006) Producción: Greg Shaw y Lu Casa Bianna. Legenda em português.

Introdução: Vera

Chegamos ao Equador em 1939, quatro meses antes da guerra. Éramos um grupo de vinte pessoas, da mesma família, que não queríamos nos separar. Eram da família de meu marido. E... tenho que agradecer ao Equador por nos receber muito bem, muito bem. Meu marido tinha trabalho, era professor da escola de belas artes. Depois começou a fazer projetos, ele era um arquiteto de muita fama em Praga. Tenho que dizer que, durante a guerra, ficamos muito bem aqui. Minha dificuldade pessoal começou depois da guerra, quando já sabia que não poderia voltar. Era como se a distância entre a Europa e América do Sul fosse cada vez maior. Meu marido trabalhava muito e eu comecei a fazer teatro. O teatro para mim era muito interessante. Eu fiz *Pygmalion*, de Berdard Shaw, *Antígona*, de Jean Anouilh, muitas obras em alemão, *Thounton Wilder*, e *A mãe do zoológico de cristal*, de Graham Green. Havia colocado em minha cabeça que tinha que ser atriz, porque na época essa era minha vida. Isso foi uma grande perda. Eu vivia mais no teatro do que na minha vida diária. Eu me identifiquei totalmente com os personagens, e com isso tive muitas dificuldades na vida cotidiana e com a família. Em 1956 fui a Nova York e lá encontrei em uma biblioteca o livro de Herriegel sobre arqueria japonesa, que me impressionou muito, mas na época ninguém podia me dar uma explicação. Minha primeira experiência com o Zen foi no Teatro Sucre, um teatro pequeno com mais ou menos 800 lugares, onde eu fiz um papel e veio a sensação do que eu não falava, se não falava o cenário, o público com um eco, mas eu não existia. Essa era uma experiência extraordinária que eu não podia explicar, nem ninguém podia compreender nessa época. Eu fui a Nova York novamente e a Europa e ninguém sabia o que havia passado comigo. Toda a situação aqui era muito difícil para mim, à parte do teatro, eu não tinha nada meu. Meu marido tinha muito trabalho e eu era sua assistente. Eu arrumava a casa, cozinhava, eu era dona de casa, mas para mim isso não era suficiente. Eu vim para cá com vinte e oito anos e queria algo para mim. Não sabia realmente, não podia dizer que eu queria para mim, mas sabia que algo me faltava. Essa falta me levou à Europa onde tinha uma irmã em Viena, que até hoje vive lá. Ela trabalhou na Comissão Atômica das Nações Unidas. Me convidou, então fui a Viena, depois viajei pela Europa e tudo me pareceu realmente absurdo. Não era a Europa que eu havia deixado, as pessoas não eram muito amáveis, não podia voltar a Praga nessa época. E numa livraria encontrei um livro de Durckheim no qual se encontra um capítulo, onde uma mulher está na igreja e tem uma visão de que todo o altar começa a iluminar-se, uma luz extraordinária.

Isso me chamou atenção. Essa cena. Já havia ouvido sobre Durckheim no Equador, por um livrinho pequeno. Eu tinha tido uma experiência parecida de uma luz branca extraordinária durante minha estadia em Nova York. Eu lhe escrevi uma carta e ele me deu uma consulta depois de quinze dias. E, quando entrei, lhe mostrei meu livreto da arqueia e disse: o senhor sabe algo de Zen? Ele disse que havia estudado no Zen no Japão, em Tóquio, com o mesmo professor, com o mesmo mestre, digamos, daquele escritor (Os japoneses são mestres do Zen, da arte Zen) que havia escrito esse livro que consegui em Nova York. Então eu disse: está bem eu fico aqui. Aluguei um quarto em cima de estábulo de uns camponeses e disse: bom, vou ficar aqui. Ele se surpreendeu e me disse: como que a senhora fica aqui? Eu disse: sim, eu fico aqui, o senhor sabe dessa escola Zen. E fiquei três anos. Nesses três anos passei pela vivência da superação da dualidade. Primeiramente me senti estranha e ninguém me disse realmente o que deveria fazer, mas todo mundo me observava.

Estudos: Vera

Nas aulas de Durckheim se aprendia a respiração profunda, se aprendia que a coisa mais importante é o Hara (o ponto quatro centímetros abaixo do umbigo, que é chamado no Japão, o centro do mundo, onde a energia de cima e de baixo se unem e é como um centro de energia que se expandem para cima e para baixo), se aprendia a caminhar conscientemente, de não ser uma máquina, de escutar a própria voz; analisar os sonhos com a Dra. Hippus; de superar em cada momento a inconsciência e chegar ao que ela chama de o exercício da integridade (de ser íntegro em cada momento do que fazemos). É muito interessante, ele dizia que tudo o que fazemos repetidamente pode ser uma meditação. Às sete da manhã, todo mundo descia, sendo verão ou inverno, com ele. É muito interessante falar da neve e do porquê ele perdeu pouco a pouco a vista, e aos noventa anos era praticamente cego, mas mesmo assim caminhava só, com um bastão na neve e nunca caiu. Ele tinha esse outro sentido que se desenvolveu através da meditação. Às sete da manhã, todo mundo estava aí pontualmente sentados no “dojo” em um quarto numa casa antiga, meditava. A meditação com a mão esquerda sobre a direita, os polegares se unem e a coluna vertebral reta. E...ele dizia uma poucas palavras e conduzia um caminhar lento, mas cada passo consciente. Isso é como um modelo para a vida. Às sete em ponto, se fechava a porta, assim ninguém podia chegar tarde. As sessões com ele eram a qualquer hora. Eu me lembro que uma vez estava tão confusa que eu não podia colocar meus dois lados. Minha sombra e minha consciência não conseguiam se unir e ele me atendeu a uma da manhã de pijama. Alguém o chamou e disse que eu me sentia mal. Ele me atendia a qualquer hora e a qualquer tempo. Eu acredito que é horrível uma sessão de 45 minutos que custa tanto em um psicólogo. Um psicólogo que tem paciência, e ele tinha uma paciência infinita. Ele tinha uma qualidade inata de amar. Ele amava simplesmente a todo o mundo e ajudava a descobrir o núcleo sagrado que todos temos. Assim ele não falava com a Vera dual ou com sua “esquiva”, com sua ruptura, mas com a Vera sadia. Esse núcleo saudável que estamos desenvolvendo

agora. Isto supera a dualidade, é o único que supera a dualidade. Não se pode substituir com medicamentos, com boas palavras, com conselhos, com férias, com uma mulher ou com um homem, nada de fora, se não somente essa força e a fé nesse caminho. E esse caminho, de minha experiência, eu posso dizer a todo o mundo que esse é o único caminho para ter essa fé primária, no que se vocês querem chamar de deus, cristo, universo, potencial, vida. Não importa o nome, mas a experiência de que as coisas estão em sua ordem.

História: Vera

Agora para mim, eu tinha muitas experiências que não são da vida diária, que não se encontra geralmente em um centro comercial, de muita solidão. Por exemplo: com as mãos em um vaso de barro porque perdi terra. Isso é um dos pontos principais que aprendi de uma psicóloga de lá que ajudava. Tem que começar a curar as pessoas desde os pés, desde o Hara, desde a escuridão, de baixo. A criança nasce da escuridão. A luz que se vê abaixo é através da escuridão, não é da luz para a luz, não é a pele clara que é melhor do que a escura, que não consciência do sonho é melhor do que a análise de um intelectual. Na verdade tudo se complementa e a luz se encontra através da escuridão e a nova vida vem da inconsciência para a consciência. A criatividade de um Picasso, de um gênio, vem dessa nova consciência, onde o analítico, o dual se acaba e abre uma nova consciência que é a holística. Todo mundo disse: Dalai Lama tem dificuldade e teve que superar seu sofrimento. Mas o que o novo paradigma nos ensina agora é que nós somos manifestação única de uma força universal una. A força universal e o mundo é um só. Entre consciência e inconsciência, entre raças e religiões, não há divisões, se não uma engrenagem. Tudo se complementa e cada parte dessa engrenagem é igualmente importante. E essa engrenagem vai até as estrelas, até a via láctea, até o átomo. Tudo é um só que está manifestando-se individualmente. Se vocês veem em um prado, cada erva tem sua direção, sua cor, seu tamanho. E nossa educação até agora tem sido que devemos ser mais ou menos iguais, teremos que trabalhar em salões grandes, onde 200 pessoas fazendo quase o mesmo trabalho. O individual já não é cultivado, contudo, nós não podemos viver com um gêmeo, nem com o pai. Não podemos ser despersonalizado, o que se chama a massa. A massa é um perigo, como foi visto no holocausto, no governo alemão. Não é possível que todos sejamos iguais. A natureza se manifesta em cada cabelo de uma maneira individual, mas é da mesma forma. É o uno em diferentes manifestações que sempre estão em transformação, por isso os budistas dizem que nós não somos fixos, e que a única verdade é que as coisas passam, que não são como parecem ser. O corpo humano, por exemplo, se transforma a cada sete anos. Aos sete anos nós já não somos o que éramos há sete anos, porque cada célula se renova. Mas as células como tudo têm uma memória, por exemplo, dos acidentes, dos maus-tratos. Ontem veio uma pessoa que é alcoólatra e que quer separar-se da família e quer deixar os filhos, porque está em busca. Buscando sua parte interna, sana, eterna, seu núcleo sagrado que apareceu com uma enorme, enorme vulnerabilidade, uma ferida. Era uma ferida que recebeu quando era menino.

Onde não deixaram ser o que a natureza lhe pedia. Nós vivemos num mundo onde o natural, a existência pura não é considerada. Durckheim sempre dizia uma frase: Um elefante é um elefante e uma rosa é uma rosa, nenhuma rosa quer ser um elefante. Mas tem que viver a natureza plenamente, tem que viver todo o seu potencial, sua forma e em grupo, em sociedade. Esses são três postulados que cada ser humano tem direito a cumprir durante sua vida. O potencial aqui no Equador é enorme, mas usam somente talvez 2%. Um professor de Harvard usa 10% de seu cérebro e aqui não se usa a potencialidade do povo, que, às vezes, brota, mas depois não continua. É como se uma flor abrisse, mas é somente uma flor e não todo um jardim, toda a sociedade. Esta força sagrada é contagiosa, exatamente como uma doença negativa é. E eu a chamaria de doença positiva. Isso tem que desenvolver na sociedade agora, e é o que o Centro de Desenvolvimento Integral promove em Quito. Nós ajudamos a despertar o sagrado, o eterno, da vida mesmo do ser humano, para que viva feliz com o que tem.

Descubra: Vera

As pessoas estão sempre buscando algo que não têm, isso produz a insatisfação. A base do materialismo é sempre sugerir que caso você não tenha nada, fazemos um empréstimo. Mas o único que nos faz realmente felizes, que se passou comigo, é quando encontrei a mim mesma em meu próprio potencial. Por isso eu fundei o Centro de Desenvolvimento Integral (CDI) para que minhas experiências sejam passadas para o máximo de pessoas que querem, ou estão capazes de, nesse momento, fazer esse caminho. Eu não ensino nada, eu trato para que as pessoas se ensinem a si mesmos com seu mestre interior, como chamava Durckheim. Cada um tem dentro de si seu próprio mestre. Não necessitamos ir à Índia nem a nenhum lugar, só necessitamos de alguém que nos diga: aqui é um abismo e você pode desviar para o outro lado e o outro lado geralmente é 180 graus oposto ao que a pessoa tem feito. Eu tinha a obsessão de ser atriz e agora sou alguém que pode guiar as pessoas à sua autenticidade, à confiança básica da criança antes do trauma, e esse trauma é muito, muito interessante, porque pode ser o trauma da mãe quando gerou o filho. São aquelas pessoas que nunca nascem (emocionalmente). Eu tenho uma quantidade de gente cuja mãe, por exemplo, perdeu a sua irmã e a filha que nasce tem que ser a substituta da irmã morta. Então coloca o nome da irmã morta nela e no desejo da mãe, a filha que nasce tem que ser como se imaginava que seria sua irmã ou seu filho mais velho. Eu conheço um caso trágico de uma mulher que acreditava que aos 70 anos não podia se encontrar, porque a mãe havia perdido o irmão mais velho e durante toda a vida disse: ... Sim mas, Max teria feito de outra maneira. Então a mãe projeta sobre o filho, o pai também, seus desejos não concretizados. E são todas essas pessoas que têm trauma antes mesmo delas nascerem, mas recebem através da mãe que os geraram. Ou são as crianças que foram adotadas e não sabem de onde vieram, esse é um trama enorme, o não saber de onde venho, porque eu sou a continuidade fisiológica de meus pais, eu sou meus pais em uma nova forma e essa nova forma é o terceiro que supera a dualidade. Eu tenho um exercício, digamos: onde as pessoas têm que sentir o pai

de um lado e a mãe do outro lado (com as mãos separadas) e esses vão caminhar dentro de mim e se unirem. Isso supera, por exemplo, a mestiçagem. Aqui (no Equador) temos um problema de mestiçagem que não se aceitam. Eu não posso ser outra coisa que se não o pai tal com a mãe tal, eu goste ou não goste. Eu tenho que fazer essa nova forma, essa nova realidade, o terceiro que não é a soma de um mais um. A criança não é presença dos dois, não é a dualidade e sim o terceiro, é uma fusão de capacidades. Eu pessoalmente acredito na força da mestiçagem, na força da mistura de raças, onde se cria uma nova força não conhecida nem pela mãe nem pelo pai. Isso cria algo que nunca existiu antes, e tem que estimulá-lo como tal. Não é uma carga e sim uma grande vantagem. Por exemplo: aqui havia muitos casamentos antes entre familiares onde as pessoas tinham que debilitar-se porque as qualidades não eram mescladas, eram sempre as mesmas qualidades que se repetiam.

Anexo 3

Transcrição da entrevista com Vera do programa de televisão pública equatoriana – “Palavra Solta” – 48 minutos em 09/07/2009 – 9:46 hs.

Entrevistador: será essa noite com Vera Schiller de Kohn. A doutora Vera de Kohn nasceu em Praga, Tchecoslováquia. Está agora com 97 anos, vindo até o nosso país como muitos europeus daquela época, daqueles anos, escapando do horror da guerra, escapando também da invasão alemã e vindo ao nosso país. Não pensava, junto com seu marido que ficariam aqui no Equador, provavelmente quando pisaram nessa terra equatoriana, em Salinas; mas depois decidiram ficar e ficaram em Quito. E Vera, a doutora Vera de Kohn, é agora equatoriana, desde alguns anos quando o presidente Galo Plaza Lasso (1948-1952) que teve uma política de acolher a esses imigrantes e lhes deu boas-vindas. Com ela vamos conversar e vamos conversar sobre esse “Centro de Desarrollo Integral” A doutora Vera de Kohn é psicóloga, estudou na Universidade Central do Equador, é professora, e ainda segue sendo professora na Universidade Andina Simon Boliva. Até o ano passado, aqui temos uma dúvida da nossa entrevistada que não sabe se esse ano irá ao Brasil ou ao Chile, mas todos os anos tem dado disciplinas, cursos no Brasil, um mês ao ano dando disciplinas no Brasil e por um pequeno problema que se passou num Centro do Brasil, em Brasília, a doutora Vera está esperando sinais se vai para o Brasil ou se vai ao Chile. Bem-vinda, obrigada por estar conosco.

Vera: muito obrigada por essa oportunidade de compartilhar, não somente com você como também com o público, o que para mim é muito importante promover o trabalho que nós fazemos no centro (CDI), que é de psicologia profunda e se chama terapia iniciática: Iniciar um novo ritmo na vida. Há uma época da inocência, há uma época de amadurecer e agora vem muita gente que perdeu seu trabalho ou terminou e está se aposentando. E então não sabem como seguir vivendo, ou para que seguem vivendo.

E: na vida de qualquer ser humano, de todos nós, há momentos, há cortes...

Vera: sim, há momentos e esses momentos há que vivê-los plenamente e esta plenitude, esta verdade é o que está nos apoiando. Nós não sabemos as soluções para a pessoa, mas há métodos de onde as pessoas vêm, o que necessitam neste momento de sua vida.

E: em cada um desses cortes, se produz uma crise. Profunda, não?

Vera: as crises podem ser ansiedade ou depressão... Eu trabalho em algo que eu chamo “o enterro sagrado”, há que enterrar o passado. Agora existe uma escola do professor Durckheim de também dos livros de ... temos que viver o momento. Existem pessoas atadas ao passado ou vivendo o futuro. Isso não é a solução. A solução é que estamos aqui sentados tendo esse momento de conversa e o público nos está escutando essa conversa. Não é amanhã nem ontem. Essa é a solução de conduzir as pessoas a conhecer-se a si mesmo em cada momento. E cada momento é um colar que aumenta durante toda a vida.

E: é uma conta mais?

Vera: é uma conta a mais.

E: agora mesmo, me explicava um de seus terapeutas do CDI, Raul se chama, me dizia que, em cada uma dessas crises, teríamos que aprender o que está sendo ensinado a matar a etapa anterior.

Vera: isso é o que eu chamo enterrar. Devolver a terra, a terra sabe o que fazer com o passado.

E: a terra é tão sábia que normalmente se nutre disso, mas só eu posso fazer isso. O outro não sabe fazer isso.

Vera: e a terra também é como se fosse uma parte de nosso corpo. Nós temos uma nova visão de viver. A visão é que há um só universo. Universo. Não é dois versos. Que tem uma lei física, astrológica, astronômica, biologia, futebol, cozinha, casamento, tudo tem uma dinâmica e essa dinâmica tem por base a não permanência. Nada permanece! Essa conversa nossa está nesse momento e logo passará, já não existirá, se não apenas na memória das pessoas. E cada pessoa vai interpretar dessa conversa, cada um de um jeito. Nós não impomos, nós estamos propondo. É como um jogo de baralho, onde um descarta a carta e o outro compra a carta ou não compra a carta. Convido ao público de interpretar aquilo o que os interessam. Então esse universo tem infinitas formas, infinitas ondas do mar, infinitas galáxias. E eu não posso contar quantas estrelas têm no céu e infinitas células no corpo... Isso são manifestações desse “uno”. Cada um pode chamar como queiram. No passado algumas pessoas queriam que fosse um papai, por isso o chamavam Deus ou Zeus, como os gregos, mas eu não gosto de por um nome, uma grade já que é tão imenso que somente posso inclinar-me e aceitá-lo. E essa manifestação de cada um é como se fosse uma semente e quando eu chego à semente, ao que realmente sou, então já não tem que ter nem ansiedade, nem planos para o futuro, nem diversões, nem divórcios, e tudo isso se cai.

E: mas tudo isso que reconheço que sou, isso é uma resignificação, uma mera aceitação. Não?

Vera: mas isso é uma alegria, se o que és. Se eu lhe ponho algo como se fosse que agora tivesse que jogar futebol, você sentiria que não está no posto, no seu lugar. Você sente que está no seu lugar agora?

E: agora, conversando com você.

Vera: isso! Essa é a palavra: nesse momento. Sempre aqui e agora. E essa técnica, digamos de conduzir as pessoas a sua verdade, a sua autenticidade. O professor Durckheim explicava e dizia: uma flor é uma flor e uma flor não deseja ser uma árvore.

E: o professor Durckheim é seu mestre, não?

Vera: era o meu professor onde eu aprendi durante 3 anos, em 1957 e fiquei lá durante 3 anos.

E: na Alemanha? Na Floresta Negra?

Vera: esse mestre havia passado a guerra em Tóquio e em Tóquio ele aprendeu com os mestres a prática do Zen. E essa prática foi de onde nós na neve ou no sol ou na escuridão saímos até o

dojô, que era um espaço de meditação e todo mundo dali meditava às 7h da manhã e ele dirigia essa meditação, e agora eu, como aluna dele, estou ensinando aqui. No CDI está agora uma senhora da Espanha que conduz a meditação e dará um curso de meditação todo o final de semana. Ela é a senhora que traduziu os livros de Durkheim do alemão para o espanhol. Ela está aqui agora.

E: o que aconteceu entre você e o teatro? Você fazia teatro?

Vera: isso era antes. Aqui não havia nada. Havia o cine Boliva no domingo à tarde, um só filme, não havia televisão, já havia rádio. Então havia aqui um diretor de teatro, que também era imigrante, e ele não sabia outra coisa se não teatro, então ele fez um grupo de teatro que era em alemão e logo tivemos uma escola... onde agora está o museu de cera. Isso era onde tínhamos uma escola de teatro e tínhamos permissão de atuar lá.

E: um encontro com o teatro, em sua experiência pessoal. O teatro lhe devolveu uma imagem?

Vera: eu me identifiquei totalmente com o teatro, com os personagens que eu teria que interpretar e depois eu teria uma audição em Zurique que foi muito bom (...), mas depois me deram uma parte que eu deveria interpretar só e eu percebi que precisava de direção. Eu não podia fazê-lo só. Então isso foi a razão pela qual o teatro se acabou em minha vida e aí ficou a ideia de fundar um Centro aqui em Quito. Para isso eu teria que revalidar meus estudos feitos em Praga. E tem coisas que são incidentes. E isso também é uma coisa importante: quando uma coisa é autêntica, as coisas funcionam. Para sair daqui no ano de 1957, em 15 dias, estavam prontos papéis, passaporte, tradução de poesia alemã, tudo estava pronto em 15 dias. E quando eu cheguei aqui, as poucas coisas que eu tinha trazido de Praga, as poucas que salvaram foi minha caderneta da universidade de Praga, por pura causalidade. Então fui com isso ao Dr. Endara na Universidade Central do Equador e ele fez um programa especial na Universidade, mas tive que esperar 8 anos até conseguir meu título de psicóloga.

E: para revalidar seu título?

Vera: eu havia começado em Praga, mas não pude terminar. Você não pode imaginar um caos dirigido, calculado, dos invasores alemães. Isso era tão calculado que não havia por onde sair. Nós tínhamos vontade de que toda a família de meu marido, éramos 20 pessoas, pudéssemos sair num mesmo barco. Primeiramente teria que pagar tudo que conseguíamos, e uma vez mais que teríamos que pagá-lo, mas já haviam nos tirado muito. Então um escritório de um conhecido pagou o que teria que ser pago. Tínhamos que ter um papel de saída, teríamos que ter um papel de saída, um visa, tinha que ter um lugar no barco, e eu não sei como a família conseguiu isso, toda a família num só barco. E chegamos a Salinas em Guayaquil, 20 pessoas. Não chegamos a Salinas, mas sim em alto-mar. Porque não havia porto.

E: Salinas?

Vera: Sim. Salinas, não havia um porto, um lugar. Havia rochas e minerais e algo se chamava hotel. Foi assim que chegamos aqui. Mas eu nunca duvidei.

E: esse foi seu primeiro contato com o Equador?

Vera: isso era o solo equatoriano.

E: sua intenção era ir à Argentina?

Vera: Sim. Primeiro eu queria ir ao Canadá e às 11 da manhã meu marido me disse: nós não vamos ao Canadá, nós vamos ao Equador. O navio tinha saído de Liverpool às 2 da manhã. Então esse era o primeiro e todos os nossos móveis foram para Argentina. Quando tivemos um pouco mais de bens, pedimos que mandassem os móveis.

E: do Equador?

Vera: não, da Argentina.

E: e por que resolveram ficar no Equador? O esposo da Doutora Vera Kohn era o arquiteto Carlos Kohn, um arquiteto muito conhecido, e que também era artista, era pintor com alguns dos seus quadros bem conhecidos. Por que decidiram ficar no Equador, Vera?

Vera: eu não sei?! As más palavras dizem que ele não queria se mexer, queria estar aqui. Eu me lembro da primeira noite em que eu cheguei a Quito a uma da manhã, mas ele insistia que eu teria que ver a Praça de Santo Domingo e tinha que passear a uma da manhã para ver Quito antigo.

E: Quito antigo.

Vera: Ele se fascinou e em seguida ele trabalhou na escola de belas artes com desenhos arquitetônicos.

E: agora, você nos dizia no início que essa terapia iniciática é enterrar o passado, onde essa metáfora da terra mãe pode nos ajudar a enterrar nosso passado. Mas enterrar o passado não quer dizer matá-lo completamente?

Vera: eu estou falando do passado e nesse momento ele vem como imagem, eu chamo de anedotas. É o passado, mas eu não dependo dele, não o culpo. Para mim era muito, sumamente, importante não culpar os familiares.

E: essa é a doutora Vera Kohn... que fundou o CDI em Tumbaco em 1975 (intervalo comercial).

(Volta) E: no CDI há uma equipe de psicólogos que não só estão esperando que os pacientes cheguem como também eles saem também aonde for necessário.

Vera: estamos trabalhando agora com um grupo internacional que tem fundos estrangeiros e daqui alguns meses eles organizam esses transportes para levar os psicólogos aos locais necessários. Porque as pessoas nas montanhas não têm dinheiro, não têm tempo e não conhecem o trabalho. Então a psicologia vai às pessoas que não podem pagar US\$30, por uma sessão.

E: o que estão encontrando nessas comunidades?

Vera: ignorância! Sobretudo ignorância. Mas uma determinação admirável. Tem muita alegria e eu tenho muito, muito respeito pelas mulheres equatorianas. Que se levantam às 4 ou 5 da manhã para cozinhar para a família, para deixar as crianças preparadas, para ir ao seu trabalho e continuam sem desistir.

E: mas ao dizer isso, não quer dizer que eles não necessitam sentir a esse rito que você está falando? Por que eles também vivem crises?

Vera: veja, as crises é geralmente em parte conhecida e em parte desconhecida na Espanha, no Canadá, assim como o divórcio é terrível aqui como em todo o mundo. As mães adolescentes que aos 12 anos já têm relações íntimas e muito alcoolismo, que nós não trabalhamos, nós fazemos prevenção do alcoolismo, mas não com um que já é alcoólatra. Esses têm que ir aos alcoólicos anônimos e essa é outra terapia que somente as pessoas que saíram do alcoolismo podem ajudar a curar.

E: Porque essas são as características de método. Não se trabalha com álcool e nem com drogas tampouco.

Vera: esse é um tema que me toca muito que as pessoas vão a um psiquiatra e logo se é cortado a força da vida. Há uma força que se chama libido. A libido é o prazer de tomar uma cerveja, ou um copo de água, de vir aqui, de jogar futebol, de gritar num evento de música... O impulso de viver é a libido. E essa libido se manifesta de diferentes maneiras. A libido pode se manifestar, por exemplo, minha filha mais velha Tanya é pintora, então ela pinta com essa força vital e a minha outra filha também é pintora e o meu marido também era pintor. Eu tenho uma casa cheia de quadros.

E: eu soube.

Vera: e na casa da cultura há uma homenagem muito bonita.

E: então você está dizendo sobre suas filhas...

Vera: então essa libido tem que viver e que está acontecendo agora é que os adolescentes têm uma crise, por exemplo, depressão, agressividade. E minha experiência é que os psicofármacos aliviam a agressividade, a depressão ou a ansiedade por algum momento; mas o que se passa é nós temos uma áurea, um campo magnético que nos unem. Nós não estamos unidos pela visão ou pela audição, mas também por esse espaço que está ali como esse algo que eu não posso captar, não posso ter, mas que existe.

E: isso é energia?

Vera: isso é energia. Que nós, como seres vivos, emanamos. Os animais sentem isso e seguem seu dono não porque sabem, e sim porque sentem. E esse sentimento de comunicação se corta com os medicamentos e as pessoas se sentem mais exiladas ainda. Não tem mais essa criatividade que nos une, esse instinto.

E: como se isso fosse a repressão da libido.

Vera: Exato! É reprimido nas pessoas mais agressivas e em casos extremos de agressão física, esses fármacos ajudam nesse momento. Mas nós trabalhamos com esse élan vital que têm as pessoas. Há pouco tempo eu estava numa reunião onde havia um músico e ele dizia que quando ele compõe a música, ele está em outro estado. E esse outro estado é o que toda a humanidade busca agora. Porque a parte intelectual que criou a ciência, que criou uma medicina e que

também atingem muitas comunicações por e-mail. O que para mim é um verdadeiro milagre, o que uma caixa tão pequena consegue tantas possibilidades, mas a parte humana tem outra realidade, já não dá mais essa inteligência analítica, de Descartes que penso, logo existo. E agora há outra relação com o mundo agora. É uma consciência holística que é outra maneira de estar no mundo de ver esse mundo como esse uno e a minha responsabilidade de conhecer autenticamente a Vera. Já não posso ser o que o meu papai queria, o que o meu professor queria, se não o que a minha própria natureza, minha animalidade, meu sistema vegetativo, minhas possibilidades, meu potencial me dão. Se você me põe num laboratório químico, há quebras e eu não sou capaz de ver isso, mesmo se levar os livros em minha companhia.

E: isso é o que as pessoas têm que buscar: sou o que sou?

Vera: Exato! Eu tenho agora um caso muito interessante que é uma senhora que vive há 20 anos na floresta, casada com um indígena e depois de 20 anos não se entendem. Eu estava pensando porque gente que trabalha para a comunidade, gente que trabalha tão bem e como indígena, já perdeu sua totalidade como indígena e ela como europeia já perdeu sua identidade europeia. E se perde a sua identidade, as coisas não podem funcionar. As pessoas vivem a sua essência. A formiga na sua maneira de viver como formiga. E outro caso, disse eu não entendo por que, mas eu poderia viver as coisas econômicas muito melhor. Eu tenho estudos nos Estados Unidos, certificado de economista e não tenho as conexões. Não é que ele não tinha conexões com isso, ele não tinha conexão com a pessoa equatoriana que ele é.

E: consigo mesmo?

Vera: consigo mesmo. E este corte se produz na metade do corpo, no diafragma. O diafragma é como se houvesse uma divisão entre o que está acima e o que está abaixo. Nós trabalhamos muito com a respiração e com as raízes, trabalhamos sonhos, trabalhamos naturalmente acidentados com pessoas que tenham perdido o conhecimento de si mesmo, em momentos de acidentes de carro. E a medicina alopática trabalha na parte material e nós trabalhamos a parte energética.

E: e sem drogas externas?

Vera: sim.

E: Vamos para nossa última pausa (intervalo).

Engano nosso achar que os problemas na vida emocional que temos são apenas dos lugares mais povoados, como nos explicava a Doutora Vera Kohn. Na verdade todos nós temos crises e por isso o CDI está indo a lugares nas montanhas para atender a população que necessita. E temos que tentar sair dela.

Atendendo uma chamada pelo telefone: de Guayaquil. Um homem pergunta: de que forma você poderia colaborar com meu país, o problema social, nas prisões. O governo está ajudando muito na parte material, mas ainda falta a falta energética. Você pensa em colaborar nas prisões?

Vera: havia um grupo do CDI, colaboradores e alunos meus que estavam trabalhando com a população carcerária, até que um dia o diretor da prisão não permitiu mais que continuassem o trabalho. Faziam meditação Zen, que é algo muitíssimo tranquilizador. Agora vou explicar o que é a meditação Zen: temos que estar numa posição de coluna reta, e isso é sumamente importante, porque quando estamos retos estamos na prolongação dos meridianos até a terra e em silêncio estamos possibilitando a escuta de si mesmo. A sentir o corpo, a sentir a respiração. Isto ajudou muitíssimo, mas eu não estava diretamente nesse programa e não se pode continuar.

E: as pessoas podem se integrar nos grupos de trabalho que, por exemplo, você tem, não?

Vera: há grupos que desejam fazer esse trabalho e é um trabalho muito pesado.

E: atenderemos uma última chamada. Está bem?

Vera: Claro!

Ligação por telefone: 1. Qual a sua crença sobre que não há um universo e sim multiversos. 2. Por que tantas diferenças entre os povos? 3. Sua psicoterapia pode ser aplicada às pessoas esquizofrênicas?

Vera: isso foi o começo de minha trajetória. A esquizofrenia é uma dualidade que não se complementa. Quando eu estava atuando, eu não era capaz de atender bem que a nossa comida viesse até nossa casa, porque eu estava sempre com minha mente no papel que eu representava nessa época. A maioria das pessoas está viajando ao seu trabalho no ônibus, e não estão no ônibus e sim já está no trabalho. Essa dualidade tem que percebê-la e elas não se compõem. A mão direita e a esquerda se completam e entre as duas se criam o trabalho. Minha visão é que não pode haver um mundo só masculino ou só feminino, mas os dois estão criando um filho e esse filho pode ser uma criação, um quadro, um livro, uma obra, uma casa... Esse uno, tanto acima como abaixo, temos esse espaço.

E: por que há tanta maldade nesse planeta? Ou nesse universo? Neste mundo?

Vera: para que haja a bondade! Isso é uma das essências de nossa terapia. Nós trabalhamos com o centro de cada um, que sempre está são, sadio. Cada um de nós temos algo que mais câncere que tenhamos, um último ponto está saudável.

E: e dizia que não há um universo e sim um multiverso.

Vera: mas esse multiverso também é incluído nesse universo, nessa lei. Não é a parte disso e sim não pode ter outra lei.

E: Vera, por favor, de forma resumida, por causa do tempo. Sobre a depressão, tratar desse centro, trata da depressão?

Vera: Claro! Muita gente me procura e depois vê que o outro lado da depressão é a alegria e algo que não pode realizar em sua vida.

E: que é a depressão?

Vera: é a repressão dessa libido. Essa energia de ser útil, de ter uma razão, um sentido.

Minha meta nessa idade ainda é de poder ajudar as pessoas e a depressão tem relação com o ego, de gente muito egoísta que somente crer que tem que ter três calças, três mulheres ou três carros novos. Está muito relacionado com o pequeno eu. Enquanto o Eu consciente está incluído no cosmos, com as mesmas leis. Há um livro muito bonito que se chama “A onda do mar”. Nós somos como ondas na sociedade e responsáveis por cada coisa que acontece na sociedade, que se passa na família, que acontece conosco. Nós somos os geradores das circunstâncias e essas circunstâncias só transformam se nós transformarmos nossa visão.

E: onde vai celebrar seus 98 anos?

Vera: não sei ainda. Risos. Como estou vivendo apenas os 97 que é muito bonito, talvez no CDI.

E: no Chile ou no Brasil?

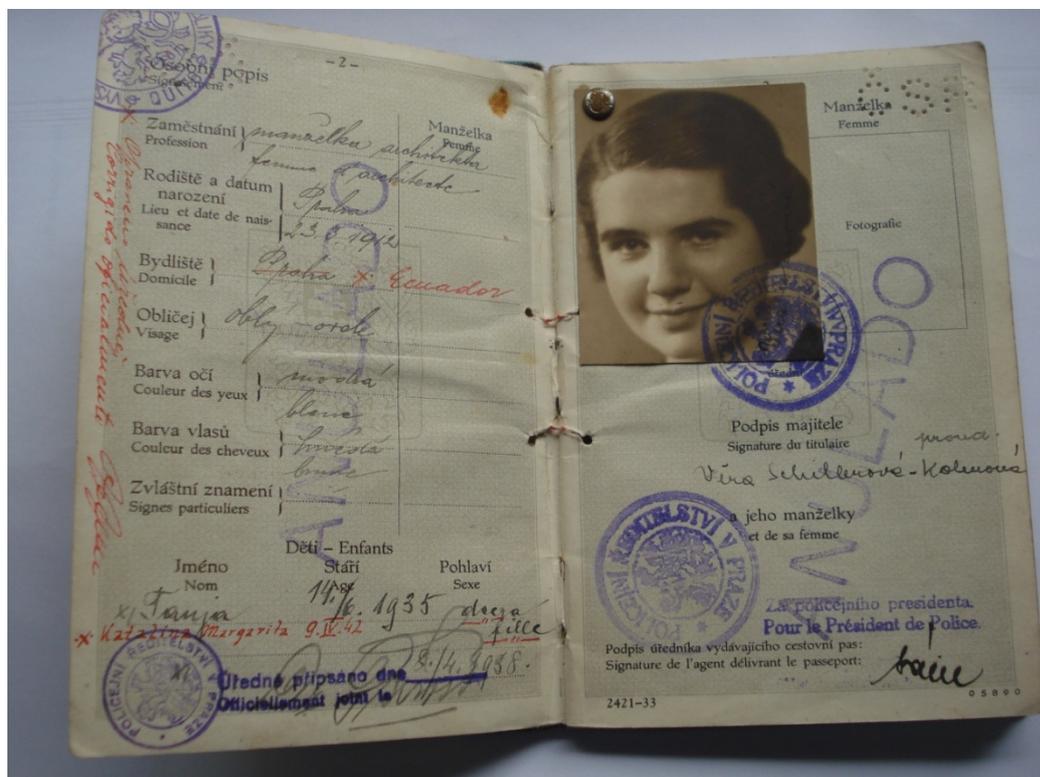
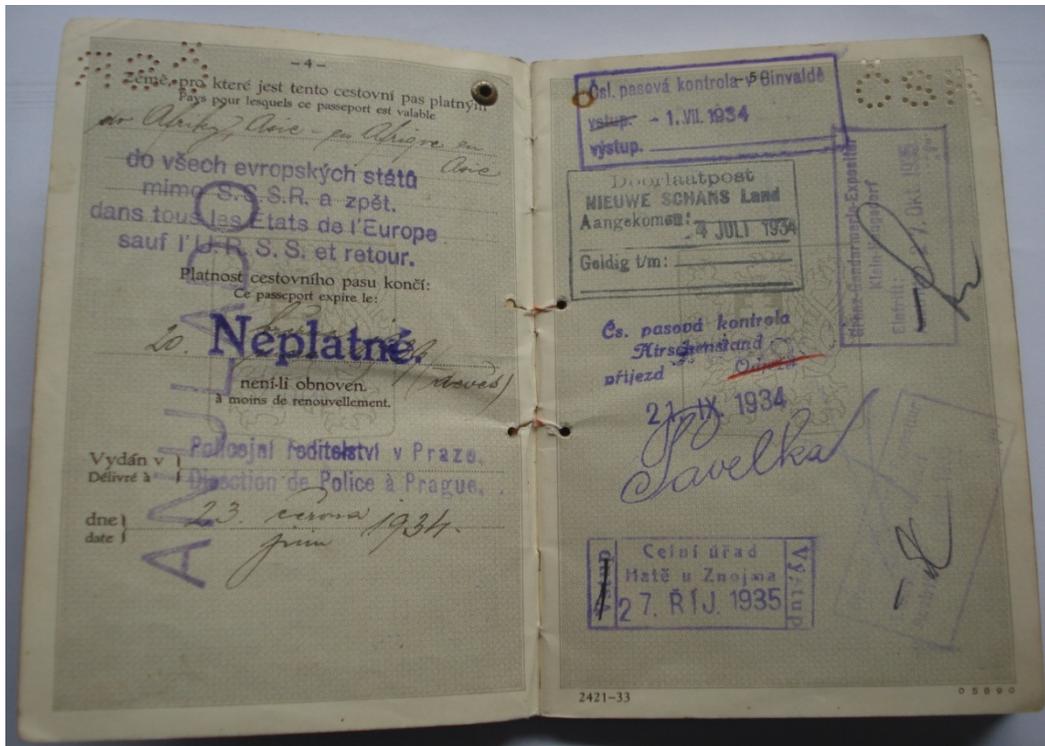
Vera: não. Eu creio que será aqui.

E: Obrigada Vera por ter estado conosco.

Anexo 4

Passaporte de Vera de Kohn na sua saída de Praga em 1939. Sem autorização de retorno ao país.

Documento trazido pela Vera à entrevista concedida à Telma em 27/05/2010.



Strana 1
Page 1

valut před
banque, où ces valeurs sont
valeurs, il faut toujours
o vydání záznamu, vlepěná v pasu, nesmí
dobu platnosti devisových opatření podle vl.
odstraněna; jinak by se pasu nemohlo použít znovu
jako příkazu k přidělení valut.
- Les restrictions du commerce en devises, suivant le
décret-loi du 2 octobre 1931, Recueil des Lois et Décrets
No 152, étant en vigueur, il est interdit d'écarter la
fiche, portant la mention sur la délivrance du présent
certificat, qui se trouve collée dans le passeport; la
fiche écartée, le passeport ne peut plus servir de docu-
ment autorisant le porteur à l'assignation des valeurs.

NÁRODNÍ
BANKA ČESKOSLOVENSKÁ,
DEVISOVÉ ODDĚLENÍ V PRAZE.

Jakékoli zneužití neb zfalšování záznamu o přidělení
valut je trestné podle zákona ze dne 14. prosince 1923,
č. 7 Sb. z. a n. z r. 1924 státu Československého.
Tout emploi abusif et toute falsification du certificat
de l'assignation des valeurs est puni selon la loi du 14
décembre 1923, Recueil des Lois et Décrets de l'Etat
Tchécoslovaque No 7, de l'an 1924.

Přiděleno - Vendu			Přidávající banka a číslo rejstříku
Dne Date	Měna Monnaie	Částka Montant	Le nom de la banque qui a vendu les valeurs et son numéro
1934 28/6	šp	2000	Československé banky vstup. 1. 1. 1934 výstup. 1. 1. 1934 e. n. 4936
1935 20/6	šp	200	
	šp	70	PETSCHER A SPOL. Celní úřad v Hatich
1937 18/6	šp	400	hotel Gony.
	šp	50	OTRAS-turistická kancelář pojišťovny Rinnlone Adriatica di Sicurtá v Praze
	šp	50	Kancelář v Dol. Dvoř. Čsl. kontrol. stáje vstup. 1. 1. 1937 výstup. 1. 1. 1937 PRAHA J. 2. 1. 1937
	šp	100	
1936 30	šp	30	
	šp	30	
	šp	20	
	šp	80	ČESKÝ TĚŠÍN HLAVNÍ MOST 24. VI. 1938 ODJEZD ČESKÁ BANKA UNION.

Passaporte de Vera Kohn que utilizou na sua saída de Praga no início da 2ª Guerra mundial, carimbada com a proibição de retorno a seu país.

Anexo 5

Transcrição da entrevista com Vera de Kohn para essa pesquisa em 17/01/2011 em sua residência em Quito.

Duração: 36:25 minutos

Telma: Faça uma autobiografia da sua profissão

1. VK: Eu sempre falo que a profissão encontrou a Vera e eu não fui em pesquisa da psicologia. Quando fui estudante depois no secundário, eu estudei na Universidade de São Carlos em Praga e Psicologia foi uma disciplina menor. Eu estudei línguas e fiz uma matéria de Psicologia, que nessa época foi freudiana e experimental, com o Sr. Wundt e depois da invasão dos alemães, já interrompi os estudos, porque tiveram muitas brigas perigosas na universidade e logo chegou a imigração ao Equador. E... Eu cheguei ao Equador em 1939. Não tive interesse em chegar à universidade. Não tinha tempo, não tinha dinheiro. Foi uma época de sobrevivência. Ah? Eu fazia artesanato e caramelos de café e nada que ver com psicologia. Eu fui a secretária do meu marido e depois, em 1957, em uma noite, eu fui, decidi visitar a minha irmã em Viena, e saí, em 15 dias estava já com todos os papéis. Tudo foi um momento de sair do Equador e saí sozinha em pesquisa, o que sucedia depois da guerra na Europa. Sempre com uma visão da Europa antes da guerra. Naturalmente. E depois eu encontrei o professor Durckheim ...com, uhhh...Um livro que se chamava...que tem uma entrevista com uma pessoa que eu conheci e que conhecia uma pessoa que se chamava Durckheim e que ensinava em um centro na floresta negra. Negra ou Preta?

Telma: Negra.

2.VK: Floresta Negra. E eu escrevi a ele uma carta que eu pedia uma entrevista com ele. E nesse momento eu morava em Stutgard. Escrevi uma carta e ele me respondeu. Um dia, me contou sua secretária que ele dizia sobre a solicitação: Equador, Equador? Ainda não tivemos ninguém de Equador. Está bem, que venha essa senhora (disse Durckheim). E depois eu morei lá 3 anos. Porque... o...a finalidade minha foi só ser melhor atriz e encontrei, em uma viagem, em 1956, encontrei um livro em Nova York que se chamava *Arqueria Japonesa*. “A arte cavalheiresca do arqueiro zen”. Esse livro me chamou atenção, que tinha alguma coisa que era além das coisas que eu conhecia. E quando eu encontrei a Durckheim, ele dizia: eu conheço esse mestre que ensinou ao autor desse livro. Eu havia visitado a muitas casas (médicos, psiquiatras, psicólogos) na Europa, porque sabia que algo faltava. Algo. Algo. Eu não sabia o que faltava. E era o EU que faltava. E fiquei lá 3 anos estudando com Durckheim e com sua mulher que foi muito importante na minha vida, se chamava Maria Hippus.

Telma: E você terminou o curso quando veio para o Equador?

3.VK: Isso não é um curso. É uma época da minha vida. Eu morava, eu não voltei ao para o Equador. Nessa época, você, como naturalizada no Equador, você podia viajar 4 anos. E um dia

morei na Europa 4 anos, para voltar para cá. Mas se você quer saber mais da minha vida eu escrevo isso no meu livro.

Telma: Quando você retornou, desse trabalho com Durckheim, aí você é...

4.VK: Eu precisava fazer estudos na Universidade Central do Equador para a permissão de trabalho. E demorei 8 anos, porque fazia cursos com o primeiro ano, com o segundo ano em diferentes épocas e professores me deram um programa especial. Aqui havia um psiquiatra muito conhecido Dr. Endara. Ele leu o meu livro (caderneta) da Universidade de Praga e dizia: já fez experimental. Bom, isso se pode reconhecer. Já fez psicologia jungiana, isso não é preciso. Assim que eu fui à Universidade de Quito com os diferentes anos para cumprir diferentes exigências.

Telma: Você terminou a sua graduação?

5.VK: Mas com uma dificuldade muito grande. O decano da Universidade começou um trabalho de um Hospital psiquiátrico e ele pensou que eu ia fazer uma competência e o ... exame. Ele era o decano de Psicologia. Ao fim ele se levantou e dizia: eu não vou assinar esse exame e saiu. E eu precisei repetir esse exame. Depois de 6 meses tinha outro...(Telma: professor?Banca?) Vera: com outra banca. Isso foi muito difícil. Eu lembro de um dia vivia um total delírio de perseguição. Na Universidade tinha uma escada muito alta e eu pensava que iam me derrubar escada abaixo. Foi um delírio de 24 horas. E depois eu fui à Universidade e acima da escada estava esse decano. Eu o vi e com um impulso eu dizia a ele: você não podia ter atuado de outra maneira. E nesse momento esse delírio desapareceu. E eu jamais o vi na vida. E tiveram que dar a minha permissão de trabalho! Ah?

Telma: Você estudou mais coisas na Universidade? Depois de se graduar?

6.VK: Depois eu fui na Universidade Católica que me pediram para dar aulas. Imediatamente depois do doutorado eu fui contratada na Universidade Católica, durante 12 anos. (obs. ela está chamando a graduação de doutorado).

Telma: 12 anos?

7.VK: 12 anos. Depois trocaram a direção da escola... eram mais analíticos e ...Mais testes, e essa nova direção não precisava de Jung, não precisava de uma psicologia mais espiritual...

Telma: E aí você parou de dar aula na Católica?

8.VK: Isso foi depois de 12 anos, e aí eu já havia fundado o Centro de Desarrollo, Desenvolvimento Integral, e já dediquei toda a minha energia a esse trabalho.

Telma: Você considera o trabalho profissional está completamente ligado a sua vida pessoal?

9.VK: Totalmente. Totalmente. Eu acho que o psicólogo não pode ensinar uma técnica, não pode repetir o que a pessoa escreveu num livro, mas a sua própria existência, suas vivências, suas experiências pessoais. E o que é a pessoa, onde a pessoa se encontra em relação ao universo. Né?

Telma: Então sobre essa... a relação do profissional com a vida pessoal, você acha que o desenvolvimento da pessoa ou a experiência de cada um está relacionado com a forma com que ela vai lidar com a psicologia?

10.VK: Absolutamente. Não é uma técnica é uma experiência vivencial. A pessoa transmite não o que sabe, mas o que não diz é o que ficou no subconsciente. Assim que agora trabalhamos mais o subconsciente. Não é um conselheiro.

Telma: Você trabalha mais o consciente ou o inconsciente?

11.VK: O inconsciente. Não pode ser uma pessoa que dá conselhos. Isso é uma outra coisa.

Telma: Como você avalia hoje a formação acadêmica do psicólogo?

12.VK: Tem 2 valores: informação e permissão. Hum... mas as psicólogas que saem da Universidade não... eu conheço muito poucas pessoas que depois da graduação universitária são bons terapeutas. Porque não se ensina a técnica, não se ensina a técnica da transferência, a técnica de se cuidar como psicólogos e a técnica da não interferência, a técnica de não dar soluções. Existe uma diferença entre a técnica e a segurança. Porque eu não posso conhecer a sua solução do problema. A solução é dele, do cliente. Isso é como eu vejo a terapia: no começo da vida, nos primeiros 3 anos ou antes de nascer.

Telma: Você vê isso na terapia que você faz? Você consegue olhar isso na terapia que faz? Nesse período antes dos 3 anos? É isso?

13.VK: Antes dos 3 anos ou antes do nascimento, a mãe pode ter uma situação de se move para o corpo do menino...que se transfere. No meu livro, eu tenho um caso com uma mulher que viveu o terremoto de Ambato no seio materno, de sua mãe.

Telma: E ela tem esse registro nela?

14.VK: Ia. Sim. Ela foi interessante, porque foi uma mulher que não podia suportar desordem. O terremoto foi muito forte.

Telma: O que você acha que pode melhorar na formação do psicólogo? Na universidade?

15.VK: A visão. A visão do mundo. O paradigma. Se você acha que o mundo funciona harmoniosamente, você se inclui nessa harmonia. Se você só vê as catástrofes e a dor das pessoas, e se identifica com a dor do mundo, o psicólogo mal pode sacar o cliente, o paciente da sua dor, da sua dificuldade, do seu estado... Para mim o mundo tem uma ordem, uma ordem gigantesca. E no trabalho que eu faço agora é a ampliação da visão. Eu... por exemplo, a mulher foi violada aos 7 anos e toda a vida ela fugiu dos homens. Ah? Mas todo mundo tem uma saída do paraíso, onde tudo era harmonioso. Mas pesquisar essa harmonia de quando sabia... trocar essa experiência em uma energia positiva, Uh? De uma nova fé, de uma nova crença que todo o mundo tem uma ordem. Uh? E eu sou parte dessa ordem. Eu não posso viver em outro mundo, porque não tem outro mundo. Eu sou uma manifestação dessa ordem, dessa lei, deste funcionamento. E o trabalho que eu pessoalmente procuro fazer é levar o cliente ao seu lugar, para essa ordem. O professor Durckheim sempre falou que o elefante é um elefante e não quer

ser uma rosa. Uma rosa é uma rosa. Um elefante é outra forma, mas desse mesmo muito complexo funcionamento, que se chama universo ou cosmos ou deus ou não se chama de nenhuma maneira, porque é tão enorme que eu só posso respeitá-lo.

Telma: Então você acha que se os psicólogos na formação acadêmica, seja ele na educação, na clínica ou qualquer tipo de psicólogo, que ele tivesse um acompanhamento pessoal também. É isso?

16.VK: Na Suíça precisa de 300 sessões com um psicólogo para uma limpeza psicológica. Ah? E eu muitas vezes lembro de Freud dizendo que ninguém tem os pais que queria ter. Uh? Sempre os pais são difíceis em alguma área... Tem pais que deixam estudar, são pais que empurram só para os estudos, mas sempre o menino precisa superar algo. Os estudos na Universidade são como uma permissão de manejar o carro. Você pode manejar a terapia, mas não aprender o relacionamento como psicólogo mesmo e do psicólogo com o cliente. Uh? O psicólogo em nenhum momento pode separar a terapia da sua vida. Se você tem uma fábrica e você faz um objeto, mas esse objeto não depende tanto de você, como do seu divórcio, da sua alegria, de sua depressão. Mas na relação psicólogo e cliente tudo é importante. A pessoa do psicólogo é a fé do psicólogo.

Telma: A fé em quê?

17.Vera: a fé nessa ordem.

Telma: Ah, é nessa ordem do universo.

18.Vera: Esse universo tem uma ordem tão enorme que eu não o compreendo, eu não sei como funciona, mas eu sei que é uma só lei, um só deus, uma só harmonia. E isso é o que todo mundo pesquisa.

Telma: Então no seu caso a sua experiência pessoal veio antes da formação acadêmica? A formação na universidade?

19.VK: A minha formação foi de menina burguesa em Praga, de estudante de uma escola de mulheres, de um país democrático e depois quando eu já tinha ... (um momento) 46 anos, eu voltei na Universidade.

Telma: Então quer dizer que a sua experiência pessoal se somou ao conhecimento acadêmico das informações da universidade e aí você atuou como psicóloga.

20.VK: Isso não. Isso é a particularidade minha, que eu fiz essa transformação pessoal, de uma ideia de ser atriz, eu saí psicóloga e depois eu fui à universidade para a permissão de trabalho. Só para isso.

Telma: Então como você definiria hoje o que é psicologia?

21.VK: A psicologia para mim é muito importante para tudo: para a política, para tudo, para absolutamente tudo. A pessoa que se liberou de suas dependências: dependências de um homem, de uma mulher, de uma dependência de crenças religiosas. Todas as dependências cortam e impedem que a energia possa ser ampliada em atividades para a sociedade. Eu acho

que todo professor de escola precisava de uma série de aulas de psicologia. Porque o que se transmite para o aluno é o subconsciente e não o que a pessoa quer.

Telma: Vera, o que você poderia dizer hoje como conselho para as novas pessoas que gostariam de se formar em psicologia?

22.VK: De não ter medo do desconhecido. Porque na terapia chegamos a uma visão muito ampla, muito aberta e isso é um medo: a liberdade. De Erich Fromm. As pessoas preferem viver mal e não fazer o salto no desconhecido. Porque o desconhecido é enormemente gratificante e também enorme por sua abertura.

Telma: Você nasceu em que data? Qual o dia do seu nascimento?

23.VK: Eu nasci em 1912.

Telma: que dia? Dia vinte...

24.VK: 23 de março.

Telma: 23 de março. Em Praga.

25.VK: Em Praga. Tem um irmão mais velho, homem, uma irmã 5 anos mais nova.

Telma: E você até hoje atende aqui no CDI?

26.VK: Eu atendo na Universidade Andina e atendo grupos e individuais. Uh?

Telma: Você acha que muitas diferentes razões te procuram? Diferentes motivos procuram você?

27.VK: Diferentes. Eu não trabalho adição (alcoólicos). Ontem mesmo estive com uma pessoa que tem um centro no Peru, só para adição (alcoólicos). Eu não conheço esse, esse método. Eu transfiro aos alcoólicos anônimos ou ex-aditos. Esse homem no Peru é Frances e trabalha com as ervas da Amazônia.

Telma: A minha intenção é fazer um mestrado. Que diz para mim? Que acha que pode me ajudar a transformar o mestrado em algo que eu possa doar à sociedade?

28.VK: O que vai...Para que vai servir, eu não sei. Qual é a pergunta? Eu não compreendi.

Telma: Você não entendeu a pergunta? É... o mestrado são 2 anos de trabalho pesquisando e estudando. Eu gostaria de fazer um trabalho que fosse bom para a sociedade. Você tem algo a me dizer para me ajudar nisso?

29.VK: Se você ajuda a duas pessoas a chegar a uma harmonia com o cosmos, você já fez um trabalho para muitas pessoas, porque são como detectores de uma nova visão, (tosse), na vida. Uma visão não é intelectual, mas holística, se quer, mas ainda não tem uma denominação correta, é a superação do pensamento dualista. O dual é natural, mas se os dois lados se separam, se opõem, não é bom, mas se se complementam, se ajudam e criam o terceiro. No final do meu livro, eu digo que 1+1 é 3. Porque criam uma nova consciência, uma nova planta, um novo menino. Você vai fazer mais entrevistas?

Telma: com mais duas psicólogas que serão: uma que está começando o trabalho, e uma que já tem mais anos de trabalho e você, que tem muitos anos de trabalho.

30.VK: 3

Telma: 3 psicólogas.

31.VK: Bom.

Telma: Agradeço. É isso que gostaria de gravar.

32.VK: Bom, (risos) Em portunhol?

Telma: em portunhol! Sim.

Anexo 6: Entrevista com Fabian Dávila Y. em Quito/ Equador, no Hotel de La mancha, bairro Floresta. Em 16/07/2012. Duração 19:37 minutos.

Telma: Hoje é 16 de julho de 2012. Estamos aqui com Fabian que acompanhou a Vera durante 25 anos da sua vida até o seu momento final, como terapeuta, ou melhor, médico oriental holístico.

Telma: Fabian, conte-me um pouco como conheceu Vera.

Fabian: eu conheci a Vera através de um amigo que era psicólogo graduado em uma universidade na Bélgica. E ele havia sido bastante amigo de Vera, de tal maneira que eu conheci a Vera na sua própria casa, por indicação desse amigo belga. Havia uma reunião social, um pequeno concerto, e recordei que naquele dia Vera, quando terminou o concerto, desceu para o andar de baixo da casa para um pequeno coquetel que oferecia, mas, ao descer os degraus, Vera caiu, e eu lhe conheci nessas circunstâncias. Bem, eu não participei na recuperação desse momento de Vera, porque eu não lhe conhecia muito bem, não conhecia as pessoas que estavam ali, e claro havia outros profissionais que em seguida atenderam a Vera para fazer-lhe algum tipo de terapia. Foi nessa oportunidade que conheci a Vera em sua própria casa, ao retorno dos anos... deve ter sido pelos anos 1985, 86. Depois via a Vera em outras circunstâncias, também em visita, todavia não como terapeuta dela. Praticamente eu como terapeuta de Vera eu fui pelos anos 90. Ela estava retornando, havia retornado da Europa e havia tido um acidente e então parece que lhe fizeram um trabalho em suas costas, um trabalho terapêutico, mas teria que retornar a Quito em breve, porque não podia permanecer muito tempo na Europa, de tal maneira que eu trabalhava naquela época com um mestre oriental a quem lhe deu a Vera, que tinha contato com Vera, e a pessoa com quem eu trabalhava, com essa pessoa que era meu mestre, fomos à casa de Vera e desde aí eu comecei a fazer terapias de recuperação do corpo por causa das costas que se contundiram. Então desde aí eu comecei, porque me pediu que eu lhe atendesse e naquela ocasião eu lhe atendia 3 vezes por semana, segunda, quarta e sexta-feira, e recuperou muito, recuperou muito e desde aí praticamente até quando faleceu eu vinha semana a semana atendendo-lhe em duas vezes, segundas e sextas.

Telma: de que forma você via a saúde da Vera?

Fabian: A saúde de Vera?

Telma: Sim.

Fabian: A saúde de Vera quando eu comecei a lhe atender era um pouco debilitada. Era um pouco debilitada. Não caminhava corretamente, usava bengala, utilizava bengala. Eu tinha uma anedota dessa época quando eu comecei: Vera era muito disciplinada, demasiadamente disciplinada, com um espírito totalmente europeu, além de europeu nórdico, e ela gostava que as coisas funcionassem como ela pensava que teriam que funcionar, de tal maneira que me disse: Fabian, nos vemos nos dias que havíamos mencionado às 9 da manhã. Eu não estou acostumado a esse tipo de trabalho, porque meu trabalho é um pouco difícil, eu não trabalho com horário, com tempo, porque eu posso demorar com uma pessoa muito tempo e me interessa que uma pessoa que eu demore muito tempo, então eu não sei a distância em tempo porque depende do que pode acontecer. Um dia eu posso chegar a tempo outras vezes não posso chegar a tempo. De tal maneira que ao meu paciente eu dou uma hora referencial, mas pode passar às 10, ou às 11 ou pode ser que seja às 9:04, eu lhe atendo, ou pode ser às 11:20, ou pode ser às 11 em ponto. Mas ela gostava do relógio. Então dessa maneira eu dizia que de alguma maneira eu tinha que lhe romper esse esquema de Vera, porque eu sempre pensei que a flexibilidade é muito importante no processo da vida. Eu ia lá e com muita frequência se repetia nos meus ouvidos: seja flexível como água. E eu gostava dessa, digamos repetição que ouvia de mim mesmo. Então, eu via que Vera era muito disciplinada nesse sentido e a anedota é a seguinte: Eu disse, bem eu quero romper esse esquema de Vera, para que ela se sinta bem. E um dia me propus a chegar em outra hora, que não era a combinada, e cheguei às 11 da manhã. E muito aborrecida me disse: teu tempo se acabou, Fabian! Sim, então eu lhe disse: não, não meu tempo não se acabou, o tempo que se acabou é o seu! (risos), então eu me despedi e lhe disse: até mais! E não a vi durante um ano.

Telma: um ano?

Fabian: um ano não lhe vi! Então como ela não estava bem, vinha uma pessoa, vinha outra pessoa, vinha outra pessoa, e parece que ela não gostava. Então, como se humilhou um pouco, humilhou entre aspas, porque tinha bastante orgulho. E...então isso era bom, então mandou me chamar de novo. E desde aí estive a lhe atender até a sua morte. Ela foi como minha mãe, uma espécie de mãe, uma segunda mãe e claro ela também me via como um filho varão que não teve. E comigo se aproximava muito bem, muito bem. Assim, então, sobre a saúde dela foi recuperando, recuperando e eu posso dizer que até o momento que faleceu sempre esteve em ótimas condições. Mas era no transcurso de tempo que me conheceu e também a que estive muito próxima de mim, ela me pedia, me dizia: Fabian, a única coisa que lhe peço é que me ajude a morrer com dignidade. Então eu sempre também recebi esse pedido de Vera e sempre pensei nesses termos, porque morrer com dignidade é morrer em sua casa, morrer em sua cama, rodeado de seus familiares e com muito amor. Assim se deve morrer realmente. Essa é a morte

digna e assim se cumpriu, digamos, esse pedido. Assim creio ter participado... Vera tinha sempre esse pensamento, de morrer com dignidade (choro meu e dele).

Telma: Você a viu antes do falecimento?

Fabian: é... bem, eu vi digamos o processo de desencarnação, que eu chamo, é...eu digo, ela completou os 100 anos e depois já estava no mês de abril e, claro, estava muito consciente que teria uma espécie...uma espécie de...compromisso com ela mesma de completar os 100 anos, logo tenha o compromisso com os familiares que queriam ver a mãe completar 100 anos, tinha essa ideia de que os familiares também ficariam contentes de ver ela cumprir 100 anos. Sim. É...ao redor dela estava muita gente, muita gente e essa gente também, a aspiração também era que Vera completasse 100 anos, de tal maneira que se armou uma festa bem grande e os últimos tempos antes das reuniões, como tinha muitos compromissos, muitos compromissos com jornais, televisões, com gente chegadas a ela e isso lhe fatigou muito, lhe cansou. Então eu vi digamos, tudo isso e vi nos últimos tempos, antes das reuniões, para festejar os 100 anos, que isso era um esforço para chegar aos 100. Isso era um esforço. Então eu estava numa reunião, na primeira que foi muito bonita, a primeira dança, dançou comigo (risos nossos). E permaneceu desde às 4 da tarde, e eu não pude estar desde às 4 da tarde por compromissos que eu tinha. Eu cheguei às 8 da noite quando começou justamente o baile e a música e ela permaneceu muito ativa até as 12 da noite. Em pé e dançando e desfrutando de sua festa. E bem quando acabou a festa os dias que vieram, eu senti que ela estava cansada e uma baixa no seu orgânico, na sua saúde. Eu tenho a possibilidade de ver os órgãos, de como está as vibrações dos órgãos internos, do que aprendi da medicina oriental, então tenho bastante experiência nisso e bem, vejo que algo lhe sucede, e nesse caso vi no corpo da Vera, eu vi que os órgãos baixaram, baixaram muito energeticamente e claro ela já não podia se manter em pé. Ela já estava na cama... E bem, em uma semana, permaneceu nesse estado, mas para minha surpresa foi quando a via na próxima semana, daquele em que estou contando, e... tomei seus pulsos e havia subido a energia de forma extraordinária e se percebia ela já com outro ânimo e conversava, e dialogava, e comigo teria, digamos, muita aproximação, como lhe disse anteriormente, e conversava muito, ela não conversava muito, mas comigo sempre conversava. Ela me dava temas, temas assim de conversação (risos). Então eu conversava e era bonito aquilo, o contado que tinha com a aceitação que ela tinha comigo. E... bem, logo depois dessa subida energética de seus órgãos, seu pulso em melhor estado, mas tampouco durou muito, digamos, assim. Cada um tem uma forma distinta de morrer. Não morremos da mesma maneira. Vejo toda uma forma muito especial de morrer. O que posso dizer é que estive sempre de maneira muito consciente. Muito clara, muito animada, nunca entrou em processos que tenho visto em outras pessoas e isso se deve a sua força mental, a sua força espiritual que já tinha.

Telma: você considera que ela ficou lúcida até o último momento?

Fabian: até o último momento. Eu lhe vi na quinta e ela morreu na sexta. Eu estive com ela na quinta e estava com ela nas últimas semanas quase todos os dias, quase diário eu lhe via e claro via também que começava novamente a baixar os órgãos, o ânimo também baixou, e começou a fechar os olhos. Mas quando eu chegava para lhe fazer a terapia, se animava e conversávamos um pouco e também na quinta, também como uma anedota, ela... bem quando eu ingressei na casa de Vera, me encontrei com uma de suas filhas que me disse um pouco assustada, me disse: ela está vendo visões, está variando. Mas, como eu sei, digamos, que sei que acontece nesses processos, não quis dizer a sua filha, pela forma que estava, mas eu pensei, isso não é estar variando, isso já é o processo de morrer, de começar a morrer, ou de desencarnar, isso é quando outro corpo se põe a manifestar, porque já começa a parar a parte física, outro corpo se põe, como se fosse em outra dimensão, então é claro, eu, com isso que me disse a filha dela, lhe perguntei: Verita quem está lhe visitando? Então ela me disse: é um senhor de Viena, é um senhor de Viena que se senta no pé da cama. Eu pergunto: você o conhece? Não, não é a primeira vez que lhe vejo. Eu, eu lhe digo: mas quem é? Ela: me disse que é um advogado, um advogado que não tem trabalho. E ela continua: ele conseguiu um trabalho em um circo e a sua função dele é dar a mão a apresentar a bailarina (risos nossos), bem, eu digo: claro isso se manifesta em outra dimensão, uma dimensão que eu já não...eu... isso está vinculado com a parte é...astral que chama. Então é como se fosse outro corpo que tem a pessoa. Claro ela está numa quarta dimensão donde está uma quantidade grande de fantasmas e também tem suas próprias fantasias dentro. E de seu corpo astral pode ver em contato com esses seres que lhe habitam nessa dimensão. Isso para mim foi o que se passou. Isso foi o que se passou, digamos, com Vera.

Telma: você em outro momento comentou comigo sobre quando não há mais o que fazer pela vida, você trabalha para a morte.

Fabian: sim! Sim, sim, bem eu entendi assim dentro do processo educativo que eu tive, do processo de conhecimento que eu tive, sempre pensei que o ser humano tem um tempo para viver e tem um tempo para morrer. Então eu vejo muito claramente quando eu tenho que trabalhar pela vida de uma pessoa e o fazer. Mas quando eu vejo que já a pessoa já não estava nesse momento para a vida, então eu me disponho a trabalhar sobre a morte. Então isso foi o que também fiz com Vera, não?

Telma: isso é um trabalho muito bonito.

Fabian: sim, sim, sim, sim. É um trabalho simples. É um trabalho, como, diria eu, de essência a essência.

Telma: e o seu trabalho é sempre com as mãos, sempre massagem...?

Fabian: eu sempre trabalho com as mãos, trabalho com agulhas, acupuntura, trabalho também conversando, porque isso é muito importante, o diálogo, estar ao nível do paciente, entender o paciente não desde o meu ponto de vista, mas na instância da vida do paciente. Então eu trato de

perceber o que está vivendo a pessoa e dessa perspectiva talvez com o que descubro o que eu tenho que fazer.

Telma: é isso Fabian. Acho que já nos atende. Muito obrigada!

Fabian: para mim foi igualmente uma satisfação, conversar um pouco sobre a vida da Vera e também, digamos, que de alguma maneira me trazer para o cotidiano, porque eu trabalho com isso cotidianamente.

Telma: muito obrigada!

Anexo 7

Transcrição da entrevista gravada em MP3 com Márcia Valarezzo em Quito no Hotel de La mancha em 17/07/2012.

Duração parte 1: 18:32 minutos. Por ter terminado a bateria, fizemos em dois dias seguidos.

Telma: Hoje é dia 17 de julho de 2012, estamos em Quito, Equador, aqui com Márcia Valarezzo, a pessoa que escreveu o último livro de Vera e gostaríamos de ouvir dela esse registro. Ok, Márcia?

1. Márcia: Muito bem. Obrigada (risos).

Telma: Como conheceu Vera Kohn?

2. Márcia: Eu acho que mais ou menos 1987, uma vez que passava na casa dela, porque eu soube que haviam palestras, acho que eram às quintas à tarde. Então eu entrei e escutei. Não lembro que palestra era. Mas a partir daí eu sempre que podia passava na casa da Vera, todas as vezes que conseguia, sempre que eu tinha tempo e foi assim que eu conheci a Vera.

Telma: E quando você foi acompanhando a Vera, já que é desde 1987, já tem muito tempo, Né? Como você, em que momento, o que você percebeu do desenvolvimento dela, o que lhe chamava atenção?

3. Márcia: O que eu gostava sempre da Vera era essa abertura em encorajar as pessoas a serem elas mesmas. Era maravilhoso, porque ela era mais velha que a gente e ela sempre tinha ideias novas. E sempre estava perguntando e questionando: Você está aproveitando a sua vida? O que você está fazendo pela sua vida? Essa era a coisa que sempre, sempre eu gostava, porque quando eu assisti algo que ela abriu, eu imagino que foi dela a ideia de fazer o “congresso da construção da consciência psicológica dos tempos da conquista”. Aí fizeram um seminário da Psicologia europeia, a Psicologia desse momento dos indígenas daqui do Equador e a Psicologia da mestiçagem. Isso foi fantástico. O ano? Eu imagino que 1990, ou por aí. Então eu achei isso muito, muito interessante, porque eu mesma que sempre tinha o conhecimento das coisas terríveis que os espanhóis fizeram. Então aí eu mesma consegui, nesse seminário, perdoar os europeus.

Telma: Você acha que a forma que ela viu a vida ajudou a você a perdoar a sua própria colonização?

4. Márcia: Exatamente! Aí compreendi muitas coisas que eu não tinha pensando. A gente como que sabe, mas não sabe. Como eu não tinha tido consciência, então fica sem saber e aí depois até... Foi muito interessante, porque o sentimento para com os europeus foi de compaixão. Pobres europeus já que eles estavam num tempo tão conservador, tão fechado que tudo ia mal para eles, no momento da conquista da América. Então quando vieram para cá, ver um povo muito livre, muito aberto, ficou tão mal para eles que a única coisa que conseguiram foi reconhecer, nesses povos novos, ver a maldade. Por exemplo: de focar os nus. Porque o

corpo para eles tinha que ser coberto. E nós aqui estávamos sem roupas. Então para eles isso foi muito, muito diabólico. Por isso mataram muita gente. Aí eu pude compreender por que eles acharam a nudez algo tão ruim. Por exemplo, em nome da cruz eles tinham que eliminar a maldade que eles viam. Então dando conta disso, foi como nós sentimos: compaixão.

Telma: Você acha que era uma visão dela? Você acha que essa visão dela sobre o Equador é que pode ajudar você? É isso?

5. **Márcia:** Isso me ajudou muito. Nesse tempo eu já era guia de turismo e para guiar temos que aprender a história. E até então só tinha aprendido as maldades que eles fizeram, mas não havia compreendido o porquê.

Telma: Ela trouxe uma visão europeia do outro lado?

6. **Márcia:** Ela trouxe essa visão, mas também esse seminário não foi somente isso. Foi um trabalho muito lindo da Vera, porque as pessoas que fizeram a investigação psicológica dos povos eram Martha Macias e não lembro muito bem quem eram as outras pessoas. Entre essas pessoas dividiram os temas. Quem vai estudar a psicologia dos europeus? Quem vai estudar a psicologia dos indígenas daqui e dos mestiços? Então foram três pessoas bem próximas da Vera e com o acompanhamento da Vera que coordenava esse trabalho. Eu adorei esse trabalho.

Telma: Como você vê a Vera como pessoa? E como profissional? Você acha que essas duas coisas são próximas? O jeito dela agir, o jeito dela trabalhar?

7. **Márcia:** Sempre era muito admirável ver uma pessoa tão aberta e tão dada aos outros e com a idade dos pais, dos avós. Sim, porque normalmente você esperaria que uma pessoa dessa idade, que já tenha ficado tranquila em casa e que não questionasse nada. Mas, sempre com a Vera era: por que e por que e por que. Na política, na educação e sempre puxando as pessoas. Para mim sempre perguntava: e, você, por que não está trabalhando com o governo? E você por que não está dando aulas de uma coisa, de outra coisa? Por que você não dá palestras sobre o que pensa. E por aí ia. Então eu acho que é interessante mencionar agora que uma vez eu falei para ela: Vera porque eles sempre pedem para mim os doutorados e eu não tenho doutorado, então eles não acreditam que possa pensar sem o doutorado. E ela falou: quer saber de uma coisa, eu não tenho o título de doutora (risos). Ela mesma não tinha. E dizia, eu não sou doutora. Diante dela, tinha que estar sempre muito acordada.

Telma: Isso era muito presente nela?

8. **Márcia:** Muito presente.

Telma: você começou a ... você que fez esse último livro com ela, né? Como é que foi isso?

9. **Márcia:** Bom, como eu já conhecia ela, eu não havia ficado muitos anos perto do CDI, eu conheci ela, eu fiz esse seminário. Eu fui convidada para os seminários que fizeram no CDI. Esses eram os tempos que eu ficava um pouco mais perto dela. Porque eu não sou psicóloga e não é minha vocação ser terapeuta, então como eu sabia que era um centro de terapias, eu só ia quando havia algum evento. Só. Mas depois, quando eu participava de um grupo ecológico,

porque eu sou ecologista, nesse grupo pediram para mim, por meio de uma organização de mulheres, que fizesse uma semana ecológica para um grupo de mulheres. Foi aí que eu pensei: vou convidar a Vera, pensando que ela poderia falar dos sonhos. Porque eu já tinha assistido a atuações da Vera tratando de sonhos. E eu ficava atenta aos meus sonhos. E já tinha sabido também, através dos conhecimentos indígenas, a importância dos sonhos. Porque os indígenas, especialmente na Amazônia, eles acordam às 4 horas da manhã e enquanto a mulher prepara o chá, a família toda começa a contar os sonhos para encontrar o sentido que os outros pudessem ter dos sonhos. E aí quando eu encontrei a Vera falando da mesma coisa, eu achei muito interessante. Foi aí que eu pensei que seria bom para essas mulheres nessa proposta do curso que eu ia trabalhar, convidar a Vera para ela explicar a importância dos sonhos. Foi muito interessante para mim e para as mulheres também e depois disso eu ajudei a Vera a fazer uma semana, não a cada semana, mas uma vez por mês, fizemos algum tempo, reuniões somente para falar de sonhos. Convidando outras pessoas para isso. Ela colocava num salão 10 mesas e fazia grupos. Pedia que os alunos conduzissem o trabalho, um em cada mesa para dirigir e ajudar a interpretar os sonhos. E em algum momento isso acabou, não sei por quê. Depois desse trabalho com as mulheres, durante o percurso de volta à casa da Vera, ela falou para mim da holística e me perguntou: Você quer trabalhar comigo para começar a fazer um congresso holístico? Foi a primeira vez que eu escutei a palavra holística. Ela explicou o que era holístico e eu disse que gostaria sim de trabalhar com isso e aí comecei a assistir às reuniões sobre o congresso até finalmente eu ficar organizando o congresso. Fiquei 4 meses trabalhando todos os dias na casa dela, organizando e inventando como realizar o congresso.

Telma: E aconteceu em que ano?

10. **Márcia:** Esse aconteceu de 26 a 30 de outubro de 1992 e tivemos 200 participantes. Foi uma maravilha! Trouxemos palestrantes, primeiramente Pier Weill do Brasil e não me lembro muito os nomes dos outros, um alemão, um mexicano, um peruano, do Chile, da Espanha e outras pessoas do Equador.

Telma: Pelo que eu li no livro *Sugerencias* você teve o privilégio de ouvir dela as sugestões e também falar dos 100 anos. Coisa que não é muito fácil de encontrar, uma pessoa de 100 anos falando sobre a vida. Como você viu isso? Como vivenciou e como percebeu isso tudo?

11. **Márcia:** para mim nunca foi uma sensação de que eu estivesse com uma pessoa de 100 anos. Para mim sempre ficou a sensação de estar com uma pessoa muito, muito mais jovem, porque a mente dela era muito jovem. Então mesmo quando estivemos escrevendo, ela também ficava em cima de mim perguntando o que eu estava fazendo (risos). Como está aproveitando a vida?! Então não parecia uma pessoa de 100 anos.

Telma: Você percebia nela ainda projetos?

12. **Márcia:** Claro! Ela era muito aberta comigo, eu achava que ela tinha confiança, muita confiança e mesmo assim desde o congresso, a cada vez que eu estava com ela e havia outra

pessoa, ela falava: Ela organizou o congresso Holístico. Eu percebia muito a confiança dela em mim e para mim era como se eu estivesse falando com outra pessoa, talvez muito jovem, que sempre ela falava e sempre esperava, não é uma mudança e sim transformação. Muitas vezes ela repetia: não é mudança é transformação.

Telma: Que projetos você conseguia identificar nela ali quando estava com você?

13. **Márcia:** Por exemplo, ela sempre queria transformar a educação, os professores, a política e, às vezes, como eu sou ecologista sempre, ela escutava as notícias e depois vinha comigo para ver o ponto de vista dos ecologistas sobre as notícias (risos). O que você acha desse político? O que você acha dos petroleiros? Por que essa política assim? E você já falou isso para eles? (risos).

Telma: Então enquanto você transcrevia o que ela dizia para o livro, ela estava sempre pensando em algo para o futuro?

14. **Márcia:** Sempre. Era lindo porque para os 100 anos ela já pensava e projetava que ia fazer 100 anos. E perguntava: Márcia, o que você acha? Como você acha que eu teria que celebrar os 100 anos? E dizia, porque eu não celebraria!

Observação: a entrevista foi interrompida aqui porque acabou a bateria do gravador. E no dia seguinte, continuamos após a troca da pilha.

Entrevista Márcia Valarezzo continuação dia 18/07/2012

Parte 2 - Duração 40:59 minutos

Telma: Bom dia Márcia! Vamos continuar a nossa conversa sobre Vera Kohn e hoje é dia 18 de julho de 2012.

15. **Márcia:** Bom dia!

Telma: Nos últimos anos, quer dizer, no último ano de vida da Vera, de janeiro de 2011 até setembro de 2011, o que houve nos encontros com ela?

16. **Márcia:** no último ano, quer dizer de janeiro a setembro de 2011, ficamos escrevendo e, em outubro, novembro e dezembro, foi para a revisão da escrita, e todo o trabalho que já tinha sido feito na imprensa, escolhendo todos os detalhes etc. Aí consegui publicar na primeira semana de março. Como nós duas queríamos, porque ela ia fazer aniversário dia 23 e praticamente 15 dias antes o livro ficou pronto.

Telma: 15 dias antes ficou pronto o livro e aí vocês lançaram o livro no CDI no dia do aniversário de 100 anos de Vera.

17. **Márcia:** sim.

Telma: Nesse período que você acompanhava a Vera como era para você conversar com essa senhora?

18. **Márcia:** eu lembro que a cada dia que eu tinha que ir a casa dela a única coisa que ia acontecer é que eu tinha que esperar ela. Imagino que em outras épocas ela era muito pontual, mas agora eu tinha que esperar que ela se arrumasse, que tomasse café da manhã e subir as

escadas e tudo, mas para mim tudo era novidade e pensava: hoje o que será que vamos falar? Porque, às vezes, ela pedia para eu ler o que escrevemos no encontro anterior. Mas, muitas, muitas vezes, ela já tinha outra ideia. Então ela entrava e perguntava: E agora que tem a Márcia comigo? (risos). Olá Vera, como está? Eu a abrigava porque ela não queria ajuda. Mas eu tinha aí uma manta e colocava sobre ela. E sempre agradecia. Nunca rejeitou. Então aí eu ficava tranquila, agora já estava abrigada e tudo mais e então vamos falar. E muitas vezes eu achava que ela já havia criado uma outra coisa depois da última vez que tínhamos nos encontrado, na sessão de terapia, no dia anterior. E começava: Olha Márcia, ontem veio uma pessoa aqui falando disso... Então eu dizia a ela: então vamos escrever sobre isso e aí começava. Então em cada sessão, praticamente, que nos encontrávamos para escrever, era outra temática, outra coisa. De forma que eu nunca sentia que era uma mulher de 100 anos que estava falando comigo, era uma pessoa jovem, porque ela no princípio comentava, por exemplo, se havia alguma notícia mundial sobre alguma coisa importante, sobre política, sobre ecologia, sobre educação, sobre o governo, jovens, ela sempre contava a notícia e perguntava: e você que acha disso? Então eu dava minha opinião, e nesse tempo, tivemos aqui no Equador um problema nas comunicações. Os comunicadores tiveram muitos problemas com o governo, porque os comunicadores dos jornais, porque eles inventam qualquer coisa, qualquer mentira para fazer com que o governo ficasse desacreditado diante do povo. Então (Raul) Correia (presidente do Equador) ele começou a censurar o jornal e exagerou para o outro lado. Ele proibiu de um jeito que não era correto. Então a Vera se preocupava com isso. E perguntava: o que você acha disso? Então ela ficou tranquila quando eu falei para ela que eu achava correto, porque os jornalistas têm que falar a verdade, ninguém deveria inventar qualquer coisa. Eles têm que falar sem inventar notícias sem investigar se são verdadeiras. Então ela ficava tranquila quando eu dava minha opinião. (risos)

Telma: ela tinha sempre um comentário sobre a política, sobre o que estava acontecendo na comunidade. É isso?

19. **Márcia:** exatamente isso. E também, às vezes, reclamava sobre as mudanças dos impostos... ela sabia tudo e dizia: só porque agora vamos ter uma aeroporto, acham que podem aumentar meus impostos, porque eu tenho uma propriedade perto do novo aeroporto. E eu dizia a ela: assim funciona o mundo! De muitas coisas que reclamava, eu dizia a ela: lembra que isso tudo tem relação com o ser humano. Porque o ser humano é o mesmo em todo lugar e acho que até a corrupção é globalizada. Então não era só um problema dos equatorianos, mas é um problema comum dos seres humanos. Onde há seres humanos, tem que esperar coisas assim (risos). Isso foi o que conversamos dessa vez.

Telma: sobre estar com ela nesse período final, com quase 100 anos, você percebia que ela tinha projetos de vida?

20. **Márcia:** ela tinha sim, sempre esteve preocupada pelo CDI, a instituição que ela criou e muitas vezes pela bagunça que aparecia aí. Acho que para ela era complicado entender como que os jovens, com muito mais formação intelectual, não conseguiam fazer as coisas de um jeito melhor. Eu acho. Eu imagino que ela comparava com os tempos dela nessa idade. Imagino isso. E quando ela sempre falava sobre o projeto que ela coordenou no Equador, o projeto “Para um Ecuador sano e desperto” teria que estar atendendo muitas pessoas, muitas mesmo a cada dia, lá no CDI de Tumbaco.

Telma: Esse projeto foi um projeto de governo?

21. **Márcia:** Não, não. Eu não estive no projeto no princípio, porque eu só fiquei mais perto da Vera e do CDI nos dois últimos anos participando da diretoria, só. Antes não. Como eu não sou terapeuta, então nos outros anos eu só aparecia quando havia alguma coisa importante. Só aí soube detalhes desse projeto. Mas esse projeto foi criado pela Vera junto com as terapeutas. Quando foi criado, a intenção foi de trabalhar em conexão com o governo e com a prefeitura dos pequenos povos que estão no vale, como Tumbaco, Cumbaia, Puembo etc. Então o contato com o governo era para saber onde estavam as escolas, onde havia os grupos de pessoas, onde estão as comunidades e apenas isso. Para conseguir as pessoas com quem trabalhar. E... ela ficava muito preocupada, porque as pessoas que estiveram com ela na época que eu fiquei na diretoria não estavam fazendo um trabalho bom. Mesmo com a formação que ela havia dado a eles. Mas ela mesma, o que eu a admirava por isso, ela mesma ia para todos os lugares e trabalhava muito e ia a todos os lugares. Quando eu chegava para trabalhar com ela, ela dizia: ontem eu tive um convite para dar uma palestra numa escola, lá havia tantas mulheres, tantas professores... Sempre, sempre ativa.

Telma: Sempre disposta.

22. **Márcia:** Disposta. Ela dizia, eu vim da universidade (dava aulas uma vez por mês na universidade andina até o último ano de vida). Mesmo quando estava na diretoria nos últimos tempos, eu fiquei encarregada da escola. Na escola outras pessoas estavam dando outras matérias. E uma das pessoas adoeceu e não voltou e eu tive que começar a trabalhar com a escola e fazer o que eu achava importante. Então eu contei a Vera e Puca (Jorge Palhares, diretor do CDI) e disse que se eles são as pessoas da iniciática, eles devem saber o que tem que ser feito. Por fim, Puca me disse que até que enfim eu escutei alguém falar da iniciática como ela deve ser feita. A iniciática está baseada no trabalho de Durckheim teoricamente e a formação em psicografismo e sonhos que é como trabalha a Vera. Essa é a iniciática e tem que conseguir o autoconhecimento e autodesenvolvimento das pessoas. É isso a iniciática! Então vamos ficar com isso. Foi aí que eu terminei com as outras matérias. As outras coisas as pessoas podem conseguir nas universidades e em outras instituições, mas eu dizia para eles a Vera é única. Por que vocês acham que as pessoas vêm do Brasil para cá para serem atendidas por ela? Porque a Vera é única! Ela não está na Argentina, nem Chile, nem Colômbia, ela está aqui em Quito,

então temos que aproveitar a presença dela. Aí apareceram mais alunos. Aí quem se complicou fui eu... como vou fazer? Eu disse a ela: não quero mais trabalhar com isso, Vera! E também não queria colocar mais um horário de trabalho para ela. Perguntei a ela: o que vamos fazer agora? E ela me respondeu: junte todos, mas ninguém vai ficar de fora. Juntei todos conforme me solicitou e depois escutei que reclamavam que eram muitas pessoas juntas, e algumas pessoas saíram, foram embora. Mas, sim, ela trabalhou até o último momento.

Telma: que frase que ela deixou registrado nesse livro caracterizando que ela estava presente intelectualmente e emocionalmente?

23. **Márcia:** eu acho que o sentido de nós somos o cosmos. E o cosmos não é estável, permanente, que sempre está em mudança. Então de um dia para o outro já mudamos.

Telma: você percebia isso na vida dela?

24. **Márcia:** Sim, eu podia perceber e também na linguagem dela era: nada é permanente. A única coisa permanente é a impermanência. Então tudo está mudando, ela em espanhol temos um câmbio que é mudança, mas ela falava que não era só cambiar, porque cambiar era mudar de lugar, e sim transformar, porque esse objeto já não era mais o mesmo, ele já trabalha de outro jeito. Acho que a intenção dela era colocar nas pessoas essa consciência de transformar e não ficar mais na mesma coisa... sofrendo pela mesma coisa, já passou, transforma. Agora não é sofrimento, agora pode ser alegria ou outra coisa, libera. Isso era o mais importante que eu percebera. Liberar.

Telma: O quanto o desenvolvimento dela auxiliou no seu desenvolvimento?

25. **Márcia:** interessante...(risos). Deixa eu pensar...Bom eu acho que enquanto estivemos juntas eu aproveitei para fazer trabalhos pessoais apenas duas vezes, porque eu acho que já havia mudado muito com a formação holística desde o congresso e também a formação que já tinha do Brasil na Unipaz. Eu havia trabalhado muito, eu mesma, porque fiquei sozinha muitas vezes na Unipaz e não tinha terapeuta, não tinha ninguém para compartilhar nada e todas essas coisas que iam se removendo em mim mesma. Aprendi a trabalhar sozinha.

Telma: Mesmo que não fosse numa sessão de terapia com Vera, você percebia que o desenvolvimento dela como pessoa no mundo lhe transformou em alguma coisa?

26. **Márcia:** Claro, o mais importante da sua pergunta anterior eu respondo que nas duas vezes que eu trabalhei com ela uma das coisas superimportantes para mim foi descobrir que ela falava que era básico na vida de uma pessoa a confiança na mãe. E nos desenhos que eu fiz, ela achou que eu não tive suficiente confiança e eu acreditei e para mim foi bom ter consciência disso e percebi que havia passado o tempo de sofrer por isso. Mas foi muito importante adquirir consciência disso. E para mim provavelmente já passei o tempo de culpá-la disso. Eu pude compreendê-la. A minha mãe teve 9 filhos e eu sou bem do meio. Quatro acima e quatro abaixo. Eu era muito inquieta, fazia só o que queria e sabia da falta de confiança da minha mãe e foi importante trabalhar isso.

Telma: Como foi para você concluir o livro *Vera*?

27. **Márcia:** Começamos a trabalhar duas vezes por semana em janeiro de 2011 e em setembro quando fomos trabalhar no livro, eu senti como uma intuição que já era hora de parar. Eu falei para ela: Vera, aqui vamos parar para revisar, porque ainda há muito trabalho a fazer para o livro ficar pronto. Mas ela ficou revoltada e disse: ainda quero escrever. Então eu falei: muito bem Vera. Isso complementa o que estamos fazendo, então vamos escrever isso de hoje também. E aí ficamos mais duas sessões, e deixava ela falar por mais um pouquinho de tempo e na outra mais um pouquinho, até o momento que falei: hoje vou para a gráfica. Então comecei esse trabalho. Ela aceitou. Eu sempre agradei. Nesse momento eu percebi a confiança, uma confiança clara em mim. Aquela que ela havia achado no meu psicografismo, agora estava presente (risos).

Telma: Essa confiança na grande mãe.

28. **Márcia:** na grande mãe... Bom, também a cada sessão que tivemos para escrever o livro, eu tinha somente uma preocupação: como ela ia subir a escada e descer a escada. Porque ela chegava com a bengala e descia com a bengala, mas não querida ajuda nenhuma e de ninguém. Então eu disfarçava fingindo que estava olhando outra coisa, mas na verdade olhando ela. Então ela entrava e começávamos a trabalhar, mas dona Clemência, que cuidava dela, e o Cesar (o motorista) um dia vieram falar para mim: você, por favor, não fique tanto tempo trabalhando com ela, porque ela tem que ir para a piscina. Eu agradei aos empregados de me avisar, porque eu não sabia que nesse horário ela iria para a piscina. Então eu disse: não se preocupe, porque daqui para frente eu vou ficar olhando a hora e mando ela para a piscina.

Telma: A piscina era hora do quê?

29. **Márcia:** Era hora da natação dela. Sim, ela tinha essa prática. Então quando ia chegando a hora, 10:30 ou 10:45 eu dizia a ela: Vera, vamos terminar, vamos terminando. Às vezes, ela não queria terminar. Ela tinha as ideias ali prontas.

Telma: Ela ficava entusiasmada?

30. **Márcia:** Isso, ela ficava entusiasmada: tem que colocar isso, tem que colocar isso. E depois pedia para eu ler o que havia escrito. Por isso eu estou muito segura de que o que está no livro foi o que ela quis dizer. Procurava sempre a palavra correta, a palavra precisa para transmitir o pensamento, às vezes, mudávamos de verbo, porque em espanhol eu falava, não será isso ou melhor ou o outro. Então quando já era hora de terminar eu falava para ela que já era hora de ir para a piscina. E ela então dizia que terminando essa frase, iria. Terminava e falava: tchau! Isso queria me dizer que já ia embora e muitas vezes, na hora de sair, ficava preocupada, eu dizia Vera, você pode começar a descer, porque vou ao banheiro antes. Era um jeito de eu descer e ter a certeza que estava bem até chegar lá embaixo. Só que, às vezes, quando eu saía do banheiro ela estava parada me esperando para descer depois de mim, com a bengala. Esperando para descer como uma boa anfitriã (risos). Eu descia e ficava escondida lá embaixo até ficar segura

que ela chegou bem em casa. Essa era a única preocupação com ela. Mas o que para mim é tão maravilhoso é quando você está com uma pessoa desenvolvida, quando você está com alguém que já deixou os ciúmes, as raivas, todas essas energias que fazem mal, aí tudo flui tranquilamente. Nunca tivemos um encontro que tivéssemos conflito, foi sempre tudo em harmonia, muito amor dos dois lados, eu acho. Pela confiança que eu podia sentir com ela e pelo amor que eu tinha por ela. Eu a arrumava como arrumo a minha mãe para ficar tranquila etc. e apenas algumas vezes nas sessões não escrevemos nada e ficamos conversando. Às vezes, ela havia atendido uma pessoa com muitos conflitos então ela perguntava para mim alguma coisa sobre o modo de pensar do Equador. Ela era estrangeira e também morou fora depois de já residir no Equador. Então muitas coisas ela ainda não conhecia da cultura equatoriana e aí perguntava para mim: como é que vocês fazem aqui? Como vocês pensam? Por que as mulheres daqui sentem isso? Por que os homens são assim?

Telma: ela queria compreender a cultura?

31. **Márcia:** exatamente. Íamos dialogando para ela compreender alguma coisa e depois da nossa conversa, às vezes, ela dizia, isso não vamos colocar. E claro, para mim era tudo muito interessante que ela ainda ia nadar aos 99 anos (risos). E uma vez eu, quando saí, a dona Clemência falou para mim: que pena que o Cesar não está aqui para levar a Vera na piscina. Então eu saí e quando já havia caminhado um pouco, eu pensei: eu vou levar ela. Eu não tenho carro, mas pego um táxi e deixo-a no hotel (onde está a piscina). Então retornei e falei à dona Clemência: ‘diga à Vera que eu levarei ela para a piscina’. Dona Clemência voltou dizendo que Vera disse que era uma boa ideia (risos). Esperei ela arrumar o material e disse que ali havia muitos táxis. Ela disse que ‘não precisava de táxi, querida’ e disse ‘vamos caminhando, a piscina está bem ali na esquina’. Eu fui caminhando com ela com um pouco de medo, porque os carros vinham rápido e ela começou a atravessar e atravessou e foi. Nesse trajeto fizemos três paradas para ela recuperar o fôlego. Entrou no hotel, sentou num lugar e falou: tchau! (risos). Eu fui na direção do guarda do hotel e pedi para cuidar da senhora. Ele disse: não se preocupe, todos aqui conhecem ela e estamos todos acostumadas com ela na piscina. Sabemos passo a passo o que ela vai fazer. Você pode deixar! Vai embora. O interessante de tudo isso é que ela não aceitava ajuda. Ela quis fazer até o último momento o que ela podia fazer. Não deixava para outro fazer o que ela podia fazer. Por isso ela escreve esse capítulo que fala que temos que aproveitar aquilo o que ainda temos na vida. Ela ficava magoada quando as pessoas ficavam fixadas nas suas próprias dores, na doença, num problema com o filho, o marido, qualquer coisa. Na verdade ela ficava centrada no problema, buscando perceber o que seria a melhor solução para aquela pessoa. Vera se centrava e ficava atenta ao problema e não só no sintoma. Então estar presente no momento que você está solucionando o problema, o melhor é ficar presente, inteira, no que você está solucionando. Depois disso deve ter tempo de desfrutar, de deleitar-me em alguma atividade ou um vídeo, qualquer coisa, mas fica inteira. Não ficar

olhando o jardim, a flor maravilhosa, mas com a mente no problema. Eu acho que ela (Vera) fez isso o tempo todo.

Telma: até o fim?

32. **Márcia:** Até o fim. Porque quando ela entrava e falava de algum problema que ela trazia para nosso encontro, ficava inteira, perguntando, procurando entender. Passado isso, dizia: agora vamos escrever. E nesse instante, estava inteira escrevendo. Então assim, eu acho que tive a sorte de vê-la quando ela já entrou num movimento decadente, que foi muito, muito rápida. Eu soube, acho que num sábado, e na segunda que eu queria falar com ela, e quando liguei dona Clemência disse que a doutora (Vera) está na cama. Aí eu fiz todo o possível para visitar ela, mas a família não deixava. Então eu fiz um truque para entrar: disse a dona Clemência que perguntasse à Vera se ela queria me ver e se ela quisesse então eu entraria. Dona Clemência foi e pediu que eu entrasse correndo para vê-la. Com essa ajuda da Dona Clemência, eu entrei sem pedir permissão à família. Quando Vera me viu disse: Olá, Márcia, acho que você está bem, mas você não colocou seu chapéu de costume. Porque sempre que está frio, eu coloco o chapéu. (risos) Eu disse: não, Vera, hoje não coloquei, porque saiu o sol e está quentinho. Ah! Estou como um trapo! Não sirvo para nada. Eu falei: não, Vera! O problema é que você está trabalhando muito. Você tem que descansar. Ela disse: não, eu não trabalho muito. Eu respondi: fica relaxando aproveitar que está na cama e descansa. Ela disse: olha, Márcia, eu não sei se é bom ficar na cama. Aí eu percebi que ela já percebeu que provavelmente era o princípio do final. Então eu falei para ela que eu só trazia boas notícias e por isso queria vir. Então eu disse a ela que o CDI estava se recuperando, que havia pessoas que estavam dispostas a trabalhar muito bem; que os livros estavam maravilhosos e que eu tinha feito contato para vender os livros. Ela estava preocupada com isso e sempre me perguntava sobre isso. Eu respondi que eu não era vendedora de livros, mas a segunda vez que ela falou, eu pensei que ela tinha razão. Trabalhamos para que fossem produzidos 500 livros e todos estavam ali guardados, tem que vender. Foi aí que pensei nas livrarias onde poderia oferecer, fiz o contato, levei as amostras. Dessa forma eu dei para ela as boas-novas. E ela ficou tranquila com as notícias. Depois eu escutei da filha que a Vera havia dito que estava mais tranquila a respeito do CDI. Essa foi a última vez que a vi sozinha, porque numa outra vez foi com toda a diretoria do CDI que eu havia convocado para visitar a Vera porque, ela não está bem. E vamos dar boas notícias para ela. Eu acho que ela não partiu, porque ela está preocupada. Fizemos uma visita, acho que 8 ou 10 pessoas. E a cada uma foi perguntada pela Vera: o que você está fazendo, mas quando vai começar e tudo mais. Ela ficou mais segura que o trabalho do CDI iria continuar. Katya (filha mais nova dela) nos disse que ela estava bem mais tranquila com o CDI. Essa foi a última vez que a vi.

Telma: você soube de algum momento que ela quis sair, depois que ela se recuperou um pouco?

33. **Márcia:** ah sim! Eu soube que ela havia se recuperado uma semana antes, porque eu fiquei ligando só para saber como ela estava, já que era difícil visitá-la, pelo impedimento das filhas. Eu soube pela Adela (coordenadora do CDI em Tumbaco) que contou numa reunião da diretoria... Imagina: Katya estava viajando por Nova York e soube que a mãe havia estado mal e iria retornar para Quito. Perguntou para a mãe o que ela gostaria que levasse de Nova York para ela. E ela disse que queria comer salmão. (risos). Katya trouxe de Nova York o salmão que ela queria. No domingo ela ficou um pouco mais fortalecida e levantou para o almoço e tinha gente de visita, e ela comeu o salmão que ela quis que trouxessem de Nova York. E quando perguntaram para ela o que queria beber, ela lembrou: Ah! Eu tenho garrafa de *champagne* de uma marca muito cara e muito especial. Ela quis abrir a garrafa, brindou e tomou três taças de *champagne* (risos). Celebrando estar presente: agora estou melhor, agora vou celebrar! Que incrível! E não ficando na doença ou na fraqueza que estava antes. Nada! E foi assim que ela terminou. Dando essas lições para todos: a vida tem que ser vivida assim. Cada um tem uma história e é a história que temos na frente e temos que agir, e pronto!

Telma: Muito obrigada, Márcia, por suas informações preciosas.

Anexo 8

Transcrição da entrevista realizada em sua residência em Quito/Equador com Martha Macias, a psicóloga que esteve trabalhando com Vera Kohn como uma das componentes da equipe. Em 18/07/2012. Duração: 23:51 minutos.

Telma: Hoje é dia 18/07/2012, estamos aqui na casa de Martha Macias, uma psicóloga que conhece Vera há muito tempo e solicitamos essa entrevista.

Como foi que você conheceu Vera, ou que levou você a conhecer Vera? Pode nos contar um pouquinho sobre essa história?

1. Martha: o que me levou a conhecer Vera foi através do Zen. Saiu no jornal “Diário da Tarde” que Vera contava sobre uns templos budistas que havia conhecido na China. Isso me chamou a atenção, porque já conhecia algo sobre o Zen e era a primeira vez que em Quito estavam falando disso. Eu estava vindo de Portugal e lá conheci o Zen. Me chamou muita atenção, então fui ver a palestra dela sobre os templos Zen da China. Vera contou sobre sua viagem e quando terminou, Vera com seu poder, e sua personalidade e seu jeito para falar e tocar as pessoas, então eu era bem nova, e Vera veio a mim e me perguntou: de onde você vem? E eu lhe disse que vinha de Portugal. Ela me disse então que seria bom eu vir aos encontros que são todas as terças-feiras. Então eu fui e nunca mais saí dali a três décadas.

Telma: você já era psicóloga nessa época? E você como psicóloga, como você via o desenvolvimento da Vera? Você pode nos contar a sua percepção do desenvolvimento pessoal?

2. Martha: a Vera tinha uma personalidade muito forte que dava muita segurança. Estar perto dela nos dava essa segurança. E os encontros com ela eram sempre com segurança e alegres. Porque ela estava sempre com uma disposição com ânimo, de espírito. Estavam sempre em alta. Essa proximidade dela permitia que todas as pessoas que estavam por perto tinham (ou recebiam) essa força também. Esse jeito de conhecer e entrar nas profundidades do Ser. Com ela era para ir às últimas consequências, não parar. Havia algo que ela dizia: que Cristo foi considerado filho de Deus porque foi até as últimas consequências. E isso era surpreendente, eu entendia que não podíamos ficar na passividade com ela. Isso era surpreendente, tínhamos que agir.

Telma: você considera que ela fez isso na vida dela?

3. Martha: Sim. Ela fez e convidou a todas as pessoas que estavam por perto dela a fazer também.

Telma: você acredita que o desenvolvimento pessoal dela trouxe algum desenvolvimento para o Equador?

4. Martha: Claro. Ela foi o ponto de partida para o desenvolvimento da consciência na vida individual, porque ela sempre falou da consciência individual. Essa consciência pessoal do “Eu” para poder agir e fazer de forma consciente “O Eu pessoal é o Eu profundo”. Só assim é que podemos chegar a algum lugar, tem que sair do coletivo e ter essa noção, essa percepção, essa consciência de sair do coletivo para ser pessoas individuais, como indivíduos.

Telma: a partir disso você pode modificar o coletivo?

5. Martha: sim. É uma coisa muito linda que ela dizia também: nós temos que ser ou somos como as ondas do mar. No mar as ondas estão cada um do seu jeito e todas fazem parte do mar.

Telma: essa convivência com ela você acha que trouxe modificações profundas nas pessoas a sua volta?

6. Martha: totalmente. Mudou tudo. Quando eu cheguei e conheci a Vera e fui me aproximando dela, essa segurança que ela tinha e que dava, porque para ela era o branco no preto, ou seja, aqui é aqui. Essa segurança dela nos colocava ali, com os pés na terra.

Telma: você sentia essa segurança com ela e convidava você a se sentir segura, é isso?

7. Martha: Sim, e também quando ela chegava num lugar ela estava sempre tão presente e tão centrada... Determinada.

Telma: você percebia uma integração da Vera como pessoa e a Vera como profissional?

8. Martha: A Vera profissional quando ela trabalhava, ela sempre demonstrou uma força incrível, e uma convicção, uma fé, e eu acredito que por isso conseguia provocar as transformações. Então isso para mim ia além do intelecto e saber todas as informações. Ela era ligada à totalidade de sua personalidade ajudando para que cada um de nós pudséssemos sair das amarras e ir na direção de algo que buscássemos.

Telma: então ela como profissional, como psicóloga, você sentia que existia uma inteireza? A inteireza pessoal e profissional estavam sempre integrada?

9. Martha: Sim. Era assim. Ela era muito humana.

Telma: e hoje você atuando como psicóloga, o que você percebe de semelhante na sua atuação?

10. Martha: Dela como psicóloga eu aprendi primeiro a ser humana, conhecer-se como ser humano e não ficar propondo as técnicas do conhecimento no outro. Considerar primeiro o coração do outro. Isso era a base de todo trabalho dela, a raiz que é larga e que cresce com o coração. É preciso ter um conhecimento interior para deixar isso ir crescendo e crescendo e deixar perceber que já não há mais separação. Aí então se une sentimento com o conhecimento; se une aquilo que o psicólogo sente com aquela pessoa que você está atendendo, aquela pessoa que está de frente a você. A psicologia dessa forma deixa de ser apenas um conhecimento e sim uma experiência de vida. Aquilo que você põe na outra pessoa, na sua atuação, faz com que aquela pessoa sinta isso acontecendo e se sinta segura e sinta a confiança. Foi isso que aprendi da Vera.

Telma: você acompanhou a Vera como uma profissional muito próxima trabalhando no CDI e depois montou seu próprio espaço de atendimento. Você conviveu com Vera até a morte dela?

11. Martha: Sim. Sempre estive com ela. Ela me acompanhou sempre e quando eu tive meu próprio espaço, ela me ajudou e me disse: Isso é teu e tens que cuidar! Eu sempre tive muita gratidão por isso.

Telma: você considera que Vera se desenvolveu até o fim da vida?

12. Martha: Totalmente. Desenvolveu-se até o último suspiro. Ela se foi embora com essa segurança de que ela cumpriu a sua missão. Essa é outra coisa muito linda que ela dizia: temos que conhecer e saber qual a nossa própria missão. Isso é muito importante.

Telma: você se tornou uma grande psicóloga e muito reconhecida?

13. Martha: não sei (risos). Só sei que eu estou no meu caminho e que ninguém pode me tirar do meu caminho. Isso sim é que estou bem segura e que gosto de estar assim.

Telma: o que você aconselharia que as universidades se preocupassem em ter na formação dos futuros psicólogos? O que você acha que falta na graduação da psicologia?

14. Martha: as universidades dão o conhecimento teórico que é importante e deve ser como os ramos da árvore, mas se a raiz não está bem profunda, bem assentada, esse conhecimento se esvai, cai. Mas se essa raiz, que é a vida mesmo, que é o sentimento de viver a experiência, não está bem arraigada, não adianta, cai. Por isso as universidades têm que cuidar disso.

Telma: Como?

15. Martha: permitir que através da vida do ser humano deve surgir para que a pessoa que vai ter o conhecimento da psicologia, que esteja na universidade, possa sentir realmente que tudo que ela vai fazer quando estiver atuando é criativo. Que o conhecimento se torne criativo, que tenha sempre criatividade. Uma criatividade de espírito, se aproximando do espírito, da alma, sem estar sempre muito preso na matéria e sim na alma, no espírito, que desconhecemos principalmente no mundo de hoje, da modernidade. Hoje dizer alma quer dizer teológico, holístico. Alma para mim não é conhecimento, é algo além.

Telma: uma última pergunta. O que você poderia dizer para mim nesse meu trabalho de mestrado?

16. Martha: ah! Para Telma eu diria que mestrado é uma palavra muito profunda. Ser mestre é um encontro com seu próprio mestre, que esse próprio mestre vai lhe dar esse conhecimento, que não vem de fora, vem de dentro. Desse conhecimento vem o conhecimento do Ser, da alma, do espírito que vai permitir sair um Ser universal. Telma é daqui e se liga com esse Ser, então se torna uma totalidade, ou seja, mandar essa flecha à totalidade e sempre estar aí nessa totalidade.

Telma: Ok Martha! Muito obrigada, agradeço muito a sua participação e quando estiver com o trabalho pronto envio para você.

Anexo 9

Este anexo é um apanhado da temporalidade de Vera, com datas recolhidas do acompanhamento de suas narrativas em todos os documentos: entrevistas, livros, DVDs, programa de televisão.

23/03/1912 - Nasceu Vera Schiller de Kohn em Praga na antiga Tchecoslováquia, atual República Tcheca, em uma monarquia austro-húngara, súditos do imperador Francisco José, que reinou na Áustria por mais de 70 anos. Era de uma família com três filhos. Um irmão três anos mais velho, Ewald, e uma irmã 5 anos mais nova.

1917 - Não se lembra nada até seus 5 anos e viviam na parte antiga, em Praga I. Percebe as vagas impressões pelas obras preservadas de Meyrink, Max Brod, Urzidil e outros escritores. Teve a educação que uma menina rica poderia ter. Do avô materno herdou a crença de um grande arquiteto que mais tarde traduziu em “A grande força cósmica”. A avó materna lembra-se que era generosa, querida e temperamental. A vida de Vera era entre a casa de seus avós maternos e a sua própria casa. Moravam próximos. Quanto ao pai, até chegar ao Equador, a sua palavra era lei. Uma figura divina e infalível. Descreve a mãe como uma mulher romântica, triste e elegante e uma das mais bem vestidas da cidade. A mãe interessava-se pela educação de Montessori, estudava antroposofia e teosofia em livros. Vera brincava de bonecas e lia muitas poesias que tinha que decorar para a família e para a escola.

Impressionava-se com os ciganos emigrantes que dormiam na calçada aguardando soluções. E com isso cada vez que ficava doente colocava todos os brinquedos na cama como se fosse um navio que havia visto em anúncios publicitários. “Imaginava a mim mesma viajando por todo o mundo...”. Hoje penso que os brinquedos são a segurança da criança (Kohn, 2010).

1919 - Sonhou três vezes o mesmo sonho em que chegava a uma praia com palmeiras. Quando chegou ao Equador viu que era exatamente igual à praia de Salinas. Para ela o sonho é atemporal e a ajudou a viajar para outra cultura, para outro continente, para outra paisagem.

1923 - Com 11 anos, tinha muita afeição a sua babá e esta foi trabalhar na casa de um viúvo. “Não pude compreender como alguém tivesse me abandonado por um homem”. Para ela foi uma grande ruptura, uma traição.

Outra ruptura foi a omissão de uma amiga ao negar que estavam todas juntas numa atitude proibida. Ela ficou 50 anos sem falar com essa amiga.

1924 - Participou de uma pequena montagem de teatro sendo o príncipe da peça, e o grupinho chamava-se “O clube dos cinco ursos”.

Ia a cada quinze dias ao teatro com os pais e sempre se sensibilizou pelo teatro. “O teatro era um mundo fantástico de mitos, de irrealidades”. Depois do teatro tinha que voltar à realidade e estar

pontualmente com as mãos lavadas para a ceia em casa. A mudança era dolorosa. Ser uma menina obediente e educadinha era um esforço que só superei depois de muita terapia. *“Naquele tempo, não entendia que meu problema era que eu me identificava tanto com o que sucedia em cena, que me perdia a mim mesma”*.

Karl Kohn era amigo de seus pais quando era criança e ele já era um arquiteto conhecido em Praga, o arquiteto da moda, e 18 anos mais velho que Vera. Ele almoçava em sua casa e era um bom moço, elegante e bem-sucedido. Ela ouvia as conversas dos pais com ele com a curiosidade de criança que se interessa pela conversa dos adultos. Esse moço solicitou aos pais para namorar Vera e ela aceitou conhecê-lo. Mais tarde se casaram.

1935 - Aos 23 anos, teve por dever aprender, com a família de seu marido, as exigências da vida judaica ortodoxa: a cozinha *kosher*. Desde então, deixou de celebrar o natal e se sentiu arrancada da infância. *“O mito fala por osmose no idioma dos ancestrais”* (Kohn, 2010, p. 31).

1935 - Ainda em Praga, nasce sua filha mais velha Tanya.

1938 - *“Pelo rádio, os gritos de Hitler, enquanto no sótão, eles empacotavam as coisas para emigrar.”* Os pais já tinham ido para Londres (Kohn, 2010, p. 33).

“A separação dá lugar a novas uniões, que por sua vez também serão abandonadas. O pensamento dependente cria uma cadeia que não deixa progredir” (Kohn, 2010, p. 34).

1939 - Invasão dos alemães a Praga. Como seu marido já era um artista e arquiteto conhecido, suas obras começaram a ser confiscadas pelos alemães. Pressentiram que iniciaria a guerra, e a perseguição aos judeus já havia iniciado. Para sair de Praga, precisava de uma autorização do governo e teriam que sair do país apenas com US\$300, e carimbado nos passaportes o não direito a retorno. *“A pátria e a língua natal nunca saem do sangue”* (Kohn, 2010, p.38).

“Todas as guerras são consequências da cisão mental e da incapacidade das pessoas para sentir” (Kohn, 2010, p. 41).

1939 - Chegada ao Equador de navio em Guayaquil, na praia de Salinas, com seu marido Karl, sua filha Tanya e mais 18 pessoas da família de seu marido. Escolheram o país que ofereceu abrigo para todas as 20 pessoas da família. Queriam ficar juntos. Ela conta que já havia sonhado com aquela praia. Quando chegou, ficou surpresa ao perceber que era como no sonho dela. O Equador significou a liberdade da perseguição e a paz.

1940 - Chegada a Quito, vindo de trem de Guayaquil. Tanya, sua filha mais velha, nascida em Praga, tinha 4 anos. Vera diz que se encontrou num mundo estranho. Até a lua parecia brilhar ao contrário. O marido logo foi dar aulas de desenho arquitetônico na escola de Belas Artes. Havia um rapaz de 18 anos que seu marido o percebeu como alguém com grande talento: Oswaldo Guayasamín. Essa amizade durou mais ou menos 3 anos.

1942 - Oswaldo Guayasamín pintou um retrato do Sr. Karl, que até hoje está na parede da sala da casa de Vera. Nasceu sua segunda filha Katya.

1945 - Já terminada a guerra, o marido é convidado a retornar a Praga, e ele se nega por não desejar morar em um país comunista. O desejo de permanecer no Equador, após terminada a guerra, foi dele.

1948-1952 - O presidente do Equador era Galo Plaza Lasso. Esse presidente adotou a política de acolher os emigrantes que fugiam do horror da guerra e lhes deu boas-vindas. Nesse período então Vera se naturalizou equatoriana.

1949 - Chegada dos móveis que pertenciam à família e saída de Praga por navio.

1952 - Inauguração de sua casa projetada por seu marido, com móveis também desenhados por ele, que vieram de Praga para Argentina, até chegar em Quito. Durante um ano, mostrava a casa projetada pelo marido. Foi inaugurada pelo presidente Galo Plaza. A casa manteve-se exatamente com os mesmos móveis que o marido deixou e nunca mudou os móveis de lugar. Ela vivia entre os dois mundos: as obrigações da casa e o mundo do teatro.

As diversões em Quito eram o cine Boliva aos domingos à tarde, mas só um filme, não havia televisão, já havia rádio. Havia um diretor de teatro que também era imigrante. Segundo conta Vera, ele não sabia fazer outra coisa se não o teatro, então ele dirigia um grupo de teatro, em alemão. Esse grupo fez uma escola, onde agora é o museu de cera. Esse grupo tinha permissão de atuar. Vera se identificou totalmente com o teatro e os personagens, e considerava as tarefas domésticas muito chatas. Relata que vivia em dois mundos.

1956 - Viaja a Nova York e lá conhece o livro de Herriegel: *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen*.

1957 - Vai à Europa sozinha para visitar sua irmã que vivia em Viena. Ficou lá por aproximadamente um ano. Declamou poesias e deu uma palestra sobre o Equador, em rádio local.

Em Stuttgart encontrou um livro de Durckheim *La Gran Experiência* e o comprou numa livraria. Na orelha do livro, havia o endereço dele. Escreveu a ele solicitando uma entrevista. Havia lido um livro em Nova York sobre *arqueria Zen* e se impressionou. Soube que havia um médico na Floresta Negra, Alemanha, que tinha bons resultados. Ele aceitou recebê-la para uma sessão, já que nunca havia recebido alguém do Equador. Depois soube que ele conhecia o mestre do escritor do livro sobre *arqueria Zen*.

1957 - Na Floresta Negra no Instituto de Desenvolvimento Integral dirigido por Karlfried Von Durckheim e sua esposa Maria Hippus Von Durckheim, na Alemanha. Foi para uma sessão e acabou ficando lá por três anos. Quando se referiu ao *Zen*, Durckheim disse que conheceu no Japão o mestre do autor do livro. Isso foi o suficiente para querer ficar.

1959 - Realiza um trabalho em psicoterapia, com um psicólogo do CDI na Floresta Negra, e numa sala vazia escolhe um objeto para representar a América do Sul e outro para representar a Europa. Escolhe como objeto entre os dois, representando o oceano, uma pele de cabra. Até esse momento considerava o Equador uma terra muito diferente e pensava o quanto a Europa se

distanciava dos costumes do Equador. Nesse dia percebeu que a pele de cabra na verdade unia os dois continentes, e não os separava. Teve uma sensação de integração interna, a partir dessa experiência em sessão terapêutica. Isso a fez perceber uma reorganização interna e a conduziu a um objetivo com a sociedade equatoriana, já sentido uma integrando das duas culturas dentro dela.

Reencontra o marido, depois de quase 4 anos fora de casa, resolve voltar ao Equador. Ela sente que não é mais a mesma que saiu do Equador.

Obs. minha: Na entrevista ela diz que com 46 anos vai à Universidade em Quito. Então as datas aqui não estão precisas. Durante a entrevista comigo, ela já estava com 98 anos e pediu um momento para lembrar qual a idade de ir à Universidade em Quito.

1961 - Retorno a Quito com o término da permissão de pessoas naturalizadas ficar fora do país por 4 anos. 15 dias depois estava indo à Universidade Central do Equador procurando se graduar em psicologia. Tinha 49 anos. O Dr. Endara, coordenador do curso de Psicologia da Universidade, considerou a caderneta universitária de Praga, de 21 anos atrás, e aproveitou alguns créditos. Em Quito, em sua casa, juntou-se a interessados na meditação *Zen* e iniciou um grupo de meditação em sua casa. Esse espaço de meditação permaneceu até o seu falecimento. E ainda depois de sua partida por alguns meses, no mesmo local.

Decide fundar, segundo Mario Lewit, no início dos anos 60, um lugar em que os seres humanos buscadores de uma integração pessoal pudessem encontrar o ambiente e as pessoas que lhes acompanhassem em tal busca. Durante os dois primeiros anos, foi na casa de Vera em Quito, depois, mudou-se para uma casa alugada na rua Rusia, mais tarde para o norte da cidade de Quito, regressando à casa de Vera.

1961 - Inicia seus estudos de Psicologia na *Universidad Central del Ecuador*. Cursou disciplinas em diferentes níveis e levou oito anos para se graduar. Sua monografia final foi sobre a possibilidade de tratamento com esquizofrênicos sem medicamentos, apenas com a terapia iniciática, que havia aprendido com Karlfried Von Durckheim e sua esposa Maria Hippus Von Durckheim na Alemanha e os princípios da Psicologia analítica de Jung.

1962 - Só nessa época soube que o seu pai ideal na verdade era um obcecado pelo jogo de baralho.

1969 - Aos 58 anos de idade completa sua graduação em Psicologia.

1975 - Inaugura, com o padre Marco Vinicio Rueda, o Centro de Desarrollo Integral em Tumbaco, com terreno cedido pelo governo do Equador, para formar um local de atendimento à comunidade com o programa “Por uno Ecuador sano e desperto”. Atendia mulheres violentadas, crianças violentadas, além de outros problemas da comunidade.

1978 - É convidada ao final de sua graduação a ministrar aulas na Universidade Católica de Quito. Foi docente por 12 anos, até uma nova direção não considerar a Psicologia Analítica

necessária à formação do Psicólogo e a demitiu. Nessa época já estava engajada em outro projeto nas tarefas do CDI.

1979 - Falecimento de seu marido Karl em Quito, Equador.

1984 - Recebe “La Ordem Nacional Al Mérito.” Em Quito.

1987 - Primeira vinda ao Brasil no I Congresso Holístico Internacional, no Centro de Convenções, Brasília. Neste mesmo ano, com a inauguração da Universidade da Paz e início da formação holística de base, Vera ministrou anualmente um módulo nessa formação, até o ano de 2009, aos 97 anos.

1987 - Inicia acompanhamento terapêutico com massagens e medicina natural com Dr. Fabian que a acompanha por 25 anos até seu último dia de vida.

Desconheço o início de suas aulas, mas sei que foi em idade avançada na Universidade Andina Simon Boliva, ministrando aulas sobre a terapia iniciática, uma vez por mês. A universidade funciona em módulos. Esses módulos, ministrados por ela, aconteceram até o último ano de sua vida.

2009, 09/07 - Entrevista de 48 minutos a um programa de televisão pública do Equador. O programa é chamado “Palavra Solta”.

2010, 29/5 - Entrevista com Vera Kohn feita por Telma em sua residência em Quito.

2011, de janeiro a setembro, Márcia Valarezzo esteve na casa de Vera transcrevendo o último livro, todas as terças-feiras e quintas-feiras.

2011, 17/01 - Segunda entrevista de Telma Costa com Vera, novamente em sua residência em Quito.

2012, 23/03 - Comemorou seus 100 anos no CDI Tumbaco com a presença de muitos amigos e família. Por volta de 200 convidados, suas filhas Tanya e Katya e seus netos David, Vanessa, Alyosha e Lorenzo. Dançou a primeira música com Fabian D’Avila e, durante a festa dançou, discursou, conversou com todos, riu e festejou com alegria e lucidez o seu aniversário.

2012, 29/06 - Faleceu em sua casa na presença de suas filhas.

2012, 01/07 - Sepultada no cemitério judeu de El Batán em Quito, na presença de muitos amigos e de seus familiares.

2012, 16/7 - Entrevista de Telma Costa com Fabian no Hotel De La Mancha em Quito. Fabian foi terapeuta holístico de Vera por 25 anos até seu último suspiro.

2012, 17/7 - Entrevista com Márcia Valarezzo, no Hotel De La Mancha, em Quito, a pessoa que transcreveu as palavras de Vera, todas as terças-feiras e quintas-feiras, antes do horário da natação de Vera, para seu último livro, lançado na festa de seus 100 anos.

2012, 18/7 - Entrevista de Telma Costa com Martha Macias, uma psicóloga que esteve trabalhando junto à Vera como psicóloga no CDI e inaugurou o CDI com ela.